



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

JULIO CÉSAR PORTELA CORRÊA

GÍRIA:

O UNIVERSO LINGÜÍSTICO DE ADOLESCENTES
INFRATORES DO PARANÁ

Londrina
2008

JULIO CÉSAR PORTELA CORRÊA

GÍRIA:

O UNIVERSO LINGÜÍSTICO DE ADOLESCENTES
INFRATORES DO PARANÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof. Dra. Aparecida Negri Isquerdo

Londrina
2008

Catálogo na publicação elaborada pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C824g Corrêa, Julio César Portela.

Gíria : o universo lingüístico de adolescentes infratores do Paraná / Julio César Portela Corrêa. - Londrina, 2008. 190f. : il.

Orientador: Aparecida Negri Isquero.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2008.

Inclui bibliografia.

1. Gíria - Teses. 2. Delinqüentes juvenis - Vocabulário - Teses. 3. Lexicografia - Teses. 4. Sociolinguística - Teses. I. Isquero, Aparecida Negri. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III. Título.

CDU 800.86

JULIO CÉSAR PORTELA CORRÊA

**GÍRIA: O UNIVERSO LINGÜÍSTICO DE ADOLESCENTES
INFRATORES DO PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo
Universidade Estadual de Londrina
Orientadora

Profa. Dra. Gladis Maria de Barcellos Almeida
Universidade Federal de São Carlos

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 4 de março de 2008.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus que, por Sua Divina Providência, me deu inspiração e sabedoria para todos os momentos de minha vida pessoal, acadêmica e profissional.

Aos meus pais, Maria do Carmo Portela Corrêa e Carlos da Silva Corrêa e demais familiares que, embora distantes fisicamente, sempre me apoiaram e confiaram em mim, possibilitando-me a concretização de mais um grande passo em direção à minha realização profissional.

À minha orientadora, Aparecida Negri Isquierdo, pela compreensão, sábios conselhos e direcionamentos. À professora e amiga Vanderci Aguilera, pelas diversas atitudes de auxílio, apoio e palavras de incentivo. Ao professor Vladimir Moreira, pelas oportunidades profissionais a mim confiadas, além de seu apoio e incentivo. Ao professor Ludoviko Carnascialli dos Santos, por sua valorosa colaboração no Exame de Qualificação. Aos demais docentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEL, pelos sábios ensinamentos durante o período de curso das disciplinas oferecidas pelo Programa.

À fundação CAPES, pelo auxílio financeiro concedido em forma de bolsa, que me permitiu dedicar-me inteiramente a este trabalho subsidiando, inclusive, viagens para coleta de dados.

À minha namorada Solange, que sempre esteve do meu lado, nos momentos bons e difíceis desta pesquisa.

A todos os profissionais que trabalham nas Unidades Socioeducativas de Londrina, de Curitiba e de Foz do Iguaçu, pela ótima recepção e total colaboração nos dias das entrevistas.

Aos jovens informantes que nos permitiram conhecer melhor sua linguagem e sua realidade.

Enfim, a todos que de alguma maneira contribuíram para a realização deste trabalho, os meus sinceros agradecimentos.

CORRÊA, Julio César Portela. **Gíria**: o universo lingüístico de adolescentes infratores do Paraná. 2008. 201f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

RESUMO

Este trabalho investigou a linguagem gíria de adolescentes infratores internados em 06 (seis) Centros de Sócio-Educação do estado do Paraná, distribuídos equitativamente por 03 (três) cidades do Estado - Curitiba, Londrina e Foz do Iguaçu, e teve por objetivos disseminar o acervo vocabular gírio utilizado por esses adolescentes, junto à comunidade acadêmica e à sociedade em geral; organizar um Vocabulário de Gírias de adolescentes infratores do estado do Paraná e analisar linguisticamente o acervo vocabular coletado, além de fornecer subsídios para a melhoria da comunicação entre os diversos profissionais que trabalham direta ou indiretamente com o grupo investigado. A coleta de dados foi realizada pelo autor do trabalho, por meio de entrevistas com 60 adolescentes (20 de cada cidade-pólo da pesquisa), do sexo masculino, com idade entre 14 e 18 anos. As entrevistas foram orientadas por questionário específico e os dados coletados, após transcritos, tabulados e organizados, subsidiaram a elaboração do *Vocabulário da Gíria dos Adolescentes Infratores do Paraná*, cuja organização foi pautada nos pressupostos de teorias lexicográficas contemporâneas. A nomenclatura do Vocabulário reuniu 374 verbetes, organizados em ordem alfabética. Além disso, os fatos lingüísticos documentados foram analisados do ponto de vista qualitativo, com ênfase para as características gerais que se destacaram no conjunto do vocabulário organizado, dentre outras, a relação entre algumas gírias e a sua respectiva utilização ou não por parte dos adolescentes; a questão das atitudes e dos tabus lingüísticos manifestos nas gírias usadas pelo grupo estudado, além de questões relacionadas à estrutura e a formação das lexias do vocabulário. Dos 374 verbetes do Vocabulário, 75% situam-se entre os não-dicionarizados e os dicionarizados com outra acepção, resultado que ratifica a relevância da pesquisa. Além disso, o estudo confirmou a importância da gíria no estabelecimento das relações sociais no âmbito do grupo investigado, considerando, especialmente, a questão das atitudes lingüísticas e dos tabus frente a determinados referentes e às unidades léxicas que os nomeiam, fatores que interferem no processo de criação lexical, destacando-se, nesse particular, a significativa produtividade de lexias complexas e dos neologismos semânticos, sobretudo os oriundos de recursos estilísticos como a metáfora e a metonímia. A pesquisa confirmou, enfim, a importância do léxico como mecanismo de veiculação da visão de mundo de um grupo social.

Palavras-chave: Gíria. Vocabulário. Adolescente infrator. Lexicografia. Sociolinguística. Paraná.

CORRÊA, Julio César Portela. **Slang**: the linguistic universe of adolescent offenders of the Paraná. 2008. 201f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

ABSTRACT

This work investigated the slangy language of adolescent offenders interned in 06 (six) Centres of Partner-education of the state of the Paraná, distributed equally for 03 (three) cities of the State: Curitiba, Londrina and Foz do Iguaçu, and it had since objectives disseminated the verbal slangy heap used by these adolescents, near the academic community and the society in general; to organize a Vocabulary of Slangs of adolescent offenders of the state of the Paraná and; to analyse linguistically the verbal collected heap, besides supply subsidies for the improvement of the communication between several professionals who work straightly or indirectly with the investigated group. The collection of data was carried out by the author of the work, through interviews with 60 adolescents (20 of each city-pole), of the masculine sex, with age between 14 and 18 years. The interviews were orientated by specific questionnaire and the collected data after transcripts and organized; they subsidized the preparation of the Vocabulary of the Slang of the Adolescent Offenders of the Paraná, which organization was ruled in the presuppositions of contemporary lexicographic theories. The nomenclature of the Vocabulary joined 374 entries organized in alphabetical order. Besides, the linguistic documented facts were analysed from the qualitative point of view, with emphasis for the general characteristics that stood out in the set of the organized vocabulary, among others, the relation between some slangs and his respective use or not for part of the adolescents; the question of the attitudes and of the linguistic obvious taboos in the slangs used by the studied group, besides questions made a list to the structure and the formation of the lexias of the vocabulary. Of 374 entries of the Vocabulary, 75 % are situated between them not-dicionarized and the dicionarized with another sense, result that ratifies the relevance of the inquiry. Besides, the study confirmed the importance of the slang in the establishment of the social relations in the context of the investigated group, considering, specially, the question of the linguistics attitudes and of the taboos in front of determined referents and to the lexical unities that nominate them, factors that interfere in the process of lexical creation, when the significant productivity is standing out, in this individual, of lexias complex and of the semantic neologisms, especially the originating ones from stylistic resources as the metaphor and the metonymics. The inquiry confirmed, finally, the importance of the lexicon as mechanism of veiculation of the world vision of a social group.

Keywords: Slang. Vocabulary. Adolescent offender. Lexicography. Sociolinguistics. Paraná.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Ficha de informante	57
Quadro 2 – Dados extralingüísticos dos informantes	59
Quadro 3 – Gírias de adolescentes infratores do Paraná, distribuídas segundo a localidade/unidade e com a indicação da freqüência de uso.....	72
Quadro 4 – Lista de abreviações utilizadas no <i>Vocabulário da Gíria dos Adolescentes Infratores do Paraná</i>	79
Quadro 5 – Classificação das lexias do <i>Vocabulário da Gíria de Adolescentes Infratores do Paraná</i>	168

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Perfil dos adolescentes infratores do Paraná, distribuídos segundo a variável <i>idade</i>	60
Gráfico 2 – Perfil dos adolescentes infratores do Paraná, distribuídos segundo a variável <i>estado civil</i>	60
Gráfico 3 – Perfil dos adolescentes infratores do Paraná, distribuídos segundo a variável <i>número de filhos</i>	61
Gráfico 4 – Perfil dos adolescentes infratores do Paraná, distribuídos segundo a variável <i>escolaridade</i>	61
Gráfico 5 – Perfil dos adolescentes infratores do Paraná, distribuídos segundo a variável <i>situação profissional</i>	62
Gráfico 6 – Perfil dos adolescentes infratores do Paraná, distribuídos segundo a variável <i>renda familiar</i>	63

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

adj	adjetivo
adv	advérbio
C1	CENSE 1 - Curitiba
C2	CENSE 2 - Curitiba
CENSE	Centro de Sócio-Educação
DH	Houaiss e Villar (2001)
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
F1	CENSE 1 - Foz do Iguaçu
F2	CENSE 2 - Foz do Iguaçu
fraseol	fraseologia
i	intransitivo
IASP	Instituto de Ação Social do Paraná
INF	informante
interj	interjeição
L1	CENSE 1 - Londrina
L2	CENSE 2 - Londrina
loc. adj	locução adjetiva
loc. adv	locução adverbial
pl	plural
pron	pronominal
RE	Remenche (2003)
s.f	substantivo feminino
s.m	substantivo masculino
SG	Serra e Gurgel (2000)
SIN	sinônimo(s)
t.d	transitivo direto
t.d.i	transitivo direto e indireto
v	verbo
VAR	variante(s)
VER	verificar (remissiva)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	17
1 A DIMENSÃO SOCIAL DA LINGUAGEM: ALGUMAS QUESTÕES	17
2 LINGUAGENS OU LÍNGUAS ESPECIAIS	23
2.1 A GÍRIA	25
3 LÉXICO: FUNDAMENTOS BÁSICOS	33
3.1 A UNIDADE LÉXICA E A LEXICOLOGIA	34
3.2 A LEXICOGRAFIA	38
3.2.1 Dicionário, Glossário, Vocabulário: algumas distinções	41
3.2.2 Macroestrutura e Microestrutura das Obras Lexicográficas	43
3.2.3 A Definição Lexicográfica	44
CAPÍTULO II – CONHECENDO O GRUPO ESTUDADO	51
1 O ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE	51
2 AS UNIDADES VISITADAS	54
3 OS ADOLESCENTES ENTREVISTADOS	57
CAPÍTULO III – VOCABULÁRIO DA GÍRIA DE ADOLESCENTES	
INFRATORES DO PARANÁ	64
1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	64
2 APRESENTAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	65
3 DICIONARIZAÇÃO DOS VERBETES DO VOCABULÁRIO: BREVE	
 CARACTERIZAÇÃO DAS OBRAS UTILIZADAS COMO FONTE DE	
 REFERÊNCIA	73
4 CRITÉRIOS PARA ELABORAÇÃO DO VOCABULÁRIO	75
5 VOCABULÁRIO DA GÍRIA DE ADOLESCENTES INFRATORES DO	
 PARANÁ	80
CAPÍTULO IV – ANÁLISE DO VOCABULÁRIO: PERSPECTIVAS	
 LINGÜÍSTICA E EXTRALINGÜÍSTICA	151
1 RELAÇÃO DAS ESCOLHAS LEXICAIS COM O GRUPO INVESTIGADO	151

2 PROCESSO DE FORMAÇÃO LEXICAL NO “VOCABULÁRIO DOS ADOLESCENTES INFRATORES DO PARANÁ	157
2.1 PROCESSOS DE CRIAÇÃO LEXICAL	157
2.1.1 Derivação	159
2.1.1.1 Derivação imprópria	160
2.1.2 Composição por Justaposição	160
2.1.3 Outros Processos	161
2.1.3.1 Abreviação vocabular	161
2.1.3.2 Siglonimização	162
2.1.3.3 Neologismos por empréstimos e estrangeirismos	162
2.1.3.4 Neologismos semânticos.....	163
2.1.4.3.1 Neologismos semânticos de origem metafórica	164
2.1.4.3.2 Neologismos semânticos de origem metonímica	166
CONCLUSÃO	171
REFERÊNCIAS	177
APÊNDICES	183
APÊNDICE 1 – Ficha de informante e questionário	184
APÊNDICE 2 – Solicitação de autorização para coleta de dados	191
APÊNDICE 3 – Dicionarização do Vocabulário da Gíria dos Adolescentes Infratores do PR.....	193

INTRODUÇÃO

A língua é a melhor e mais eficaz forma de interação humana. Por meio dela é que se estabelece a maioria das relações entre um indivíduo e outro e entre esses indivíduos e a sociedade. É também por meio da língua que revelamos nossa cultura, nossos valores e crenças e a nossa visão de mundo. Por essa razão, uma língua não pode ser estudada de forma isolada, mas deve ser levado em conta também todo o seu entorno, considerando principalmente o falante inserido na comunidade lingüística que dela faz uso na comunicação cotidiana. Além disso, é preciso considerar que a língua não é algo imutável ou homogêneo, ao contrário, está em constante evolução e se modifica sempre, até dentro de uma mesma comunidade de falantes.

Assim, é evidente a relação entre a evolução da língua e as mudanças que ocorrem na sociedade que a utiliza, por isso, em uma única comunidade de fala, convivem diferentes falares, dentre outros, a *linguagem gíria*: uma maneira especial de utilizar a língua que, como poderemos perceber ao longo deste trabalho, é de extrema importância para o grupo que a utiliza como instrumento de comunicação e de interação. Este trabalho discute questões relacionadas a essas dimensões lingüísticas.

A principal motivação para este estudo ocorreu no ano de 2004, durante o período em que este pesquisador trabalhou como Educador Social em uma unidade de internamento para adolescentes infratores, o Centro de Sócio-Educação I, popularmente conhecido como Educandário, na cidade de Londrina, estado do Paraná. Por meio do convívio direto com os adolescentes lá internados, foi possível observar que, naquele ambiente, usava-se uma linguagem diferenciada que, na verdade, se tratava da língua materna dos internos, a Língua Portuguesa, adaptada e modificada de tal maneira que em muito dificultava a compreensão do conteúdo das mensagens veiculadas, por parte daqueles que não a dominavam. Dessa forma, com inspiração em trabalhos como o de Remenche (2003), que em sua dissertação de Mestrado analisou as *Criações Metafóricas na Gíria do Sistema Penitenciário do Paraná*, interessou-nos um estudo que tivesse como principal objeto essa linguagem especial, no caso, a dos adolescentes infratores internados em instituições socioeducativas, a fim de conhecer melhor suas estruturas lingüísticas e

as condições extralingüísticas que motivam a origem dessa modalidade de linguagem, no âmbito do grupo em questão.

Embora com enfoque relativamente novo¹, o estudo da linguagem gíria de adolescentes infratores ainda se configura como de grande relevância. Uma das justificativas para esta pesquisa recai na constatação das relações muito estreitas entre o comportamento do grupo social estudado e a sua linguagem, ou seja, por meio da linguagem é possível conhecer melhor o grupo que a utiliza. Em se tratando de uma linguagem, até certo ponto restrita a esses ambientes, o estudo também se torna relevante pelo fato de o seu produto (um Vocabulário de gírias) visar a promover a disseminação desse universo lingüístico, junto a outros interessados na linguagem desse grupo, sejam eles lingüistas ou não. Nesse ponto, é importante salientar também a grande importância do produto desta pesquisa para profissionais que lidam, direta ou indiretamente, com a problemática do adolescente em conflito com a lei. O conhecimento mais aprofundado dessa gíria poderá contribuir também para a melhoria da comunicação com o grupo, minimizando possíveis situações constrangedoras ou de conflito no convívio com os adolescentes em questão, mesmo que seja apenas ouvindo-os, já que a maneira como esses jovens falam ultrapassa um simples ato comunicativo, pois, além de favorecer as relações entre si e os outros, demonstra a visão de mundo do grupo, suas marcas individuais e a identidade enquanto grupo.

Apresentando esse universo lingüístico que circunda o uso da linguagem gíria, especialmente desse grupo pouco acessível - jovens infratores - esperamos contribuir para a valorização dessa variedade lingüística que, apesar de constituir-se um fenômeno imprescindível no processo natural de renovação da língua, ainda é, por muitos, estigmatizada. Ao analisarmos a linguagem usada por esses jovens, deparamo-nos com a realidade com a qual convivem que, assim como seu vocabulário, é diferente de qualquer outra realidade. Com este estudo, esperamos também contribuir para a desmistificação da linguagem gíria para o público em geral, demonstrando que essa variedade deve ser considerada como importante, especialmente por, além de ser mais uma forma de comunicação,

¹ Consideramos este estudo relativamente novo, pois, no final de 2006 (o ano em que este projeto foi aceito para fins de ingresso no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEL), foi defendida, na PUC-SP, por Oliveira (2006), uma Dissertação de Mestrado que versa sobre o mesmo tema, embora com objetivos, metodologia e análise completamente distintos da proposta desta pesquisa.

fortalecer as relações sociais e de comportamento entre os integrantes do grupo que a utiliza.

O objetivo geral desta pesquisa é, pois, o estudo da linguagem gíria utilizada por adolescentes infratores internados em 06 (seis) Centros de Sócio-Educação do estado do Paraná, dois em cada uma dessas cidades: Curitiba, Londrina e Foz do Iguaçu. Dois critérios justificaram essa escolha. O primeiro é o político-geográfico. Essas três cidades, além de se situarem em regiões bastante distintas do estado do Paraná, são cidades-pólo, de grande importância política e econômica para as regiões onde estão fixadas. Curitiba é a capital e fica no lado leste do Estado, próximo ao litoral brasileiro; Foz do Iguaçu situa-se no lado oposto à capital e faz fronteira com dois países, Argentina e Paraguai. E Londrina, por se situar no centro-norte do Paraná, caracteriza bem o interior do Estado. O segundo critério leva em conta as características dos centros socioeducativos. As instituições escolhidas, além de sediarem as unidades com maior número de adolescentes, também estão entre as mais antigas do Paraná.

Como objetivos específicos a serem alcançados, relacionamos os seguintes:

1. organizar um Vocabulário de Gírias de adolescentes infratores do estado do Paraná;
2. analisar, do ponto de vista lingüístico, o acervo vocabular coletado, considerando a estrutura das lexias, o processo de formação das unidades léxicas e suas respectivas relações com o grupo selecionado para a pesquisa;
3. disseminar o acervo vocabular gírio utilizado por adolescentes em conflito com a lei de três cidades-pólo do Estado do Paraná (Curitiba, Londrina e Foz do Iguaçu), junto à comunidade acadêmica e à sociedade em geral;
4. fornecer subsídios para a melhoria da comunicação entre os diversos profissionais que trabalham direta ou indiretamente com o grupo investigado.

Como metodologia da pesquisa, elegemos como indispensáveis alguns procedimentos: i) seleção dos informantes (definição do perfil dos adolescentes que seriam entrevistados); ii) elaboração do instrumento de coleta de dados; iii) testagem do instrumento e sua respectiva reestruturação, a partir dos dados obtidos nas entrevistas experimentais; iv) coleta de dados; v) elaboração do

Vocabulário da Gíria de Adolescentes Infratores do Paraná e, vi) análise de aspectos pontuais do Vocabulário organizado.

Em se tratando do perfil dos informantes, para a pesquisa, foram selecionados como informantes adolescentes internos em Unidades Socioeducativas do Paraná, de treze a dezoito anos de idade, do sexo masculino, de qualquer grau de instrução, considerados pela Justiça suspeitos ou autores de cometimento de atos infracionais. Foram, assim, entrevistadas duas categorias de adolescentes com esse perfil, a saber: i) *adolescentes suspeitos de cometimento de ato infracional, apreendidos em Unidades de Internamento Provisórias*: 30 (trinta) jovens reincidentes, apreendidos há pelo menos 30 (trinta) dias, que nunca cumpriram medida sócio-educativa de internação, internados provisoriamente nos Centros de Sócio-Educação (CENSE-1) de Londrina, de Curitiba e de Foz do Iguaçu - 10 informantes de cada Centro. ii) *adolescentes infratores, considerados pela Justiça autores de atos infracionais, cumprindo medida sócio-educativa de internação*: 30 (trinta) jovens, internados há mais de 06 (seis) meses nos Centros de Sócio-Educação (CENSE-2) de Londrina, de Curitiba e de Foz do Iguaçu - 10 informantes de cada Centro.

A escolha desses dois perfis justifica-se pelas diferenças, tanto estruturais quanto de funcionamento, existentes entre esses dois tipos de Unidades. Essas diferenças estão detalhadas no Capítulo II, item 2, deste trabalho.

Para orientar a coleta dos dados foi elaborado um questionário² com questões de natureza semasiológica e onomasiológica, estruturado com base em pesquisa assistemática, realizada durante o período de contato direto do autor da pesquisa com adolescentes na unidade CENSE-1 de Londrina (2004), e inspirado em trabalhos já existentes (REMENCHE, 2003; RECTOR, 1975), além do uso da conversa semidirigida. Esse último recurso foi conduzido de maneira bastante informal e, além de complementar as informações oferecidas para as demais perguntas, forneceu exemplos de uso que foram utilizados como abonação na fase de redação dos verbetes do Vocabulário.

Esse instrumento de coleta foi testado por meio de cinco entrevistas experimentais, realizadas com adolescentes do Centro de Sócio-Educação II, de Londrina, cujos resultados foram analisados e subsidiaram os ajustes que se fizeram

² Cf. Apêndice I, deste trabalho.

necessários na primeira versão do questionário, de maneira a torná-lo compatível com os objetivos da pesquisa.

A coleta de dados foi realizada pelo autor do trabalho nos meses de junho e julho de 2007, após ter obtido autorização³ por escrito da Diretoria Técnica do IASP (Instituto de Ação Social do Paraná), órgão responsável pelas unidades socioeducativas visitadas. Para facilitar o acesso aos jovens que se dispuseram a colaborar com a pesquisa como informantes, este pesquisador contou com o apoio dos profissionais responsáveis pelas unidades pesquisadas, no que tange à pré-seleção e ao acompanhamento dos adolescentes até o local das entrevistas. Os questionários foram aplicados oralmente e as respostas fornecidas anotadas no próprio questionário. Para o fim específico de coleta de exemplos de uso, foi utilizado como recurso auxiliar um gravador manual, de marca ELGIN. Posteriormente, o material coletado foi armazenado em CD.

A fase de tratamento dos dados compreendeu três etapas. A primeira abordagem do *corpus* foi de natureza quantitativa, em que as gírias coletadas foram distribuídas, segundo a unidade pesquisada, o que resultou no Quadro II⁴, que contém a distribuição de frequência dos itens lexicais coletados. Em seguida, o recorte de gírias documentado recebeu tratamento lexicográfico, o que propiciou a elaboração do *Vocabulário da Gíria de Adolescentes Infratores do Paraná*. E, por fim, foi realizada a análise pontual de fatos lingüísticos que se destacaram no conjunto do Vocabulário, como relações entre alguns vocábulos e o seu respectivo emprego por parte dos adolescentes, considerando sua realidade sociolingüística; as estruturas lingüísticas dos itens lexicais registrados, assim como os processos de formação envolvidos.

O trabalho está estruturado em quatro capítulos. O Capítulo I apresenta os pressupostos teóricos que orientaram a pesquisa. Por se tratar de um estudo que abarca diversas áreas de conhecimento dentro da ciência maior, a Lingüística, buscamos apoio em diversas teorias, direta ou indiretamente, relacionadas com o nosso objeto de estudo. Assim, julgamos imprescindível a discussão acerca da relação entre língua e ambiente e da teoria do relativismo lingüístico, defendidas por Sapir (1947) e Whorf (1958); da relação entre a língua e sociedade, incluindo-se nesse tópico a norma lingüística, formulada por Coseriu

³ Cf. Apêndice II e IV, desta dissertação.

⁴ Cf. Capítulo III, item 2, deste trabalho.

(1987), e alguns postulados sobre Sociolingüística, com base em autores como Labov (1972), Bright (1974), Lyons (1987), Morales (1993), Tarallo (1997), dentre outros; das chamadas linguagens especiais, especialmente, no que concerne à linguagem gíria, buscando respaldo nas teorias de Genep (1908), Guiraud, (1966), Preti (1984), Cabello (1989), entre outros; e, por fim, em razão de este trabalho ter por objetivo a elaboração de um Vocabulário a partir das gírias coletadas, foram discutidos alguns dos postulados das ciências do léxico, especialmente os relacionados à Lexicologia e à Lexicografia, com base, dentre outros autores, em Fernández-Sevilla (1974), Barbosa (1980), Haensch (1982), Werner (1982), Rey-Debove (1984), Biderman (1978).

Já o Capítulo II, além de focalizar a legislação vigente sobre o adolescente em conflito com a lei, fornece informações sobre as características físicas, pedagógicas e de funcionamento das unidades socioeducativas visitadas e, ainda, apresenta informações de caráter extralingüístico acerca dos adolescentes entrevistados, com o objetivo de fornecer informações sobre a realidade sociolingüística do grupo investigado.

O Capítulo III, por sua vez, apresenta o *corpus* coletado - já distribuído segundo a freqüência de uso de cada lexia -; destaca os critérios lexicográficos e as escolhas metodológicas que subsidiaram a elaboração do Vocabulário; apresenta as obras lexicográficas escolhidas como referência para a verificação da dicionarização das gírias coletadas e, por fim, apresenta o *Vocabulário da Gíria de Adolescentes Infratores do Paraná*.

Já o Capítulo IV foi destinado à análise qualitativa de fatos lingüísticos e de características gerais que se destacaram no conjunto do vocabulário organizado. Para isso, foram considerados aspectos da relação entre alguns vocábulos e a sua utilização ou não por parte dos adolescentes, considerando especialmente os tabuísmos verificados na utilização da gíria, no âmbito do grupo em questão. Também foram analisados os processos de formação lexicais utilizados na criação de alguns itens lexicais.

Por fim, a Conclusão recupera aspectos analisados no decorrer do trabalho e focaliza especialmente o nível de alcance dos objetivos estabelecidos para a pesquisa. Na seqüência, é apresentada a lista de referências que subsidiaram a pesquisa, seguida dos apêndices.

CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1 A DIMENSÃO SOCIAL DA LINGUAGEM: ALGUMAS QUESTÕES

Como já assinalado, este trabalho focaliza o uso de uma linguagem diferenciada que, apesar de pertencer a uma mesma língua (portuguesa), possui diversas características e especificidades, que a distinguem de outros usos, em outras situações. Ao estudar essa modalidade de linguagem, dois questionamentos são possíveis: i) em que proporção o ambiente de interação pode refletir-se na linguagem de uma comunidade de falantes e, ii) até que ponto a linguagem de um grupo pode ser refletida nesse ambiente. Para tentar responder a essas questões, julgamos pertinente refletir sobre os pressupostos da hipótese do Relativismo Lingüístico, concebida por Sapir (1947) e aprofundada por Whorf (1958).

Essa teoria foi muito divulgada nas décadas de cinquenta e sessenta do século XX e, ao contestar as teorias lingüísticas aplicadas até então, atribuía ao *ambiente* um papel determinante na formação das línguas. Segundo Sapir (1987, p. 44), o termo *ambiente* deve ser empregado quando houver referência a influências, principalmente de natureza física, que escapam à vontade do homem, porém, “convém compreender no termo ambiente tanto os fatores físicos como os sociais”. Esclarece ainda o autor que

por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte (SAPIR, 1987, p. 44).

Essa influência pode ser reconhecida em três pontos, denominados também níveis de fala: quanto ao assunto ou conteúdo (nível semântico-lexical); quanto ao sistema de sons que opera para construir palavras (nível fonético-

fonológico) e quanto aos processos de formação, classificação e ordenação das palavras (nível morfossintático) (SAPIR, 1987, p. 45).

O mesmo autor defende ainda, claramente, que “o léxico de uma língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes”, ponderando também que “o léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade” (SAPIR, 1987, p. 45).

Essa influência do ambiente na língua pode ser particularmente verificada nas línguas de povos ditos *primitivos*. No entanto, segundo o próprio Sapir (1987, p. 46), o léxico das línguas ameríndias pode ser comparado aos léxicos de certas seções da população de nações consideradas civilizadas. O autor ilustra esse argumento com o exemplo das semelhanças existentes entre o léxico de uma tribo indígena costeira, os *nutka*, e seus termos precisos para muitas espécies de animais marinhos e o léxico específico de populações pesqueiras da Europa. O interesse em fazer uma referência mais acurada a termos ligados à pesca provém, certamente, da necessidade imediata dessas populações de definir com maior especificidade o ambiente físico que as cerca.

Segundo Sapir (1987, p. 51), se o ambiente físico se reflete em grande parte na língua, o mesmo acontece, possivelmente ainda em maior grau, em relação ao ambiente social. Para o autor:

uma grande porção, senão a maioria, dos elementos que constituem os elementos físicos se encontra universalmente distribuídos no tempo e no espaço, de tal sorte que não há limites naturais para a variabilidade dos materiais léxicos na medida em que dão expressão a conceitos provenientes do mundo físico. Já uma cultura, ao contrário, se desenvolve por inúmeros caminhos e pode atingir qualquer grau de complexidade. Não é, portanto, de surpreender que os léxicos de povos muito diferentes, em caráter e grau de cultura, participem dessa larga diferença.

Como evidenciado, o autor defende que a língua, o idioma, sofre materialmente a influência do quadro ambiental. No caso específico desta pesquisa, entendemos ser também observável uma influência similar do ambiente prisional na linguagem dos adolescentes infratores, já que a gíria do grupo, embora não seja um novo idioma (especialmente por não possuir sintaxe própria), configura-se como um

vocabulário diferenciado que tende a ter o ambiente ao redor reconhecido e refletido em seus termos.

O ambiente físico de uma *Unidade de Internação de adolescentes infratores*, embora “não-natural”, ou seja, embora se trate de uma criação antropocultural, traz diversas limitações à sua “população”, a exemplo das restrições físicas “naturais”, mencionadas por Sapir (1987). Esse ambiente, composto por celas (ou, por eufemismo “alojamentos”), grades, telas, muros, alambrados, concertinas e cameras de *vigilância* pode ser considerado o principal motivador dos comportamentos (sejam eles sociais ou lingüísticos) dos indivíduos a ele submetidos. Desse ambiente diferenciado, limitador de um dos direitos mais primitivos do ser humano - o direito de ir e vir livremente - decorre também necessidades diferenciadas: tudo deve ser solicitado previamente, devem-se respeitar os horários e regras estabelecidas, sob pena de incorrer em sanções.

Nesse ponto é possível notar nesse “ambiente” a combinação de fatores físicos e sociais, pois, em virtude das restrições espaciais, são criados padrões de comportamento socialmente aceitos ou não-aceitos, tanto em relação aos internos quanto em relação ao estabelecido pelas regras da própria sociedade (leis nacionais e regimentos da Unidade).

Um exemplo da influência do meio físico-social no comportamento dos adolescentes internados é o relatado por Oliveira (2006), que estudou a gíria de adolescentes da FEBEM (Fundação do Bem Estar do Menor) de São Paulo:

podemos, ainda, verificar como esse aspecto da moral é visto com seriedade pelos internos, observando as regras criadas por eles em relação à atividade sexual. Como já dissemos, devido à situação em que estão os internos encontram dificuldades para manter relação sexual com alguém do sexo oposto e, muitas vezes, recorrem ao que denominam tirar o castelo, ou seja, recorrem a [sic] masturbação. No entanto, em respeito aos companheiros, o interno não deve usar a gíria tirar o castelo ou outra relacionada a sexo, na presença de visitas, principalmente se for alguém do sexo feminino (OLIVEIRA, 2006, p.87).

No relato da autora fica evidente a estreita relação que se manifesta entre a situação de clausura, determinada pelo ambiente físico, e o padrão ético, estabelecido pelo ambiente social. Ambos os ambientes são claramente refletidos

nos comportamentos lingüísticos do grupo, chegando a ponto da proibição do uso de vocábulos por eles próprios criados, em momentos específicos da vida naquele espaço.

Não foi nossa intenção aqui levar às últimas conseqüências os princípios da hipótese do Relativismo Lingüístico de Sapir (1947), assim como o fez Benjamin Whorf (1958), comprovando-a e demonstrando-a por meio de análise exaustiva. Julgamos necessário apenas levá-la em consideração como deveras importante, ao abordarmos as fortes influências observadas entre o ambiente físico-social a que o grupo aqui estudado é exposto e a sua linguagem.

Ainda focalizando a questão da relação entre língua e sociedade, na seqüência, discutiremos alguns princípios teóricos acerca do conceito de Norma Lingüística, fundamentos da Sociolingüística, além da caracterização das Linguagens Especiais.

Ao conceber a língua enquanto idioma, Eugenio Coseriu (1987) reformula a dicotomia saussuriana “Língua e Fala”, que, dentre outras concebidas pelo mestre de Genebra, permitiu definir com todo o rigor possível o objeto de estudo da Lingüística, e propõe sua divisão tripartida da língua em “Sistema, Norma e Fala”. O *sistema* é concebido pelo autor como uma “série de possibilidades, de coordenadas, de caminhos abertos e fechados: pode ser considerado um conjunto de imposições, mas também, e talvez melhor, um conjunto de liberdades” (COSERIU, 1987, p. 74). O *sistema* de uma língua é, de fato, sua estrutura, que contém os elementos indispensáveis para seu funcionamento, proporcionando ao indivíduo os meios necessários para sua expressão inédita e, ainda assim, compreensível para todos os que utilizam o mesmo sistema. A *norma*, por sua vez, é definida como uma série “de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, e varia segundo a comunidade” (COSERIU, 1987, p. 74). O mesmo autor pondera ainda que

dentro de uma mesma comunidade lingüística nacional e dentro do mesmo sistema funcional é possível comprovar várias normas (linguagem familiar, língua literária, linguagem erudita, linguagem popular, etc.), distintas, sobretudo no que concerne ao vocabulário, mas amiúde também nas formas gramaticais e na pronúncia [...] (COSERIU, 1987, p. 75).

Essas diversas normas são facilmente observáveis no uso de qualquer língua, pois nenhum idioma é homogêneo, mas sim marcado pela variação. Outra questão a ser considerada é o fato de essas variações não serem casuais ou acidentais e de possuírem, invariavelmente, motivações histórico-sociais que podem ser consideradas o principal mecanismo de nivelamento de uma língua com as comunidades de falantes. O fenômeno da variação é o principal objeto de estudo da Sociolingüística.

Lyons (1987, p. 199), por exemplo, ao tratar da relação entre linguagem e sociedade, esclarece que o trabalho de delimitar claramente as fronteiras entre os diversos ramos do que ele denomina *Macrolingüística* (a lingüística geral) não é algo fácil. Nesse ponto, disciplinas como a Psicolingüística, a Sociolingüística e a Etnolingüística, embora com abordagens diferentes, são marcadas pelo caráter interdisciplinar, no sentido de que, da maneira como são praticadas, abrigam técnicas e conceitos teóricos provenientes de duas ou mais disciplinas. Mesmo com essa ressalva, ao citar Hudson (1980, p. 01), Lyons (1987, p. 200) define “amplamente” Sociolingüística como “o estudo da linguagem em relação à sociedade”.

Já Labov (1972, p. 184), um dos mais importantes estudiosos da Sociolingüística, em seu célebre estudo sobre o inglês falado na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América, afirma ser a Sociolingüística uma disciplina que estuda as línguas, tanto diacrônica como sincronicamente, mas em seu contexto social. E é esse aspecto que a distingue da Lingüística Geral, já que essa deve ocupar-se das línguas enquanto sistemas, independentemente dos usuários e das comunidades de fala que a constituem. Para Bright (1974, p. 17), “a tarefa do sociolingüista é mostrar a variação sistemática da estrutura lingüística e da estrutura social e, talvez, um relacionamento causal em uma direção e outra”. Complementa ainda o autor que “a diversidade lingüística é precisamente a matéria da sociolingüística” (BRIGHT, 1974, p. 17). Essa diversidade é reflexo e produto da diversidade e segmentação da própria sociedade de falantes.

Morales (1993, p. 20), por seu turno, explicita melhor os conceitos de Bright (1974), ao tratar dos vários conjuntos dimensionais que considera *condicionante* dessa diversidade da língua. Além da dimensão diacrônica (que trata das possíveis motivações de variação lingüística, historicamente condicionadas), assinala também como deveras importante a *extensão* dessa diversidade (que trata

de questões pluriletais e plurilíngües) e termina com a dimensão por ele denominada de *aplicabilidade*, na qual são incluídos diversos subtópicos a respeito da investigação sociolingüística. Morales (1993, p. 20), ainda a respeito dessas dimensões da Sociolingüística, elucida que

este conjunto consta de tres factores, que básicamente integran el esquema de la comunicación: 1) identidad social del emisor; 2) del receptor y; 3) condicionan la situación comunicativa. Este conjunto se encargaría de estudiar y mostrar los casos en que esas condiciones determinan o condicionan la diversidad lingüística: los dialectos de clase (piénsese en las castas indias), los casos de diglosia, las diferencias entre hablas de hombres y mujeres, entre inferiores y superiores, el llamado *baby talk*, etc⁵

Como assinalado, há vários fatores que podem influenciar a diversidade lingüística. A essas formas de variação, Tarallo (1997, p. 8) denomina de *variantes lingüísticas*, ou seja, as “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. E, prosseguindo seu estudo, a um conjunto de variantes, o autor denomina *variável lingüística*.

Os estudos no âmbito da Sociolingüística focalizam diversos níveis de variação, que vão do individual ao coletivo, que podem ser percebidos nos diversos níveis da língua (semântico, sintático, morfológico, fonético e lexical). Essas variações lingüísticas podem ser classificadas em vários níveis, como por exemplo: a) variação histórica ou diacrônica; b) variação social ou diastrática; c) variação regional ou diatópica; d) variação pessoal ou diafásica.

A variação social relaciona-se aos diversos fatores intimamente ligados à identidade dos falantes e também à organização sociocultural da comunidade de fala. O contexto, a situação, o tema e até mesmo os interlocutores são fatores extralingüísticos que podem influenciar ou, em certos casos, até condicionar a linguagem. Isso foi constatado por Labov (1972), em seu estudo lingüístico na cidade de Nova Iorque, ao observar duas maneiras distintas de realização do fonema /r/ pós-vocálico. Em sua análise, o estudioso concluiu que a

⁵ "Este conjunto consta de três fatores que basicamente integram o sistema de comunicação: 1) identidade social do emissor; 2) do receptor e; 3) condizente à situação comunicativa. Este conjunto se encarregaria de estudar e mostrar os casos em que essas condições determinam ou condicionam a diversidade lingüística: os dialetos de grupo (pensando em tribos indígenas), as diferenças entre as falas de homens e mulheres, entre inferiores e superiores, o chamado *baby talk etc*" (T.N. = tradução nossa).

ausência do /r/ é estigmatizada socialmente, ou seja, quem não o pronuncia sofre o preconceito de não falar corretamente o inglês nova-iorquino. Já a pronúncia do /r/, ao contrário, é considerada variante de prestígio e o seu uso sugere o *status* social do falante, também de prestígio.

Todavia, nem sempre a *norma culta*, o considerado “falar correto”, é socialmente prestigiada por uma comunidade. Em geral, trata-se da variante privilegiada pelas gramáticas, vocabulários ortográficos, dicionários gerais e literaturas clássicas. Com relação a essa variante, embora considerada de prestígio em diversas comunidades lingüísticas, em grupos fechados, como é o caso do grupo investigado neste trabalho, pode ocorrer o inverso: o conhecimento e a utilização da linguagem padrão são bem menos valorizados que a utilização da linguagem gíria (não-culta). O uso de vocábulos gírios, deixando de lado regras gramaticais e com entonação característica, no interior do grupo, é mais bem aceito por seus integrantes. Essa questão será tratada mais detalhadamente no item dedicado à gíria (2.1).

Notamos, pois, que a cultura e a tradição dos falantes, a atitude sociolingüística dos membros de uma sociedade é a responsável pela manutenção ou pela rejeição dos seus padrões lingüísticos vigentes. Portanto, a maneira como um indivíduo fala pode não só identificar seu estilo individual de fala, mas também supor uma possível relação desse indivíduo com determinados grupos, pois seu vocabulário, pronúncia, entonação, construções frasais podem servir de parâmetro para identificar, tanto seu país ou região de origem, como o grupo social ou situação que se encontra.

A linguagem específica utilizada pelos indivíduos de um determinado grupo social é denominada *Linguagem Especial*, tema abordado no próximo item.

2 LINGUAGENS OU LÍNGUAS ESPECIAIS

Segundo Genep (1908, apud PETTER, 1998, p. 185), “a denominação ‘línguas especiais’ designa formas de falar próprias de uma faixa etária ou de um grupo de pessoas dedicadas a atividades específicas”, incluindo não só os jargões profissionais, como o do médico, o da informática, o da economia, dentre

outros, contemporaneamente denominados “terminológicos”, mas também a linguagem obscena, popularmente chamada de baixo calão, e a gíria, que pode se relacionar a diversos segmentos da sociedade. Em toda comunidade de fala sempre estará presente a questão de valor ou prestígio com relação à linguagem. Camacho (2001, p. 59), por exemplo, entende que as “Linguagens Especiais’ contrastam com a comum por consistirem em variedades dialetais próprias das diversas subcomunidades lingüísticas”.

Já Cabello (1989, p.19) argumenta que as linguagens especiais “estão intimamente ligadas a determinados tipos de variações sócio-culturais de grupos restritos. Como por exemplo: criminosos, detentos, toxicômanos, homossexuais”. Esses e outros grupos fechados são tratados pela mesma autora como “subculturas”. “A Subcultura ou microssistema é uma entidade cultural que difere, tanto em termos de padrão de comportamento quanto da linguagem, da cultura dominante”. Complementa ainda a mesma autora que, “ao identificar-se com sua prática e com sua linguagem, ele [elemento do grupo] racionaliza sua importância no submundo e sua importância no interior do grupo. [...] Assim, a linguagem proporciona identificação e dá reconhecimento” (CABELLO, 1991, p. 95).

Essas ponderações sugerem que as linguagens especiais nas subculturas - assim como a norma culta na sociedade geral - possuem certo prestígio em detrimento de outras variedades. Entre as linguagens especiais estão os jargões técnico-científicos e religiosos, linguagens obscenas e eróticas e a gíria.

A linguagem obscena e erótica já mereceu um estudo deveras completo. Em “A Linguagem Proibida: um estudo sobre a linguagem erótica”, de Preti (1984b), essa linguagem especial é tratada de maneira clara e científica, sendo abordados tópicos diversos que vão, desde considerações teóricas sobre o vocábulo obsceno e gírio, até o discurso da malícia e aspectos lúdicos que envolvem essa variedade.

Conforme lembra Garmadi (1983, p. 61), “tal como o calão [gíria] e as línguas especiais, as línguas técnicas são também variedades lingüísticas marcadas principalmente ao nível de um léxico especializado indispensáveis a certos grupos profissionais”. Essas *línguas técnicas*, também denominadas *jargões*, são também tratadas como uma língua de especialidade e, contemporaneamente, representam o principal objeto de estudo da Terminologia e da Terminografia, sendo cada item lexical dessa variedade denominado de *termo*. O termo é uma unidade

lexical, assim com o vocábulo e a palavra, porém, com um conteúdo próprio no âmbito de um domínio específico. Barros (2004, p. 40) assim define o termo, objeto de estudo da Terminologia:

como signo lingüístico das línguas de especialidade, o termo pode ser analisado em seus diferentes aspectos: do ponto de vista do significante, das relações de sentido que mantém com outros termos (sinônimos, homônimos etc), de seu valor sociolinguístico (usos, preferências, conotações, processos de banalização etc.) e outros.

Os conhecimentos resultantes desses estudos (expressão dos termos, conteúdos e valor sociolingüístico) dão sustentação ao trabalho de diversas ciências aplicadas e representam a base da Terminografia, ou seja, a “prática de elaboração de vocabulários técnicos, científicos e especializados” (BARROS, 2004, p. 68).

Como antes assinalado, entre essas linguagens especiais, situa-se a linguagem gíria, variedade privilegiada neste trabalho e que será tema do próximo item deste Capítulo.

2.1 A GÍRIA

Já faz parte do senso comum o significado do termo *gíria*. Para a maioria das pessoas *gíria* é uma forma particular da língua, usada geralmente por jovens ou marginais, que se diferencia muito da norma culta, ou seja, da variante julgada correta pela maioria dos falantes. Na escola, o principal ambiente onde os falantes podem refletir sobre sua linguagem, o uso da gíria comum, normalmente bastante falada entre os jovens, em geral, é tratado como algo negativo e que deve ser evitado a todo custo, especialmente na escrita e em situações formais de fala, para que não haja um pré-julgamento do interlocutor. Esse posicionamento é tão antigo quanto à própria história da *gíria* e dá mostra da imensa carga de preconceito que envolve essa linguagem especial. Ao tratar da questão do preconceito social que afeta a gíria, Preti (2003a, p. 241) esclarece:

sua natural ausência [da gíria], na escrita (modalidade da língua mais planejada), e as restrições de seu emprego em muitas situações de comunicação, na língua oral, vêm comprovar uma atitude lingüística de rejeição, por parte de quem fala ou escreve, o que torna a gíria um vocabulário marcado, cujo uso enfrenta preconceitos na sociedade.

À parte disso, quando falamos em *gíria*, devemos pensar em um fenômeno sociocultural, especialmente pautado na língua falada - ambiente onde, de fato, esse fenômeno lingüístico surge e se desenvolve -, podendo se refletir, em um segundo momento, na língua escrita. Embora o fenômeno da gíria, como nos lembra Preti (1984b, p.66), não seja representado nem definido da mesma maneira em todas as línguas, ele pode ser estudado sob dois aspectos: a) signo de grupo - vocabulário típico de grupos restritos; e b) a gíria comum - quando já ocorreu a vulgarização do fenômeno e este se torna popular. Este trabalho aborda essencialmente o primeiro aspecto.

A gíria comum, que também pode ser denominada gíria popular, é, conforme Urbano (2001, p. 182),

certa parte do vocabulário usado na comunicação cotidiana necessária, espontânea e despolicada, falada comumente pela média da população urbana e contaminada pelas linguagens especiais das pequenas comunidades.[...] Essa gíria comum difere-se da gíria num sentido restrito, caracterizada sobretudo como 'signo de grupo' e pelo seu caráter criptológico que sofre a freqüente crítica, mas também a curiosidade freqüente, da comunidade maior, que acaba influenciada, muitas vezes em decorrência dessas mesmas atitudes.

A gíria como signo de grupo é considerada, de fato, como a verdadeira gíria (Cf. GUIRAUD, 1966, p. 98), aquela linguagem especial que mantém seu caráter de preservação da identidade do grupo ao qual pertence. Já a gíria comum, como salienta Cabello (1991), surge no grupo e, devido a motivações internas e externas, pode passar de um estágio para outro e acabar por diluir-se na linguagem comum, perdendo assim o seu caráter de vocabulário fechado:

as relações sociais, porém agem sobre a dinâmica da linguagem e o emprego da gíria vai, a pouco e pouco, se estendendo para certos contextos situacionais onde, em tempo anterior, não era desejada nem admitida. Caminha para um segundo estágio, ao extrapolar os limites do grupo restrito, e penetra um domínio intermediário, no qual ainda não perde o estigma do grupo de origem, mas não está, ainda, incluída na linguagem comum. Esse segundo estágio e domínio intermediário são os da gíria em trânsito. Daí ela passa a um terceiro estágio, no qual perde aquele estigma, quando se vulgariza: é o estágio da gíria comum. Daqui pode passar com facilidade à linguagem comum (CABELLO, 1991, p. 51).

Essa transição de um vocábulo gírio à língua comum⁶ e vice-versa é bastante freqüente. Preti (1984b, p. 68), a esse respeito, salienta que

o exame comparativo de um dicionário gírio e de dicionários da língua comum poderá conduzir-nos, num plano diacrônico, a uma série de conclusões, a propósito de como muitos termos cessam de serem *marcados* e se introduzem no vocabulário *comum*, perdendo no seu significado a ligação com grupos, ambientes ou atividades específicas.

Para exemplificar essa passagem da gíria à língua comum, o autor cita o verbo *paquerar*, vocábulo que provém de *paqueiro* (*proxeneta*), da gíria dos gatunos que designava *ir à procura de alguém, andar à espreita de, seguir, perseguir* e daí *flertar, namorar* (PRETI, 1984b, p. 69).

O termo *gíria* tem origem bastante antiga, integra o vocabulário de várias línguas e, conforme Carreter (p. 251, apud RECTOR, 1975, p. 40), recebe as seguintes denominações: "a) inglês — *cant* (Reino Unido), *slang* (Estados Unidos); b) alemão — *rotwelsch*, *rostwolch* ou *kokamloschen*; c) italiano — *gergo* ou *furbesco*; d) português — *gíria*, *geringonça*, *jargão*; e) francês — *argot* e *jargon*; f) espanhol — *jerga* ou *germania*". No Dicionário *Le grand Robert de la langue française* (1985), o termo *argot* remete ao ano de 1628; já no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2001), em português, o termo *gíria* recebeu datação provável de 1649 a 1666. Essa informação é assim justificada pelos autores do dicionário: "D. Francisco Manuel de Melo. Apologos dialogaes. [1649-1666] (reprodução fiel do

⁶ "A língua comum seria, para além das variações locais e sociais, e depois da supressão de todos os desvios, a forma comum entre todas as formas de dialetos, a forma que tende para a língua erudita, sem se confundir necessariamente com ela" (DUBOIS, 2004T AL).

texto da edição de 1721), anotados e precedidos de um esboço biobibliográfico do autor por Fernando Nery. Rio de Janeiro, 1920”. Ainda quanto à origem do termo em português, cabe citar a reflexão sobre a linguagem relatada por D. Jerônimo Contador de Argote, em suas *Regras*, de 1725:

tambem em Lisboa entre os homens, a que chamaõ de ganhar, há um genero de Dialecto, a que chamaõ Giria, de que os taes usaõ algumas vezes entre si. E assim tambem os Siganos tem outra especie de Giria, porque se entendem hums com os outros (apud SILVA NETO, 1970, p. 564).

Esse excerto, que faz parte de uma verdadeira aula sobre variedades lingüísticas, ilustra a presença dos vários dialetos de Portugal do século XVIII e demonstra como, já naquela época, havia o reconhecimento da existência da linguagem gíria, só que explicada à maneira dos próprios falantes.

O fenômeno da gíria possui traços comuns nas diversas línguas, fato corroborado por Cabello (1991, p. 19), ao esclarecer que

na formação da gíria brasileira, têm validade tendências de criação do argot, segundo Guiraud (6, p. 106-107); os processos de formação da gíria portuguesa, segundo Pinto (10, p.105-136); os recursos lingüísticos de especialização semântica em subculturas, segundo Mehrotra (9, p. 10-15); e características gerais do argot castelhano, segundo León (13, p. 16-18).

Cabello esclarece ainda que “a gíria surge para satisfazer necessidades advindas da formação de grupos restritos, compostos por elementos que tenham interesses comuns.” E complementa: “dessa forma, só é compreendida pelos iniciados no grupo e serve como instrumento de identidade e de defesa social do grupo que a utiliza” (CABELLO, 1996, p. 195).

Dentre as inúmeras definições de gíria, formuladas por diversos estudiosos da linguagem, uma das mais clássicas é a de Niceforo (1912, apud GUIRAUD, 1966), a seguir transcrita:

un langage spécial qui reste intentionnellement secret, ou qui forge toutes les fois que la nécessité le réclame, des mots et des phrases intentionnellement maintenus dans l'ombre, car son but consiste essentiellement dans la défense du groupe argotier... L'intention de demeurer secret afin de protéger le groupe argotier, ou l'intention de

naître dans l'ombre - la préméditation - forme as marque d'identité. La défense du groupe qui parle l'argot constitue alors l'idée centrale, la raison d'être de l'argot, de même que la préméditation en constitue la marque d'identité... Telle est la loi qui préside à la naissance de l'argot: nécessité de défense. Si la loi naissance de l'argot se trouve dans le besoin de défense de tout groupement sentant la nécessité de cacher ou de voiler sa pensée, sa loi de développement repose sur le même principe : plus le groupe a besoin de lutter et de se cacher, plus l'argot devient complexe, étendu et organisé, et d'un simple recueil de paroles qu'il était, il devient une véritable langue enrichie du plus complet de dictionnaires.⁷

Já Cunha (1986, p. 386) define, sucintamente, o termo *gíria* como “linguagem peculiar a um grupo (profissional, etário, sócio-econômico etc.), a qual se caracteriza pela plasticidade e informalidade de sua construção”. Borba (1971, p. 77), por sua vez, assim a define:

Gíria - Linguagem técnica usada pelos indivíduos quando postos em circunstâncias especiais. Estas podem ser o grupo social ou profissional a que pertence o falante ou as diversas situações da vida cotidiana. Há dois tipos de gíria - a linguagem técnica propriamente dita, cuja finalidade é a precisão, pertence ao âmbito das classes profissionais e pode ser falada ou escrita, e a gíria, que é mais uma variante expressiva da língua falada [...]. No primeiro tipo se encaixa a gíria dos malfeitores, de finalidade criptológica, também chamada de calão, termo aplicado ainda ao linguajar de classes menos cultas, com predomínio de termos chulos.

A título de ressalva, é preciso considerar que, nessa definição apresentada por Borba (1971), o uso do termo “linguagem técnica” não corresponde ao uso contemporâneo, já que na atualidade configura-se como o objeto de estudo da Terminologia, não se confundindo, pois, com o conceito de gíria. Essa distinção

⁷ 'Uma linguagem especial que se apresenta intencionalmente secreta, ou que assim o faz quando há necessidade; palavras e frases intencionalmente mantidas obscuras, porque o seu objetivo consiste essencialmente na defesa do grupo gírio... A intenção é de se manter secreta a fim de proteger o grupo gírio, e a intenção de mantê-la às escuras - o reconhecimento - é sua marca de identidade. A defesa do grupo que objetiva a gíria constitui então sua idéia central, a razão de ser gíria, assim como o reconhecimento constitui sua marca de identidade... Essa é a lei que rege o nascimento da gíria: necessidade de defesa. Se a lei de nascimento da gíria encontra-se na necessidade de defesa de qualquer grupo que sente a necessidade de esconder ou encobrir o seu pensamento, a sua lei de desenvolvimento mantém este mesmo princípio: quanto mais o grupo tem necessidade de lutar e de se esconder, mais a gíria torna-se complexa, obscura e organizada, e de um simples recolhimento de palavras que ela era, torna-se uma verdadeira língua, enriquecedora dos mais completos dicionários." (T.N.)

entre linguagem técnica e gíria é realizada, de maneira bastante elucidativa, por Camacho (2001, p. 59-60) que, por seu turno, assim analisa esse fenômeno:

as diversas modalidades de gíria distinguem-se de outros tipos de linguagens técnicas em função das motivações sociais que acionam o seu surgimento, sendo que a mais importante é a necessidade de sigilo, principalmente no caso de variedades lingüísticas próprias de grupos fechados, como o de marginais. Há, todavia, outras motivações que acionam o surgimento da gíria. Além da necessidade de criação de neologismos por força de necessidades expressivas, há uma demanda especial, em certos grupos, por forte coesão social, cuja conseqüência é a exclusão, via linguagem, dos que não fazem parte do grupo. Esse tipo de motivação para a criação da gíria caracteriza especialmente a linguagem adolescente.

Já Câmara Jr. (2004, p. 127), citando Marouzeau (1943), aponta a concepção de gíria como um “vocabulário parasita”, ou seja, o grupo de falantes, em geral, não cria um código original ou um vocabulário novo, mas sim, utiliza a estrutura comum da língua e faz modificações, distorções dos vocábulos usuais para formação de seus próprios, considerados gírios.

Garmadi (1983, p. 60), por sua vez, aborda o fenômeno da gíria por meio do termo *calão*, que a autora traduz do termo francês *argot* (gíria). Ela também a considera uma variedade parasita e complementa:

algumas dessas variedades caracterizam-se pelo facto de serem primordialmente constituídas por marcadores lexicais. Trata-se, em primeiro lugar, de conjuntos de diferenças situadas ao nível léxico da língua, e por essa razão funcionam parasitando, poder-se-ia dizer, na fonologia, na fonética, na sintaxe, e nas formas de variedade popular, e nas do veicular, do normalizado ou dos aloletos.

Com base nessas definições, podemos entender a *gíria* como um vocabulário que se difere da língua comum em razão da postura do grupo social que a utiliza, em termos de afinidades ou de conflitos que possam estabelecer com a sociedade. Pensando a respeito do fenômeno, desde a “gíria dos jovens” (Cf. RECTOR, 1975; 1994) até a gíria do “futebol” (FERNANDES, 1974; PROENÇA, 1981), passando por outros grupos, de certa forma, marginalizados (homossexuais, detentos), compartilhamos inteiramente da reflexão de Remenche (2003, p. 25),

quando defende que “a gíria é uma conseqüência da segmentação da sociedade”, pois funciona como uma reação lingüística, às vezes até subversiva, contrária a convenções estabelecidas.

A *gíria* possui, às vezes, características de um signo de agressão e, ao mesmo tempo, de defesa do grupo que a utiliza em relação à sociedade em que está inserida. Em vista disso, a *gíria* tem sua origem na necessidade de defesa dos interesses comuns do grupo ao qual pertence. Seu caráter, fechado e criptológico, revela o cuidado de seus integrantes em cuidar para que sua linguagem seja diferente, às vezes até ininteligível, formando uma barreira que objetiva a preservação e auto-afirmação de sua classe. Geralmente também possui caráter efêmero, pois tem a necessidade de constante renovação para se manter de certa forma obscura e secreta aos não participantes da comunidade lingüística onde é empregada como código de grupo. Por esse motivo, quando o caráter criptológico é mais favorecido, quando um vocábulo gírio é vulgarizado e, conseqüentemente, incorporado à língua comum, via de regra, é substituído por outro com o mesmo significado, mas com outro significante.

Em razão de sua natureza hermética, a *gíria*, na maioria das vezes, é considerada uma variante lingüística de baixo prestígio social, renegada a classes pouco instruídas. A cultura e a tradição são responsáveis pela manutenção dos padrões lingüísticos aceitos pela sociedade. Esse preconceito lingüístico se deve ao fato de a linguagem gíria, em geral, ser associada a grupos marginais que, por sua vez, também são alvo de preconceito. Todavia, uma atenuação desse caráter pejorativo da gíria, embora ainda incipiente, começa a vislumbrar-se devido a maior exposição de seus grupos na mídia, sobretudo televisiva, decodificando e propagando parte dessa linguagem, fazendo-a tornar-se mais popular e, por conseqüência, menos temida.

No entanto, devemos considerar que, internamente, ao nível do grupo, o conhecimento e o uso dessa linguagem têm um valor inversamente proporcional ao preconceito da sociedade onde se insere. Padrões que vão desde o modo de vestir, os movimentos corporais e faciais realizados, até a entonação de voz, demonstram, juntamente com a linguagem gíria, identidade com o grupo. O desconhecimento dos termos gírios pode suscitar, desde um simples e pontual desentendimento, até a estigmatização e o isolamento de um elemento em relação aos demais. A esse respeito, Cabello (1991, p. 95) salienta que,

ao identificar-se com sua prática e com sua linguagem, ele (elemento do grupo) racionaliza sua importância no submundo e sua importância no interior do grupo. É a satisfação da auto-imagem. Assim a linguagem proporciona identificação e dá reconhecimento.

A título de complementação, vale pontuar que a *gíria* não tem a ver somente com grupos ligados à delinqüência, detenção ou infrações penais. Como lembra Preti (2003a, p. 248),

há vocabulários de grupos restritos que não se ligam ao crime. Assim, recentemente, tem-se estudado a *gíria* dos estudantes (cf. Castro, A.F., 1947; Connie E. 1996), a *gíria* dos jovens (cf. Rector, M., 1975; 1984), a *gíria* do futebol (cf. Fernandes, M. C. L. O. 1974; Proença, I.C. 1981; Feijó, L.C.S. 1974) etc.

Alguns grupos restritos não conservam na *gíria* apenas características criptológicas de autoproteção e conservação - como é o caso dos internos em unidades prisionais -, possuem, ainda, características lúdicas. É o caso da *gíria* dos grupos citados que perdem sua identificação com o grupo social do qual provêm, à medida que seus termos são incorporados à língua comum. Um exemplo são linguagens populares como o chamado “futebolês” - uma linguagem que abrange vocábulos típicos desse esporte.

Aplicando esses conceitos teóricos ao grupo, cuja linguagem é objeto desta pesquisa, é possível considerar que a linguagem utilizada pelos adolescentes infratores pode ser classificada linguagem *gíria*, em razão de ser notória sua relação com os conceitos focalizados, especialmente, no que se refere ao grau de importância do conhecimento e do uso correto dessa linguagem para um indivíduo do grupo, como será especialmente apresentado no Vocabulário (Capítulo III) e demonstrado na análise de um recorte das *gírias* coletadas (Capítulo IV).

No âmbito dessa linguagem especial, o nível lingüístico mais afetado é, sem dúvida, o semântico-lexical. Em razão disso, o próximo item discute algumas teorias relacionadas ao léxico e às disciplinas que o elegem como principal objeto de estudo.

3 LÉXICO: FUNDAMENTOS BÁSICOS

Como já assinalado anteriormente, neste trabalho, percebemos como o nível semântico-lexical como o mais afetado pela linguagem dos adolescentes infratores. Por isso, consideramos imprescindível a discussão de algumas teorias relacionadas às ciências do léxico, especialmente no que tange à Lexicografia e, conseqüentemente, ao fazer dicionarístico.

O léxico de uma língua natural representa o repertório total de palavras acumulado no decorrer da história dessa língua, ou ainda pode ser concebido “como o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade lingüística, acerca das propriedades lexicais das palavras” (VILELA, 1994, p. 10). Nesse sentido, compreendemos o léxico como algo intimamente relacionado à maneira como o homem compreende a realidade que o cerca. Portanto, por meio do seu estudo, é possível perceber aspectos de natureza política, social, cultural e até científica da comunidade que o utiliza, em um determinado período histórico. Biderman (1998^a), ao considerar essa dimensão social da língua, afirma ser o léxico o maior patrimônio social de determinada comunidade, juntamente com outros símbolos da herança cultural. E, continua a lexicóloga:

dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e idéias. [...] é pela palavra que o homem exerce sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual, o subjetivo. A palavra cristaliza o conceito resultante dessa operação mental, possibilitando sua transmissão às gerações seguintes (BIDERMAN, 1998a, p. 132).

O léxico, em razão disso, pode ser considerado o nível mais dinâmico de uma língua, devido à necessidade de se adaptar e de acompanhar a evolução da própria sociedade, à medida que todos os referentes da cultura necessitam ser renovados.

Aqui recai o principal ponto de encontro do léxico com o objeto de investigação desta pesquisa. A linguagem utilizada pelo grupo em pauta possui características especiais: na proporção em que a língua comum (norma culta ou

não) pode ser considerada franca, esta, da maneira como é concebida, não atende todas as necessidades do grupo estudado. A linguagem gíria, especialmente o léxico, possui características próprias que, de certa forma, a distanciam da língua comum, haja vista a necessidade sentida por alguns grupos sociais de se diferenciarem da população em geral por meio da linguagem, atitude essa que representa uma forma de defesa e de autopreservação do próprio grupo. Portanto, o léxico da língua comum, no interior do grupo, tende a ser modificado e renovado para que possa refletir a unidade e a identidade desse grupo frente aos demais segmentos da sociedade em que se encontra inserido. À proporção que uma palavra desse léxico de grupo é vulgarizada na língua comum e deixa para trás seu aspecto criptológico, pode perder o *status* de gíria para o grupo, podendo ser substituída por outra, fator que justifica o dinamismo e a efemeridade do léxico gírio.

3.1 A UNIDADE LÉXICA E A LEXICOLOGIA

Embora o conceito de *palavra* seja amplamente conhecido pelo senso comum, o conceito lingüístico de palavra, como unidade lexical, não é tarefa fácil de ser delimitado. Biderman (1999, p. 81), por exemplo, considera que “o conceito de palavra é problema complexo em lingüística, não sendo possível definir a palavra de modo universal”. Assim, a autora lança mão de três critérios para delimitar a palavra: o fonológico, o morfossintático e o semântico. A partir da aplicação desses critérios, a estudiosa do léxico conclui que

a fonologia e a morfossintaxe ajudam-nos a reconhecer segmentos fonicamente coesos e gramaticalmente pertinentes enquanto formas funcionais; contudo, só a dimensão semântica nos fornece a chave decisiva para identificar a unidade léxica no discurso. Assim, no topo da hierarquia, a semântica vem a congregar as demais informações de nível inferior para nos oferecer a chave do mistério da palavra (BIDERMAN, 1999, p.87).

Por sua vez, *palavras* e *vocábulos*, embora sejam termos bastante conhecidos para designar as unidades léxicas de uma língua, configuram-se como termos muito amplos e ambíguos, em termos de significado. Por isso, quando

referidos do ponto de vista científico, é importante priorizar o uso de termos técnicos mais específicos. Assim, compartilhamos inteiramente das importantes reflexões a esse respeito, realizadas por Biderman (1999). A lexicóloga admite que o uso indiscriminado desses termos causaria ambigüidade, sobretudo porque, “no plano das realizações discursivas, qualquer seqüência significativa será chamada indiferentemente e imprecisamente de *palavra* ou *vocábulo* (BIDERMAN, 1999, p. 88). Por essa razão, termos como *lexema* e *lexia* são muito mais funcionais e podem eliminar inúmeras ambigüidades, que devem sempre ser evitadas na realização de trabalhos científicos.

O termo *lexema* deve ser usado para “denominar as unidades virtuais que compõem o léxico de uma língua. [...]. Assim, no plano da língua, o termo *lexema* refere à unidade abstrata do léxico”. Já o termo *lexia* pode ser compreendido como a unidade léxica funcional do discurso, ou seja, *lexias* são “as manifestações discursivas dos *lexemas*” (BIDERMAN, 1999, p. 89).

A mesma autora, em outra ocasião, exemplifica melhor esses conceitos:

os *lexemas* se manifestam, no discurso, através de formas ora fixas, ora variáveis. Essa segunda alternativa é a mais freqüente nas línguas flexivas e aglutinantes. Assim, em português, o *lexema* CANTAR pode manifestar-se discursivamente como *cantei*, *cantavam*, *cantas*, *cantando* etc. o *lexema* MENINO como *menino* e *meninos*. A essas formas que aparecem no discurso, daremos o nome de *lexia* (BIDERMAN, 1978, p. 169).

Portanto, as unidades léxicas que compõe o principal objeto de estudo desta pesquisa, as gírias, também podem ser denominadas de *lexias*, especialmente por fazerem parte do universo de discurso de seus usuários.

Já as *lexias* podem ser classificadas em *lexias simples* (graficamente constituídas de uma seqüência gráfica separada por dois brancos); *lexias complexas* (formadas a partir de várias unidades separadas por brancos e não ligadas por hífen) e *lexias compostas* (reúne várias unidades ligadas por hífen) (BIDERMAN, 1999, p. 89). As *lexias simples* são unidades léxicas que, em geral, não colocam problemas à sua classificação. Já as unidades complexas e compostas, por serem constituídas por mais de um elemento, geram dificuldade quanto à sua delimitação; e, no caso de um usuário recorrer a um dicionário para tentar dirimir sua dúvida,

provavelmente não logrará êxito, em razão da falta de critério a esse respeito. Biderman (1999, p. 91), para ilustrar esse fato, cita o tratamento dispensado às lexias compostas *mãe-solteira*, *mãe-de-santo*, *mãe-benta* no Dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986):

nesse e em outros casos, um dicionário como o Aurélio não é coerente. Considera *mãe-de-santo*, *mãe-benta* e várias outras lexias como lemas independentes, incluindo outros sob a epígrafe de *mãe*. *Mãe-solteira*, por exemplo, deve subordinar-se a *mãe*, porém não *mãe-de-santo* e outras mais (BIDERMAN, 1999, p. 91).

As lexias citadas, assim como diversas outras em língua portuguesa (considerando-se, inclusive, inúmeras gírias do vocabulário apresentado neste trabalho), possuem um alto grau de lexicalização (de soldadura, de coesão interna etc), ou seja, são sentidas pelos falantes como formas independentes. Assim, “quase poderíamos afirmar que a freqüência do uso vai dando aos falantes um forte sentimento de cristalização da seqüência discursiva” (BIDERMAN, 1999, p. 91). Outra forma de identificar uma lexia complexa é considerando seu significado. Caso o sintagma lexical se relacione a um referente único e facilmente identificável no universo extralingüístico, é muito provável que seus usuários considerem esse sintagma lexicalizado, ou seja, uma lexia complexa. Enfim, como podemos observar, o léxico de uma língua é formado por unidades extremamente heterogêneas que, por assim serem, merecem mais estudos e atenção especial dos estudiosos da linguagem.

O léxico de uma língua natural é estudado de maneira mais ampla e completa pela Lexicologia, disciplina que engloba muitos aspectos de outras disciplinas ligadas aos estudos lingüísticos e pode ser estudada com diferentes enfoques, como aponta Lorente (1998, p. 83, apud LORENTE, 2004, p. 20):

o léxico está situado em uma espécie de intersecção lingüística que absorve informações provindas de caminhos diversos: dos sons (fonética e fonologia), dos significados (semântica), dos morfemas (morfologia), das combinações sintagmáticas (sintaxe) ou do uso lingüístico e das situações comunicativas (pragmática). Não há unidade lexical sem que algum destes aspectos esteja presente, de modo que a variação que afeta as palavras também tem origem em algum destes componentes.

Tão amplo e complexo é o campo de estudos da Lexicologia que, dependendo da abordagem, permite estudar o léxico de várias maneiras, sob diversos e variados enfoques, todos eles apresentando sempre relações com outros ramos da Lingüística. No entanto, além dessa dimensão lingüística, o léxico pode ser também estudado sob a perspectiva da sua relação com fatores extralingüísticos. A posição de Barbosa (1980, p. 262), acerca do objeto de estudo da Lexicologia, abrange também esses aspectos:

estudar a palavra e sua estrutura gramatical, semântica, semântico-sintáctica; examinar sua carga ideológica, sua força persuasiva, sua natureza modalizante; estudar o conjunto de palavras de tal sistema ou de um grupo de indivíduos, seja como universo lexical, seja como conjunto vocabulário; analisar o léxico efetivo, ativo e passivo, e fazer estimativas sobre o léxico virtual; considerar a palavra como um instrumento de construção e de detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores; abordá-la como um elemento instaurador e como um lugar privilegiado de reflexo da cultura; explicar os processos de criação e renovação de palavra e de seu conjunto universo, o léxico [...].

As múltiplas abordagens da Lexicologia acabam, portanto, por possibilitar o estudo da palavra, considerando também alguns aspectos compartilhados de outras disciplinas da Lingüística, tais como a Semântica, a Fonologia, a Fonética, a Morfossintaxe. Embora seja possível, como considera Barbosa (1980, p. 262), em razão dessa interface, a um observador menos avisado confundir o campo de atuação de uma ou outra disciplina das ciências da linguagem, e possa encontrar dificuldade quanto à sua delimitação, um exame mais aprofundado do assunto acaba por revelar diferenças sensíveis entre essas disciplinas e a Lexicologia.

Para essa autora, ao considerar a palavra como um *objeto formal*, a Lexicologia seria a *englobante* e as outras disciplinas *englobadas*. Mesmo com a existência dessas relações de intersecção, essa abordagem interdisciplinar “não lhe retira a especificidade, antes a reafirma com mais vigor” (BARBOSA, 1980, p. 263).

O próximo item abordará aspectos teóricos a respeito da Lexicografia, ciência que também considera, embora com enfoque diferente, o léxico como seu objeto de estudo.

4.2 A LEXICOGRAFIA

Segundo Biderman (1998b, p. 15), “a Lexicografia é a ciência dos dicionários”. No entanto, os dicionários, exclusivamente, não são os únicos a constituírem objetos de estudo dessa ciência. A Lexicografia, além do dicionário, engloba também outras obras de referência (vocabulários, glossários, enciclopédias). Sendo a palavra objeto de estudo tanto da Lexicologia quanto da Lexicografia, ambas as disciplinas possuem traços em comum e, até mesmo, se complementam - embora cada uma dispense tratamentos diferenciados ao léxico. Barbosa (1980, p. 163), por exemplo, assim diferencia o campo de estudo dessas duas disciplinas, ao ponderar que a Lexicografia

[...] se define como uma técnica de tratamento da palavra, de compilação, de classificação, de que resulta, por exemplo, a produção de dicionários, de glossários, dentre outras. Há, certamente, entre a lexicografia e a lexicologia relações epistemológicas e metodológicas. Contudo, a especificidade do tratamento a que submetem a palavra assegura-lhes autonomia de métodos, de técnicas e até de modelos.

A prática lexicográfica é uma atividade antiga e bastante tradicional e tem sua origem na Antigüidade Clássica, quando tinha como objetivo principal explicar o significado das palavras usadas pelos falantes em determinada época e que, devido à evolução lingüística e cultural, tornavam-se raras e incompreensíveis. Contudo, foi apenas nos séculos XVI e XVII, com o advento da imprensa e o impulso cultural renascentista, que se iniciou a elaboração dos primeiros dicionários monolíngües e multilíngües, como resultado da necessidade de maior integração entre os povos.⁸ Biderman (2001a, p. 177) adverte também que

a Lexicografia de língua portuguesa constitui, na verdade, uma antiga prática com pequena ciência. Em geral, os dicionaristas são apaixonados cultores das palavras e da língua com pequena ou nenhuma ciência lingüística. Por isso, continuam a reproduzir práticas centenárias, sem criticá-las e adequá-las ao nível atual dos conhecimentos lingüísticos.

⁸ Conferir a esse respeito Biderman (2001a, p. 15) e Bevilaqua (1993, p. 18)

Conforme Lara (2004, p. 142), “a lexicografia nasceu como uma necessidade social e informativa, muito tempo antes que a lingüística se constituísse como lingüística”, embora atualmente não se possa ignorar o conhecimento advindo da Lingüística moderna. O autor destaca ainda que a Lexicografia não é, de fato, uma teoria, mas sim uma metodologia que oferece procedimentos e métodos para estudar o léxico e defende a divisão dessa disciplina em duas, a saber: a) Lexicografia descritiva, que elabora dicionários lingüísticos e b) Lexicografia social, que produz dicionários para o público em geral (LARA, 2004, p. 151).

Haensch (1982), por sua vez, considera a tarefa de estabelecer tipologias de dicionários árdua e com *não-poucos* problemas. De início, se depara com o primeiro obstáculo, qual seja, a terminologia correta que pudesse englobar todos os tipos de dicionário:

no existe, que sepamos, ni en español ni en otras lenguas indoeuropeas, ningún término genérico que abarque toda clase de diccionarios, vocabularios y glosarios. A la falta de una denominación genérica comúnmente aceptada, usaremos los términos ‘obras lexicográficas’ e ‘instrumentos lexicográficos’ (HAENSCH, 1982, p. 103)⁹.

Assim, para a classificação das obras lexicográficas, Haensch (1982, p. 104) propõe que sua categorização tipológica seja realizada, em primeiro lugar, a partir da história da Lexicografia e de sua prática e, em segundo, a partir de critérios teórico-lingüísticos. Essa abordagem é justificada pelo próprio autor, da seguinte maneira:

varios autores han intentado establecer una clasificación más o menos rigurosa de los distintos tipos de obras lexicograficas. Resulta, in realidad, muy difícil realizar una clasificación de tipos de obras lexicográficas: en primero lugar, porque han sido no sólo criterios lingüísticos, sino también factores históricos y culturales los que han influido en el nacimiento y desarrollo de los distintos tipos de obras lexicográficas; en segundo lugar, por que las obras lexicográficas existentes presentan, por lo general, una combinación de rasgos

⁹ "Não existe, que saibamos, nem em espanhol nem em outras línguas indo-européias nenhum termo genérico que abarque todo tipo de dicionários, vocabulários e glossários. À falta de uma denominação genérica comumente aceita, usaremos os termos 'obras lexicográficas' e 'instrumentos lexicográficos'" (T.N.).

pertencientes a categorías de clasificación totalmente diferentes. Por lo tanto, una caracterización que se pueden distinguir de hecho ha de partir, primero, de la historia de la lexicografía, en segundo lugar, de los trabajos lexicográficos existente y, en grado menor, de criterios teórico-lingüísticos (HAENSCH, 1982, p. 96-97)¹⁰.

Incluídos em sua extensa tipologia, o autor considera os dicionários de discurso coletivo, os chamados “thesaurus”, os de discurso individual como glossários, dicionários e vocabulários, de obras literárias ou não, atlas lexicais (que tratam de dialetos e socioletos), dicionários de regionalismos (por exemplo, de americanismos), de gírias (por exemplo, de delinqüentes), dicionários pictóricos (que representam plasticamente um elemento da realidade), dicionários de pronúncia (ortoépicas), ortográficos, de construção, de formação de palavras, de colocação, de dúvidas, de fraseologias, de neologismos, dicionários inversos, bilíngües, multilíngües, enciclopédicos, onomasiológicos, além das enciclopédias e dicionários enciclopédicos (HAENSCH, 1982, p. 95-103).

Ao também tentar empreender essa difícil classificação, Welker (2004, p. 44), a partir de uma extensa pesquisa bibliográfica, propõe sua própria tipologia. Em primeiro lugar, apresenta uma distinção entre *dicionários (de língua)* e *outras obras de consulta* (enciclopédias, almanaques, catálogos, etc) e, em seguida, sua classificação considera as seguintes características: a) *impresso/convencional x eletrônico*; b) *monolíngüe x bi/multilíngüe* c) *geral x especial*. Welker (2004, p. 44) propõe que apenas um tipo seja considerado *geral*, e que todos os outros sejam classificados como *especiais*, “desse modo, são considerados dicionários especiais os históricos, os diacrônicos, os onomasiológicos, etc”.

Para os dicionários gerais, o autor ainda propõe outra subdivisão, entre *seletivos* e *extensos*. Os dicionários gerais *seletivos* são os que registram lexemas em uso, enquanto os *extensos* - também chamados *tesouros* - “incluem

¹⁰ "Vários autores tentaram estabelecer uma classificação mais ou menos rigorosa dos diferentes tipos de obras lexicográficas. É, de fato, muito difícil realizar uma classificação dos tipos das obras lexicográficas: em primeiro lugar, porque não há somente critérios lingüísticos, mas também fatores históricos e culturais os quais influem no nascimento e desenvolvimento dos diferentes tipos de obras lexicográficas; em segundo lugar, por que as obras lexicográficas existentes apresentam, de maneira geral, uma combinação de traços pertencentes a categorias de classificação totalmente diferentes. Portanto, uma caracterização que se possa distinguir de fato, primeiro, a partir da história da lexicografia, em segundo lugar, dos trabalhos lexicográficos existentes e, em menor proporção, de critérios teórico-lingüísticos" (T.N.).

numerosos lexemas e termos não empregados na língua comum, como Aurélio, Michaelis e Houaiss” (WELKER, 2004, p. 44).

Embora o dicionário seja o tipo mais conhecido, existem diversas outras categorias de obras lexicográficas, dentre elas a escolhida para reunir o *corpus* lingüístico aqui coletado, o *vocabulário*. Em razão de o vocabulário ser comumente confundido com o *glossário*, julgamos conveniente elucidar suas principais diferenças, assunto abordado no tópico seguinte.

3.2.1 Dicionário, Glossário, Vocabulário: algumas distinções

O Dicionário é um objeto essencial nas sociedades modernas e há muito tempo tem ocupado um papel de destaque na vida dos falantes e aprendizes de qualquer idioma. Conforme observa Krieger (1993, p. 09), eles próprios, em geral, se autodefinem como “um conjunto de vocábulos de uma língua, dispostos alfabeticamente, com seus respectivos significados”. Todavia, sabemos que os dicionários são muito mais que isso. A própria autora salienta que “em que pese a aparência de catálogo lexical, o dicionário revela um universo semântico-cultural através das unidades lexicáticas que o compõem”. Complementa ainda a autora que, “no caso dos dicionários gerais, o conjunto das unidade lexicais configura a amplitude do universo cultural de uma comunidade lingüística”.

Já para Biderman (2001a, p. 131), “os dicionários constituem uma organização sistemática do léxico, uma espécie de tentativa de descrição do léxico de uma língua”. A autora também considera, em outra ocasião, a posição de Lara (1992, p. 20), segundo o qual “o dicionário representa a memória coletiva da sociedade e é uma de suas mais importantes instituições simbólicas” (LARA, 1992, apud BIDERMAN, 1998b, p.164).

No decorrer da história da Lexicografia, como já assinalado, os estudiosos dos dicionários vêm propondo diversas tipologias de obras lexicográficas, dentre elas, situa-se o tipo mais conhecido: o Dicionário. Este, por sua vez, também possui muitas subclassificações. Biderman (2001b), por exemplo, propõe uma subdivisão das obras lexicográficas, considerando os principais modelos utilizados nas sociedades contemporâneas: a) dicionários multilíngües e b) dicionários

monolíngües. Vinculados à subclassificação *monolíngües*, situam-se os dicionários de língua, dicionários analógicos ou ideológicos, dicionários históricos, os dicionários terminológicos das diferentes áreas de conhecimento (astronomia, biologia, comunicações, direito, ecologia, eletricidade, física, geologia, geomorfologia, informática, medicina, metalurgia, psicologia, química, etc.) (BIDERMAN, 2001b, p. 131).

Esses dicionários específicos, denominados terminológicos, também são chamados de vocabulário, por situarem-se no campo específico de uma norma lingüística e cultural. Nesse particular, Lúgia Rivera Dominguez (1985), citada por Barbosa (1995, p.19), pondera o seguinte:

Así, se emplean para referir-se a la misma problemática en lexicografía términos como léxico, vocabulario, diccionario, y glosario. Sin embargo, existen realmente diferencias entre ellos [...] Una de esas diferencias radica en considerar el nivel lingüístico del que forma parte el corpus estudiado. Si el dato se basea en la lengua, tendremos diccionarios e léxicos, pero si el corpus pertenece al habla, resultaran vocabularios y glosarios [...] léxico y diccionario por un lado, y vocabulario y glosario por el otro, pueden definirse también si se considera la delimitación del corpus empleado para el análisis. El vocabulario y el glosario están limitados por las peculiaridades del habla; [...] Finalmente, podemos diferenciar los términos atendiendo a si el análisis del *corpus* ha sido exhaustivo o no, y si se han seleccionado las ocurrencias atendiendo a algún criterio específico. [...] Por otra parte léxicos y diccionarios son obras de codificación y vocabularios y glosarios de descodificación¹¹.

Barbosa (1995), por sua vez, concebe as diferenças entre dicionário, glossário e vocabulário, com as quais concordamos, estabelecendo a relação entre as obras lexicográficas e seus níveis de atualização e de abstração, além de reconhecer também as unidades-padrão que as constituem. Assim, considera a unidade-padrão do dicionário, o lexema, ao nível do sistema, dentro da perspectiva coseriana. Já os vocabulários, para essa autora, “buscam situar-se ao nível de uma

¹¹ "Assim, se empregam para referir-se à mesma problemática em lexicografia termos como léxico, vocabulário, dicionário, e glossário. Todavia, existem de fato diferenças entre eles [...] Uma dessas diferenças consiste em considerar o nível lingüístico de que forma parte do *corpus* estudado. Se o dado se baseia na língua, teremos dicionários e léxicos, mas se o corpus pertence à fala, resultarão vocabulários e glossários [...] léxico e dicionário por um lado, e vocabulário e glossário por outro, podem definir-se também se se considera a delimitação do *corpus* empregado para a análise. O vocabulário e o glossário estão limitados pelas peculiaridades da fala; [...] Finalmente, podemos diferenciar os termos observando se a análise do *corpus* foi exaustiva ou não, e se se tem selecionado as ocorrências atendendo a algum critério específico. [...] Por outro lado, léxicos e

norma lingüística e sociocultural, têm como unidade-padrão o vocábulo (Muller), constituindo-se como conjuntos-vocabulários” (BARBOSA, 1995, p. 20). Quanto ao glossário, a autora concebe-o simplesmente como um levantamento de “palavras-ocorrências” e das acepções que possuem num determinado texto.

Para argumentar as diferenças fundamentais entre vocabulários e glossários, Barbosa (1995, p. 21) lança mão de um critério qualitativo-quantitativo, segundo o qual,

o vocabulário busca ser representativo de um universo de discurso - que compreende, por sua vez, discursos manifestados -, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado, em sua especialidade léxico-semântica e semântico-sintática, numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas.

Em suma, embora com diversos aspectos semelhantes, esses três tipos de obras lexicográficas possuem distinções, no tocante ao conjunto de unidades que as constituem.

Os tópicos seguintes tratam da estrutura e da organização das tipologias de obras lexicográficas aqui mencionadas.

3.2.2 Macroestrutura e Microestrutura das Obras Lexicográficas

O termo *macroestrutura* pode ser compreendido de duas maneiras: a) a maneira como o corpo de um dicionário ou vocabulário é organizado; e b) conjunto das entradas (lemas). Essa última também é denominada de “nomenclatura” (BIDERMAN, 1998a, p. 131). Sobre isso, Béjoint (2000, apud WELKER, 2004, p. 81) pondera o seguinte:

alguns usam macroestrutura como sinônimo de nomenclatura, mas é preferível usar este último termo como equivalente a word-list, ao passo que o primeiro pode ser empregado para referir-se à maneira como o conjunto de entradas é organizado nos diversos dicionários.

Em se tratando da *microestrutura*, Welker (2004, p. 107-110) traz conceitos de vários autores que, em sua maioria, não se excluem, mas se complementam. Esse levantamento suscita também outras subdivisões do termo *microestrutura*. Dentre essa fundamentação, elegemos como fundamental o conceito apresentado por Rey-Debove (1971, apud WELKER, 2004, p.107), pela clareza da exposição. Para a autora, *microestrutura* é “o conjunto de informações ordenadas de cada verbete após a entrada”. Ou seja, todas as informações que se seguem ao lema¹² e a forma como são organizadas essas informações.

Em um dicionário, a *microestrutura* abrange diversos campos: *cabeça do verbete, variantes ortográficas e de pronúncia, classe e informações gramaticais, etimologia, marcas de uso, informações sintáticas, notas, colocações, exemplos (abonações), fraseologismos, expressões idiomáticas, remissões e a definição* (WELKER, 2004, p. 108). Ainda pode conter outros dados, além dos já citados, como *informações enciclopédicas, da modalidade (escrita / falada), nível de linguagem (formal / informal) e datação*.

Maiores detalhes quanto à *microestrutura* dos verbetes que compõem o Vocabulário deste trabalho, estão disponíveis no Capítulo III, deste trabalho.

3.2.3 A Definição Lexicográfica

Um dos aspectos mais importantes da Lexicografia e que mais desperta o interesse dos estudiosos da área é, sem dúvida, o da *definição*. Basta-nos lembrar da célebre frase de Imbs (1960, apud WELKER, 2004, p. 117) que resume a importância da definição no âmbito de uma obra lexicográfica: “a arte suprema, em Lexicografia, é a da *definição*”. Essa afirmação não deve surpreender, pois é muito provável que, quando um usuário comum consulte um dicionário geral

¹² Lema: "unidade léxica ideal que representa um paradigma de formas flexionadas. Essa unidade constitui a típica entrada de dicionário e representa todas as demais formas do paradigma. Por exemplo: a forma infinitiva *cantar* que aparece nos dicionários de português representa todas as outras variantes deste paradigma verbal: *canto, cantara, cantasse, cantando* etc; É, portanto, um *lema*" (BIDERMAN, 1984b, p. 139).

monolíngüe, na maioria das vezes, sua única intenção é saber o significado de determinada palavra.

Essa questão é bastante significativa, sobretudo em razão de um problema já amplamente discutido em diversos estudos sobre obras lexicográficas, acerca da verdadeira função de um dicionário: codificar ou decodificar palavras. Todavia, também é certo que a definição é somente parte do que um dicionário pode oferecer. Além do registro dos diferentes sentidos que um lexema pode assumir na língua, em diferentes universos de discurso, existem outras informações pertinentes, que geralmente constituem um verbete de dicionário. Essas informações podem englobar, desde a *pronúncia, ortografia e informações gramaticais, até exemplos, colocações e marcas de uso*, dados essenciais que poderão orientar o uso da lexia, em uma situação comunicativa.

A definição de uma palavra, em geral, consiste em uma explicação semântica dessa palavra, geralmente feita por meio de paráfrase. Nesse particular, Biderman (1984a, p. 32) salienta que:

essa paráfrase deve ser redigida em linguagem simples, escoreita e ter sido formulada utilizando palavras muito freqüentes na língua, preferencialmente lexemas que façam parte do vocabulário básico. Tal preocupação garantiria, em princípio, a compreensão fácil do termo cujo significado o consulente desconhece.

A mesma autora pondera ainda que o trabalho do lexicógrafo é o de explicitar o que os usuários de uma língua compreendem, ao fazer referência a uma palavra qualquer. Assim, faz-se necessário analisar semântica e conceitualmente a palavra a ser definida. A lexicógrafa adverte ainda que “nessa tarefa o definidor deve ser rigoroso, estabelecendo uma equação sêmica e não uma adivinhação, para que o *definiendum* seja identificado sem ambigüidade” (BIDERMAN, 1993, p. 23).

Zgusta (1971, apud BIDERMAN, 1993, p. 23) traz alguns esclarecimentos para a questão da definição, ao estabelecer as diferenças entre a definição lógica (em geral apenas aplicada à classe de substantivos) e a definição lexicográfica:

a definição lexicográfica e a definição lógica se recobrem até certo ponto, mas apresentam diferenças notáveis. Provavelmente a mais importante delas está em que, enquanto a definição lógica tem de identificar de modo inequívoco o objeto definido (*definiendum*) de tal

modo que ele deva, por um lado, contrastar radicalmente com todos os outros objetos susceptíveis de definição, e por outro lado, caracterizar-se de modo positivo e inequívoco como membro da classe mais próxima, a definição lexicográfica enumera os mais importantes traços semânticos da unidade léxica que bastem para distingui-las das outras unidades.

Segundo Biderman (1993, p.24), o *definiendum* citado pelo autor pode ser uma classe, como animal, planta, etc; uma propriedade do ser ou objeto, no sentido genérico, como a beleza, o comprimento etc; uma função, como em palavras que exprimem ações, processos, etc; ou uma relação, como ligações (classes gramaticais como a conjunção, por exemplo) e substituição de elementos do discurso (como é o caso do pronome).

Fernández-Sevilla (1974, p. 69), por seu turno, pondera que a definição é “una secuencia lingüística más o menos amplia que aporta información acerca del *signo* que sirve de *entrada*”¹³. O autor a considera como a parte mais difícil e delicada do trabalho lexicográfico e, ao citar um exemplo do DRAE (Diccionario da Real Academia Española), lembra um problema comum nas definições de alguns dicionários da atualidade: geralmente confundem ou mesclam informações que se referem tanto ao signo lingüístico em si mesmo, quanto à realidade exterior por ele designada. Já Rey-Debove (1984, p. 66) compreende que “a definição é uma perífrase que pretende ser sinônima da palavra a ser definida que se acha colocada numa predicação do tipo: ‘um X é um Y que..., etc.’, isto é, numa identidade entre duas classes de objetos (e não de signos)”. Dessa feita, a autora considera que “só falando das coisas que a definição pode dar-nos o sinônimo do signo” e, em razão disso, embora esclarecendo que a posição dos lingüistas é contrária a esse método não lingüístico, reitera que esse procedimento configura-se como o verdadeiro interesse dos dicionários (REY-DEBOVE, 1984, p. 66).

Em consonância com os conceitos clássicos arrolados, Ignácio (2000, p. 18) expõe, de maneira bastante clara e ilustrativa, sua proposta de definição e situa duas tipologias mais utilizadas pelos dicionaristas:

¹³ "uma seqüência lingüística mais ou menos ampla que fornece informação acerca do *signo* que serve de *entrada*" (T.N.).

Em princípio, o processo metalingüístico que envolve a definição se desenvolve num jogo de equivalências semânticas que se efetua por meio do esquema [A equivale a B]. Nesse esquema, A e B se realizam lingüisticamente das seguintes formas: (i) equivalem-se formalmente, numa relação que poderia denominar propriamente de sinonímica, sendo representados ora por dois itens lexicais simples de uma mesma classe gramatical (cachorro = cão; belo = bonito; moer = triturar), ora por duas expressões sintagmáticas de estruturas semelhantes (quebrar a cara = dar-se mal) (ii) A é um item lexical e B uma construção sintática que encerra uma conceituação/definição de A (tear = máquina destinada a produzir tecidos; reta = linha traçada com régua). Esse segundo esquema, em que B encerra o que se pode chamar genericamente de definição discursiva, é o que se emprega com mais freqüência nos verbetes do dicionário.

Pelo exposto, o que fica evidente é o fato de a definição lexicográfica centrar no carácter metalingüístico sua maior dificuldade, ou seja, são palavras “explicando palavras” e, em razão disso, o trabalho de seleção lexical na construção de uma definição deve ser extremamente criterioso.

Quanto às tipologias de definição lexicográfica, Fernández-Sevilla (1974, p. 70) também compreende que a definição pode ser sinonímica ou perifrástica e afirma que em qualquer situação são imprescindíveis a precisão e a clareza, além de ser necessário haver informações suficientes para informar o valor, o conteúdo e as possibilidades combinatórias da entrada a que a definição for equivalente. E acrescenta: “cada uno de estos tipos tiene ventajas y inconvenientes, debiendo utilizarse el que mejor convenga en cada caso” (FERNÁNDEZ-SEVILLA, 1974, p. 70)¹⁴. Werner (1982, p. 276), por sua vez, também propõe sua tipologia, dividida em dois tipos, assim denominadas: a) técnica da paráfrase lexicográfica e, b) instrução semântica mediante indicação de sinônimos.

A primeira categoria equivale à definição perifrástica de Fernández-Sevilla (1974), consistindo em parafrasear o semema¹⁵ a ser definido por meio de um sintagma, cujo significado seja idêntico ao do semema em questão. Nessa perspectiva, entende-se que o semema de uma unidade léxica se explica por meio da combinação de sememas de várias unidades léxicas. E considera que “la explicación solo és óptima cuando la combinación del lo semema del definidor

¹⁴ "Cada um destes tipos possui vantagens e inconvenientes, devendo utilizar-se a que melhor convenha a cada caso" (T.N.).

¹⁵ "Na terminologia da análise sêmica, o *semema* é a unidade que tem por correspondente formal o lexema; ele é composto por um feixe de traços semânticos chamados *semas* (unidades mínimas não

compreende los mismos semas que el semema que hay de definir”¹⁶. Considerando esse parâmetro, o autor ainda subdivide a definição por paráfrase em: i) definição relacional (geralmente utilizada para definir adjetivos, iniciando sempre por pronome relativo) e; ii) definição substancial (quando há outras construções sintáticas). Essa última geralmente é usada para definir substantivos e segue o modelo “género proximo + diferencia especifica”.

A segunda definição, denominada por Werner (1982) de “instrução semântica mediante indicação de sinônimos”, equivale à definição sinonímica de Fernández-Sevilla (1974) e consiste em explicar o significado de determinado semema por meio da indicação de sinônimos. A respeito desse tipo de definição, bastante comum em muitos dicionários gerais, Werner (1982) pondera que

cuando se parte — como lo hace la mayoría de los lingüistas — del punto de vista de que los contenidos o significados de unidades léxicas diferentes no se corresponden nunca completamente o sólo en pocos casos, hay que considerar la descripción del contenido del unidades léxicas mediante la indicación de contenidos de otras unidades léxicas como inexacta, o por lo menos, insuficiente (WERNER, 1982, p. 276-277).¹⁷

Werner (1982, p. 278) acrescenta ainda que, em um dicionário geral, essa opção deve ser usada somente em conjunto com a definição por paráfrase, consistindo, assim, em um meio de orientar o uso ou auxiliar na compreensão da unidade léxica.

Essas tipologias são corroboradas também por Biderman (1993) e por Ignácio (2000). Este último apresenta dois esquemas genéricos (o da definição sinonímica ou “termo a termo” e da “definição discursiva”) para a definição lexicográfica, com base na estrutura das equivalências:

a) uma definição feita “termo a termo”, não discursiva, em que A e B são itens lexicais da mesma classe e se equivalem sinonimicamente (cachorro = cão; belo = bonito; moer = triturar). Incluem-se aqui as lexias complexas (quebrar a cara = dar-se mal);

susceptíveis de realização independente).

¹⁶ "A explicação só é completa quando a combinação do semema do definidor compreende os mesmos semas que o semema que se quer definir" (T.N.).

¹⁷ "Quando se parte — como faz a maioria dos lingüistas — do ponto de vista de que os conteúdos ou significados de unidades léxicas diferentes não se correspondem nunca completamente ou somente em poucos casos, há de se considerar o conteúdo de unidades léxicas mediante a indicação de conteúdo de outras unidades léxicas como inexacta, ou pelo menos, insuficiente (T.N.)"

b) uma definição propriamente discursiva em que A é um item lexical e B é uma estrutura sintagmática construída à base de um ou mais predicadores (mastigar = triturar com os dentes; saciar-se = satisfazer-se das necessidades físicas ou psíquicas de modo exaustivo; automóvel = veículo automotor para transporte de passageiros; estes, geralmente, em número não superior a cinco; escola-modelo = instituição de ensino que serve de parâmetro de excelência) (IGNACIO, 2000, p. 20).

Biderman (1993, p. 29), assim como os demais autores citados, ao tratar das definições de substantivos, aponta a paráfrase e a definição sinonímica, como opções para definir essa categoria de palavras. Dentro da definição por paráfrase, a autora propõe as seguintes subdivisões: a) definição metonímica; b) definição hiperonímica; c) definição enumerativa; d) definição por aproximação e; e) definição antonímica.

O tipo de definição que, segundo a autora, constitui o modelo ideal para os substantivos é a hiperonímica, que consiste em utilizar um hiperônimo (arquilexema) como classificador básico (o que Werner (1982) denomina de gênero próximo), seguido de diferenças específicas: “Freqüentemente esse tipo de definição assume um caráter descritivo das características que individualizam o referente” (BIDERMAN, 1993, p. 30).

A definição sinonímica já foi bastante exemplificada e também criticada. Biderman (1993), por exemplo, também salienta que esse tipo de definição deve ser evitado sempre que possível. No entanto, a mesma autora faz uma ressalva importante, ao afirmar que a definição sinonímica é “aceitável quando definir uma palavra conotada por outra palavra denotativamente equivalente na língua comum” (BIDERMAN, 1993, p. 29).

Essa ressalva é deveras pertinente para o trabalho de elaboração do Vocabulário da gíria de adolescentes infratores que integra este estudo. Muitas unidades léxicas coletadas (especialmente os substantivos) são termos conotados por meio da linguagem gíria e semanticamente equivalentes a outras na língua comum. Por exemplo, todos os semas da lexia “bailarina”, na gíria, equivalem aos semas da palavra “caneta”, na língua comum. Logo, ao invés de se construir um verbete com a seguinte estrutura: *bailarina* = utensílio contendo tinta ou similar com que se pode escrever ou desenhar, pode ser mais produtivo e didático ao consulente

um verbete do tipo *bailarina* = caneta, já que o significado do signo caneta na língua comum é amplamente conhecido.

As considerações sobre a tipologia das definições serão retomadas e aprofundadas no Capítulo III, quando da explicitação das opções teóricas adotadas para a constituição do Vocabulário.

CAPÍTULO II – CONHECENDO O GRUPO ESTUDADO

Este capítulo traça um panorama introdutório sobre a legislação vigente, no que diz respeito à questão do adolescente infrator, apresenta informações sobre o funcionamento das Unidades Socioeducativas visitadas, por ocasião da coleta de dados (destacando especialmente o Centro de Sócio-Educação II, de Londrina) e dimensiona alguns dados extralingüísticos dos adolescentes entrevistados, com o objetivo de fornecer informações sobre a realidade sociolingüística do grupo investigado.

1 O ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

A Lei nº. 8.069, de 13 de julho de 1990, amplamente conhecida por *Estatuto da Criança e do Adolescente* (ECA), é o principal texto legal que versa sobre os direitos e os deveres da sociedade para com cerca de 60 milhões de jovens de zero a dezoito anos incompletos e, também, dos direitos e deveres desses próprios jovens.

O funcionamento das Unidades que abrigam os informantes desta pesquisa também é orientado por esse Estatuto, daí a importância de focalizar no âmbito deste trabalho algumas questões pontuais dessa Lei.

De texto amplo e abrangente, a Lei nº. 8.069 é uma das poucas leis vigentes no Brasil que não é de autoria de um único legislador, pois tem sua origem na *Declaração Universal dos Direitos da Criança e do Adolescente*, da ONU (Organização das Nações Unidas) e em uma ampla e intensa mobilização da sociedade civil organizada. Assim, além de ratificar os direitos à vida, à alimentação, à saúde, ao esporte, ao lazer, à cultura, à profissionalização, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária (art. 4º), já previstos na Constituição Brasileira, essa Lei proíbe práticas prejudiciais ao desenvolvimento desses seres em formação.

Um dos principais avanços do Estatuto em relação à lei anterior, denominada *Código do Menor* (1979), está no tratamento diferenciado dispensado a

esses jovens. Esse Código era pautado na “Doutrina da Situação Irregular”, que impunha às crianças e aos adolescentes (considerados adultos “menores de idade” e potenciais criminosos) apenas o cumprimento de deveres, sob pena de recolhimento imediato a instituições disciplinadoras como as antigas FEBEMs (Fundação para o Bem Estar do Menor), existentes em vários estados brasileiros. O Estatuto muda o foco da punição para a proteção, como rezam os artigos 1º e 3º do Título I - *Das disposições preliminares*:

Art. 1º - Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

[...]

Art. 3º - A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata essa Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

[...]

Art. 6º - Na interpretação desta Lei levar-se-ão em conta os fins sociais a que ela se dirige, as exigências do bem comum, os direitos e deveres individuais e coletivos, e a condição peculiar da criança e do adolescente como pessoas em desenvolvimento.

Esse princípio da proteção integral é que norteou todas as disposições de que trata a Lei em questão.

Segundo o Estatuto, ao adolescente (considerado pela Lei o jovem, cuja idade varia entre 12 e 18 anos incompletos) que tiver praticado ato infracional¹⁸, serão aplicadas medidas socioeducativas que podem variar, desde medidas mais brandas, como uma simples advertência, obrigação de reparar o dano causado, prestação de serviços à comunidade e liberdade assistida, até penalidades mais severas como a sua inserção em Unidades de semiliberdade e de internação.

Todos os adolescentes entrevistados para este trabalho encontravam-se privados de liberdade, embora a metade deles ainda não estivesse cumprindo medida socioeducativa de internação. Apenas os internos entrevistados nas Unidades de Internação (CENSE 2) já haviam sido julgados e considerados de fato pela justiça autores de atos infracionais. Os demais estavam internados

¹⁸ O artigo 103 do Estatuto define como ato infracional a conduta prevista em lei como crime ou contravenção penal.

provisoriamente, aguardando o procedimento legal de apuração dos fatos e, nesse regime, segundo o Estatuto (art. 183), não poderiam permanecer por mais de quarenta e cinco dias.

A medida socioeducativa de internação, que implica privação de liberdade, não poderá exceder o prazo máximo de três anos. Segundo o Estatuto, deve ser aplicada apenas em casos de infração cometida por meio de “grave ameaça ou violência à pessoa, por reiteração no cometimento de outras infrações graves ou por descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta” (art. 122). Quanto ao local destinado ao cumprimento da medida de internação, o Estatuto prevê que “deverá ser cumprida em entidade exclusiva para adolescentes, em local distinto daquele destinado ao abrigo, obedecida rigorosa separação por critérios de idade, compleição física e gravidade da infração” (art. 123). Essas medidas socioeducativas, inclusive a de internação, não visam tão somente a punir o adolescente infrator, mas sim a responsabilizá-lo por seus atos, fazendo-o refletir sobre suas atitudes e levando-o a modificar a sua conduta.

A medida socioeducativa é a forma como o Estado atua nessa responsabilização. O adolescente deve ser levado a dimensionar o impacto do ato praticado não apenas em relação à vítima, mas também em relação à sua própria vida, sua família, sua comunidade e à sociedade em geral. Aqui se coloca a questão da imputabilidade e da responsabilidade do adolescente frente ao ato praticado. O fato de ser imputável não significa que ele não possa ser responsabilizado pela infração.

As formas de sanção e de controle legais não podem ser consideradas em si mesmas, por isso se constituem em instrumentos de educação. É por isso que o ECA recomenda medidas socioeducativas. Trata-se de um adolescente em situação peculiar de conflito com a lei, mas antes de tudo, de um ser em formação.

Conforme o exposto, a legislação prevê diversas orientações e princípios que visam ao tratamento do adolescente infrator com dignidade e atenção, sempre com ênfase na socioeducação.

2 AS UNIDADES VISITADAS

Na fase de coleta de dados para este trabalho, foram visitadas as Unidades de internamento provisório, anteriormente denominadas de CIAADI (Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Infrator) e SAS (Serviço de Atendimento Social) e hoje chamadas de Centro de Sócio-Educação I (CENSE I), de três cidades importantes no estado do Paraná, a saber: Curitiba, Foz do Iguaçu e Londrina. Essas Unidades possuem características, tanto físicas quanto procedimentais, diferenciadas em relação às de Internamento “de fato” (onde o infrator poderá permanecer até três anos).

O CENSE I abriga muitos adolescentes que são acusados de cometimento de ato infracional pela primeira vez. Quando apreendidos pela polícia, aguardam nessas Unidades as oitivas por parte da Polícia Civil e da Promotoria da Infância e da Juventude, podendo permanecer nessas Unidades, desde algumas horas até quarenta e cinco dias (prazo máximo permitido pela Legislação para o encerramento do processo).

Por esse motivo, essas Unidades possuem muita rotatividade de adolescentes, mas nem por isso suas regras (tanto as da Unidade, quanto as dos próprios adolescentes) deixam de ser seguidas, por isso lembram um pouco a aparência e o funcionamento de uma unidade prisional. As celas, em geral não muito amplas, são fechadas por grades e cadeados, possuem camas e pias de concreto com torneiras, sanitários providos de “bacias turcas”, saída de água para banho frio e comportam mais de dois adolescentes, não havendo, no entanto, superlotação. A rotina dessas Unidades (embora com algumas pequenas diferenças entre elas) é a seguinte: os internos são despertados pela manhã, fazem o desjejum, limpam seus alojamentos e ali permanecem até que sejam retirados pelos Educadores Sociais para atividades programadas, em geral com duração de uma hora cada (escolarização, atividades esportivas, lúdicas, oficinas de trabalhos manuais, banho de sol), para atendimentos (psicológico, jurídico e social) ou para visitas. Ao final de cada atividade o adolescente retorna ao seu alojamento.

Depois de um intervalo para o almoço e descanso, o período vespertino também segue a mesma rotina, sendo servido também um lanche antes do banho. Às vezes os adolescentes são retirados para tomar banho em banheiros

coletivos, outras vezes o fazem no próprio alojamento. No início da noite é servido o jantar e próximo às 21 horas mais um lanche. Nessas Unidades é comum não haver retirada de adolescentes dos alojamentos à noite, por motivos de segurança. A equipe de colaboradores que atua nessas Unidades, além de zelar pela segurança, saúde e bem estar dos internos, atende os familiares, organiza e aplica atividades e elabora relatórios psicossociais que podem interferir na trajetória jurídico-processual dos adolescentes.

As Unidades denominadas atualmente por CENSE II¹⁹ eram chamadas anteriormente de *Educandários*, denominação que se originou na época de vigência do Código do Menor e que vigorou até recentemente, por isso ainda são conhecidas por esse nome até os dias atuais. Como já assinalado, essas Unidades recebem adolescentes somente em duas situações: a) depois de julgados e condenados ao cumprimento da medida socioeducativa de internação e; b) adolescentes que descumpriram medidas anteriormente impostas (por exemplo, fuga de outras Unidades).

Como o período de permanência nessas Unidades é maior — geralmente acima de seis meses — há algumas características diferentes na rotina e na estrutura física das Unidades de Internamento Provisório (CENSE I) citadas. Os CENSE II geralmente são maiores, mais espaçosos e com maior número de atividades para os adolescentes. O CENSE II de Londrina, por exemplo, no qual estivemos por mais tempo, possui características bem distintas das do CENSE I, do mesmo município. O CENSE II - Londrina é dividido por alas de até onze alojamentos e cada ala possui refeitório e pátio de sol próprios. Nesse tipo de Unidade, os adolescentes depois de despertados pela manhã, limpam seus alojamentos (de no máximo dois adolescentes), fazem o desjejum no refeitório e, em seguida, são liberados para o pátio, onde fazem a higiene bucal e aguardam até serem chamados para os diversos tipos de atividades (escolarização, oficinas de trabalhos manuais, esportes, horta, profissionalização, oficinas artísticas etc.) e atendimentos (psicológicos e sociais). Geralmente, almoçam ao meio-dia no refeitório e têm suas atividades retomadas às 13h30min. No fim da tarde, tomam banho em banheiro coletivo, com chuveiros individuais de água quente. Em seguida são levados ao refeitório, onde assistem à TV ou a vídeos e jantam. São recolhidos

¹⁹ Em Curitiba, ainda há a denominação de CENSE **São Francisco**

aos alojamentos por volta de 20 horas e, após o recolhimento, é servido o lanche noturno.

Os finais de semana, em ambas as Unidades, geralmente são reservados às visitas de familiares e a atividades diferenciadas.

Importante salientar que todas as atividades das Unidades são orientadas por dois pilares principais: segurança e educação. E ambos devem caminhar lado a lado, pois em uma Unidade socioeducativa sem segurança não se educa e sem educação não se consegue uma unidade segura. Em razão disso, toda a dinâmica de movimentação interna e externa dos adolescentes é organizada e sempre acompanhada por educadores, a fim de manter a ordem e evitar incidentes como fugas e situações de conflito que podem pôr a perder todo um trabalho educativo.

Na Unidade CENSE II de Londrina foi implantado um projeto piloto, chamado Plano Personalizado de Atendimento (PPA), que será implantado também nas demais Unidades do Estado. Esse plano faz parte de uma nova pedagogia que considera o adolescente como fonte de iniciativa e compromisso, valorizando sempre o seu protagonismo individual e grupal. As atividades que compõem o processo socioeducativo visam a capacitar o jovem para determinar a direção que deseja dar à sua vida. Esse plano, por tratar-se de um instrumento de educação que respeita as diferenças, permite, entre outras coisas, direcionar as atividades do interno para um perfil escolhido por ele próprio, levando em conta seus talentos e aspirações. O PPA se concentra no fortalecimento e na valorização das atitudes positivas e do esforço individual, somando pequenos e sucessivos sucessos que proporcionam, além de um melhor aproveitamento das atividades na Unidade, oportunidades de atividades externas, incluindo cursos e visitas programadas. A contrapartida esperada por parte do adolescente internado é a do comprometimento com o seu processo de recuperação e com suas escolhas, concretizando-se em um bom relacionamento com os profissionais e colegas e uma melhor participação nas atividades propostas, especialmente na valorização da escolarização formal.

Como visto, embora esses Centros se configurem como unidades de privação de liberdade que priorizam a segurança, possuem como meta principal um tratamento que não somente faça o interno refletir sobre sua conduta passada, como também o estimule a aproveitar bem o seu tempo de recolhimento, reeducando-se

para sua vida futura, em sociedade, oportunidade esta que, às vezes, não lhe é oferecida fora da Unidade.

3 OS ADOLESCENTES ENTREVISTADOS

Neste tópico são apresentados os dados sociolingüísticos relativos aos adolescentes entrevistados, com base nas informações registradas nas fichas dos informantes, preenchidas individualmente para cada adolescente, por ocasião da coleta dos dados. Abaixo segue o exemplo da ficha utilizada:

Iniciais:	
Idade:	
Estado Civil :	nº. filhos:
Unidade que está internado:	
Residência:	Bairro:
Tempo de Unidade:	
Situação escolar:	
Já trabalhou? Com que?:	
Já esteve internado em outra Unidade? Onde?:	
Mora com:	
Renda familiar:	
Você acha importante saber falar gíria?:	
É fácil aprender gíria?:	
Conhece alguma história de alguém que se deu mal por não saber a gíria da Unidade?	
Você acha que a gíria que você usa lá fora é parecida com a que usam aqui dentro? Se não, o que acha diferente?	

Quadro 1 – Ficha de informante

Julgamos importante a coleta dessas informações para um melhor conhecimento da realidade vivida pelos adolescentes entrevistados fora da Unidade,

especialmente por se tratar de dados informados por eles próprios, refletindo, portanto, parte de sua vida social, econômica e familiar. Algumas informações coletadas vão além de dados sociais, revelando também atitudes sociolingüísticas dos informantes. Essas, por questão de relevância, permanecerão arquivadas para análise em trabalhos futuros.

O Quadro II a seguir sintetiza as informações coletadas.

Ordem	Código do informante	Iniciais	Idade	Unidade	Cidade	Estado Civil	Nº filhos	Já trabalhou?	Com quê?	Escolaridade	Tempo de unidade / dias	Mora com:	Renda familiar
1	C1 INF01	T.Q.N.S.	16	CENSE 1	Curitiba	Solteiro	0	não		8ª	88	pai, mãe	1
2	C1 INF02	R.G.O.	17	CENSE 1	Curitiba	Solteiro	0	sim	pacoteiro	5ª	180	mãe, irmãos	1,5
3	C1 INF03	J.P.C.S.	16	CENSE 1	Curitiba	Solteiro	1	sim	cortar árvore	5ª	31	mãe, irmão	2
4	C1 INF04	C.E.S.	14	CENSE 1	Curitiba	Solteiro	0	sim	pintor	7ª	88	avós	2
5	C1 INF05	G.R.O.	17	CENSE 1	Curitiba	Solteiro	0	sim	marcenaria	1º e m.	30	pai, mãe, irmãos	1,5
6	C1 INF06	M.J.R.	16	CENSE 1	Curitiba	Solteiro	0	sim	paraficadora	5ª	70	mãe	2
7	C1 INF07	F.J.S.	17	CENSE 1	Curitiba	Solteiro	0	sim	servente pedreiro	7ª	58	pai e mãe	2
8	C1 INF08	G.P.	14	CENSE 1	Curitiba	Solteiro	0	não		5ª	47	tia	<1
9	C1 INF09	D.P.A.	15	CENSE 1	Curitiba	Solteiro	1	sim	carregador ceasa	7ª	90	mãe, irmão	1,5
10	C1 INF10	A.E.L.	17	CENSE 1	Curitiba	Casado	0	sim	administração copel	6ª	360	mãe, pai, esposa	2
11	C2 INF01	L.E.S.	17	CENSE 2	Curitiba	Solteiro	0	não		6ª	360	pai, mãe, irmão	2,5
12	C2 INF02	D.R.E.	16	CENSE 2	Curitiba	Solteiro	0	sim	montador palco	3º e f.	210	mãe, avó	2
13	C2 INF03	J.R.M.	16	CENSE 2	Curitiba	Solteiro	0	não		5ª	180	bisavó	2
14	C2 INF04	T.C.	15	CENSE 2	Curitiba	Solteiro	0	não		5ª	390	avó	1
15	C2 INF05	B.L.M.	17	CENSE 2	Curitiba	Solteiro	0	sim	catador papel	4ª	360	mãe	1
16	C2 INF06	J.M.S.	16	CENSE 2	Curitiba	Solteiro	0	não		5ª	360	mãe	1
17	C2 INF07	J.R.A.B.	18	CENSE 2	Curitiba	Solteiro	0	sim	servente pedreiro	5ª	210	avó	1
18	C2 INF08	F.H.O.V.	17	CENSE 2	Curitiba	Solteiro	0	sim	servente pedreiro	6ª	240	pai, mãe, irmãos	2
19	C2 INF09	L.E.C.L.	16	CENSE 2	Curitiba	Solteiro	0	sim	entregador	6ª	90	pai, mãe, irmãos	1
20	C2 INF10	S.A.	18	CENSE 2	Curitiba	Solteiro	0	sim	transporte rural	3º e f.	360	irmã	1
21	F1 INF01	E.F.S.	15	CENSE 1	Foz Iguaçu	Solteiro	1	sim	garçom	4ª	30	pai, mãe, irmãos	1
22	F1 INF02	J.F.R.	17	CENSE 1	Foz Iguaçu	Solteiro	0	não		5ª	30	sozinho	<1
23	F1 INF03	F.D.A.S.	17	CENSE 1	Foz Iguaçu	Solteiro	0	sim	servente pedreiro	7ª	28	pai, mãe, irmãos	2
24	F1 INF04	V.K.S.	17	CENSE 1	Foz Iguaçu	Solteiro	0	sim	servente pedreiro	7ª	58	mãe, irmãos	1
25	F1 INF05	A.A.C.	16	CENSE 1	Foz Iguaçu	Solteiro	0	sim	pacoteiro	4ª	35	sozinho	1
26	F1 INF06	R.R.O.	16	CENSE 1	Foz Iguaçu	Solteiro	0	sim	pintor	6ª	27	mãe	1
27	F1 INF07	J.O.	17	CENSE 1	Foz Iguaçu	Casado	1	sim	plantação árvores	6ª	35	esposa	1,5
28	F1 INF08	L.B.	17	CENSE 1	Foz Iguaçu	Solteiro	0	sim	plantação árvores	5ª	60	pai, mãe, irmãos	1,5
29	F1 INF09	J.R.L.	16	CENSE 1	Foz Iguaçu	Solteiro	1	sim	servente pedreiro	6ª	60	mãe, irmãos	1
30	F1 INF10	A.G.S.	15	CENSE 1	Foz Iguaçu	Solteiro	0	não		5ª	60	mãe, pai, irmãos	1,5
31	F2 INF01	W.S.	17	CENSE 2	Foz Iguaçu	Solteiro	1	sim	carregador ceasa	7ª	180	mãe, irmã	2
32	F2 INF02	E.V.A.	16	CENSE 2	Foz Iguaçu	Solteiro	2	sim	lavador carro / enxugador / tapeçaria	5ª	45	mãe, irmãos	1
33	F2 INF03	L.A.S.D.	17	CENSE 2	Foz Iguaçu	Solteiro	1	sim	servente pedreiro	5ª	300	mãe, irmão	1
34	F2 INF04	M.M.S.	16	CENSE 2	Foz Iguaçu	Solteiro	1	sim	engraxe / ambulante	5ª	187	mãe	< 1
35	F2 INF05	C.P.	18	CENSE 2	Foz Iguaçu	Solteiro	0	sim	lavouira	7ª	150	mãe, irmãos	1
36	F2 INF06	P.H.G.	18	CENSE 2	Foz Iguaçu	Solteiro	0	sim	restaurante / lanchonete	1ª e m.	270	pai, mãe, irmãos	3
37	F2 INF07	M.P.S.	18	CENSE 2	Foz Iguaçu	Solteiro	0	sim	serralheria	5ª	150	mãe	1
38	F2 INF08	M.F.	17	CENSE 2	Foz Iguaçu	Solteiro	0	não		5ª	330	mãe, pai, irmãos	2
39	F2 INF09	H.C.O.	16	CENSE 2	Foz Iguaçu	Solteiro	0	sim	ajudante loja	6ª	368	mãe, pai, irmãos	2
40	F2 INF10	M.A.	18	CENSE 2	Foz Iguaçu	Solteiro	1	sim	servente pedreiro	5ª	210	sozinho	1
41	L1 INF01	O.G.S.	17	CENSE 1	Londrina	Solteiro	0	sim	pintor	6ª	28	mãe, irmãos	1
42	L1 INF02	W.A.S.	16	CENSE 1	Londrina	Solteiro	1	sim	servente pedreiro	6ª	37	mãe e pai	2
43	L1 INF03	J.B.L.	17	CENSE 1	Londrina	Solteiro	0	sim	repositor de mercado	7ª	42	mãe, pai, irmãos	3
44	L1 INF04	L.M.	16	CENSE 1	Londrina	Solteiro	0	não		5ª	22	pai e madrastra	1,5
45	L1 INF05	R.M.S.	15	CENSE 1	Londrina	Solteiro	0	sim	carrinho de lanche / mecânica	5ª	24	mãe, irmãos	1
46	L1 INF06	G.Q.	17	CENSE 1	Londrina	Solteiro	0	não		6ª	30	mãe, irmãos	2
47	L1 INF07	M.T.S.	15	CENSE 1	Londrina	Solteiro	0	sim	servente pedreiro	5ª	120	pai, mãe, irmãos	2
48	L1 INF08	E.Q.C.A.	15	CENSE 1	Londrina	Solteiro	0	sim	servente pedreiro	5ª	48	pai, madrastra	2
49	L1 INF09	G.Q.	17	CENSE 1	Londrina	Solteiro	0	não		6ª	30	pai, mãe, irmãos	1,5
50	L1 INF10	A.D.O.	15	CENSE 1	Londrina	Solteiro	0	sim	lavador carro	5ª	22	mãe	2
51	L2 INF01	W.M.S.	17	CENSE 2	Londrina	Solteiro	0	sim	aplicador de insulfilm	5ª	60	pai, mãe, irmão	2
52	L2 INF02	M.C.F.	18	CENSE 2	Londrina	Solteiro	0	sim	servente pedreiro	1ª e m.	270	pai e mãe	2,5
53	L2 INF03	D.S.	18	CENSE 2	Londrina	Solteiro	0	sim	pintura	6ª	420	avós	2
54	L2 INF04	J.C.S.	18	CENSE 2	Londrina	Solteiro	1	sim	servente pedreiro	5ª	180	pai e mãe	1,5
55	L2 INF05	P.S.O.	16	CENSE 2	Londrina	Solteiro	0	sim	servente pedreiro	6ª	330	mãe, irmãos	2
56	L2 INF06	V.H.V.A.	18	CENSE 2	Londrina	Solteiro	0	sim	pintor	5ª	420	mãe, irmãos	1,5
57	L2 INF07	P.S.C.M.	17	CENSE 2	Londrina	Solteiro	0	sim	mercearia	7ª	210	mãe	1
58	L2 INF08	D.W.B.S.	18	CENSE 2	Londrina	Solteiro	0	não		6ª	240	pai, vó, madrastra	2
59	L2 INF09	J.V.	14	CENSE 2	Londrina	Solteiro	0	não		3º e f.	360	mãe	1
60	L2 INF10	M.D.R.	18	CENSE 2	Londrina	Solteiro	0	sim	lavouira, servente pedreiro	5ª	180	mãe, pai	1

Quadro 2 – Dados extralingüísticos dos informantes

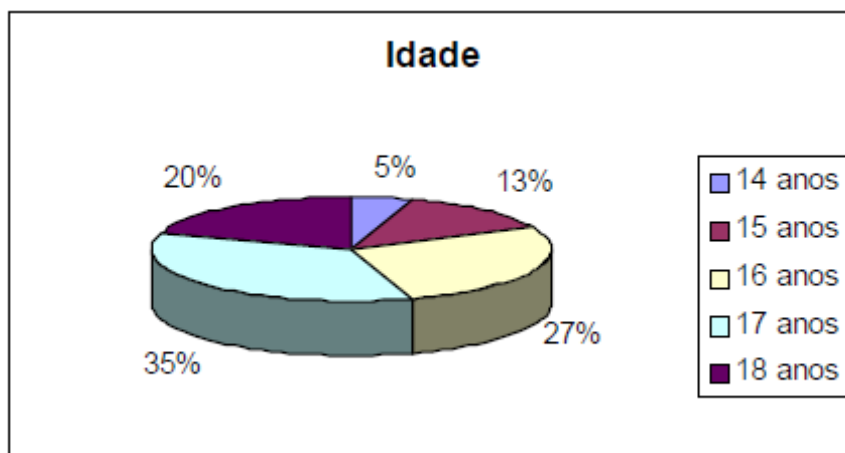


Gráfico 1 – Perfil dos adolescentes infratores do Paraná, distribuídos segundo a variável *idade*.

O perfil de informante escolhido para a pesquisa previa adolescentes entre 13 e 18 anos de idade. No entanto, constatamos haver poucos adolescentes de 13 anos nas Unidades pesquisadas. Assim, o Gráfico I demonstra que a faixa etária que mais se destaca, no âmbito da amostra selecionada para a pesquisa, é a de jovens entre 16 e 17 anos, idade limite da fase adolescente, em vias de entrada na idade adulta.

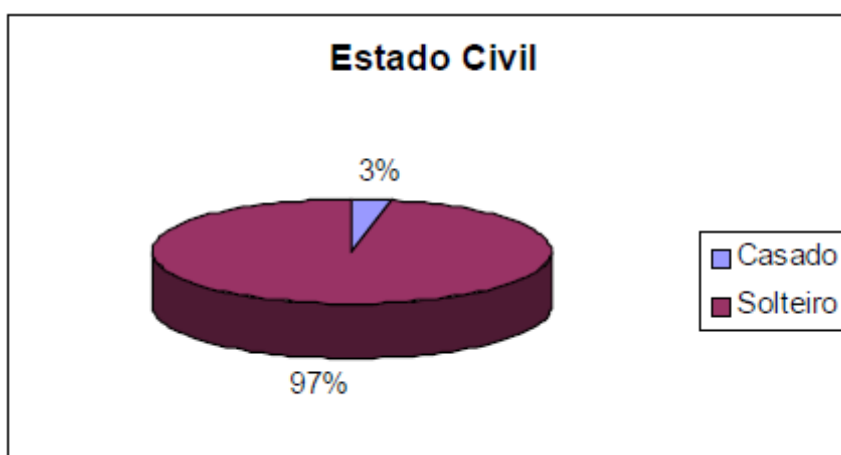


Gráfico 2 – Perfil dos adolescentes infratores do Paraná, distribuídos segundo a variável *estado civil*.

O Gráfico II evidencia o que, de certa forma, já era esperado. Por tratar-se de adolescentes, devido a sua pouca idade, em sua grande maioria, são solteiros. Todavia, notamos que poderíamos ter obtido um número maior de

informantes, caso a variável “união estável” tivesse sido incluída na metodologia da pesquisa.

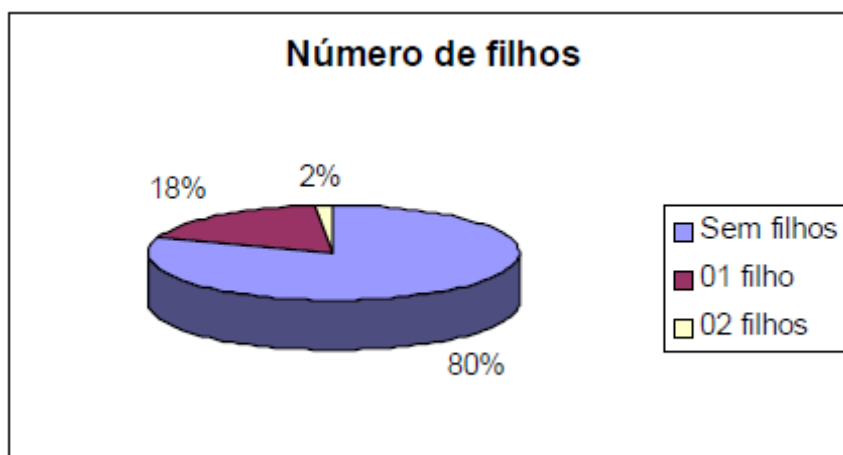


Gráfico 3 – Perfil dos adolescentes infratores do Paraná, distribuídos segundo a variável *número de filhos*.

A comparação dos percentuais visualizados nos Gráficos II e III permite o acesso a um dado curioso: embora apenas 3% dos informantes se declarem casados, 20% já são pais. Esse dado reflete a falta de maturidade desses jovens, especialmente com relação ao planejamento familiar, pois, ao conceber uma criança nessas condições, mais um ser humano iniciará sua vida sem uma estrutura familiar minimamente satisfatória.

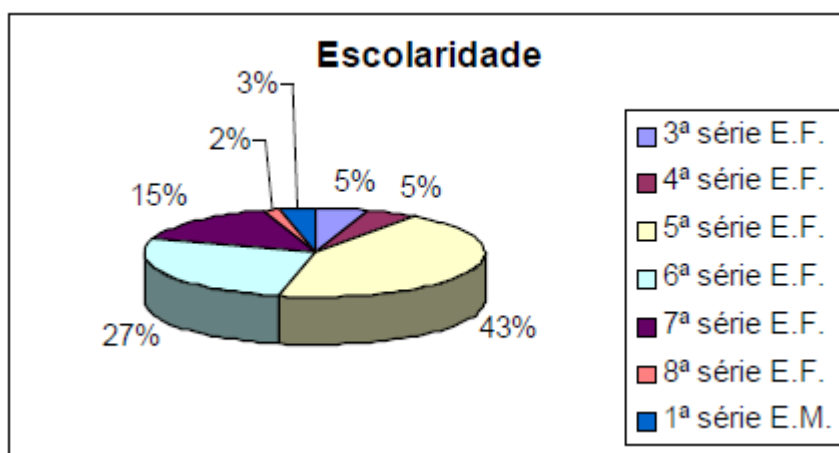


Gráfico 4 – Perfil dos adolescentes infratores do Paraná, distribuídos segundo a variável *escolaridade*.

O cruzamento entre os dados do Quadro I e do Gráfico IV evidencia, sem dúvida, um dado mais alarmante. Pelo Quadro I é possível perceber que 100% dos informantes encontram-se fora da faixa de escolaridade adequada à sua idade - a defasagem varia entre 03 e 09 anos - , enquanto os dados do Gráfico IV evidenciam que mais de 80% dos adolescentes entrevistados não atingiram sequer a 6ª série do Ensino Fundamental. É bastante comum a divulgação de pesquisas científicas nos meios de comunicação que estabelecem uma relação diretamente proporcional entre baixa escolaridade e delinqüência. Esta pesquisa, embora não tenha essa pretensão, acaba por corroborar essa realidade.

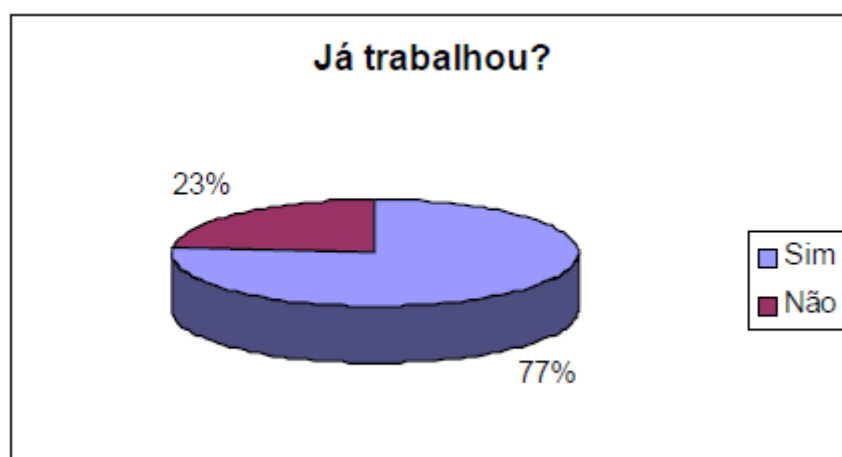


Gráfico 5 – Perfil dos adolescentes infratores do Paraná, distribuídos segundo a variável *situação profissional*.

O Gráfico V traz a situação profissional dos informantes. Nesse momento, não diferenciamos trabalho formal e informal, fator que poderia revelar outro resultado. Nosso objetivo foi apenas saber se já haviam exercido algum tipo de atividade profissional remunerada e o resultado foi o evidenciado no Gráfico V: 77% já trabalharam, o que demonstra a necessidade desses jovens, apesar de sua pouca idade, de tentar contribuir para sua independência financeira e/ou aumentar sua renda familiar. No Quadro I constam informações sobre as profissões / ocupações dos informantes, evidenciando o predomínio de trabalhos que exigem mais capacidade física que intelectual, fato esse que, embora não se possa ser afirmar com precisão, pode ter relação com a baixa escolaridade dos indivíduos informantes.

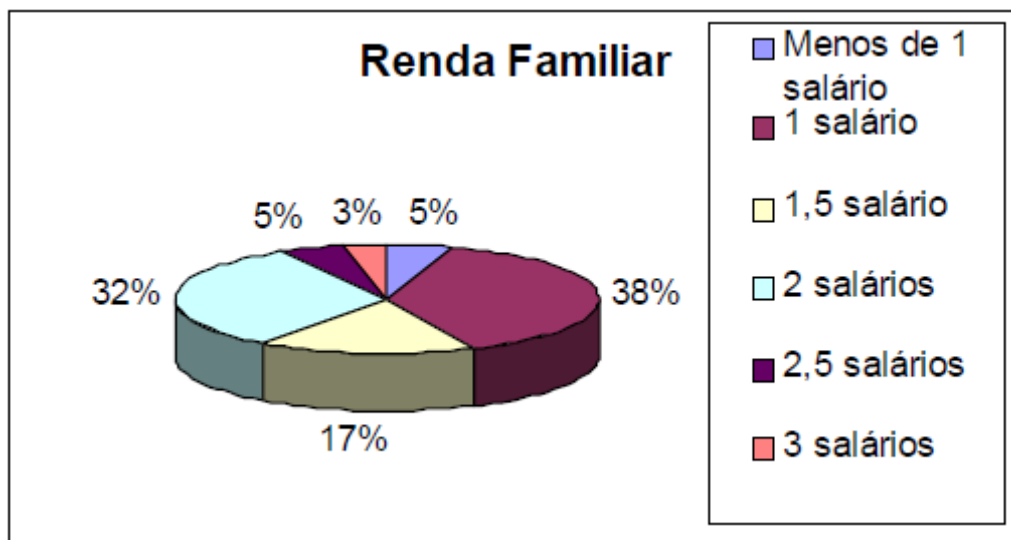


Gráfico 6 – Perfil dos adolescentes infratores do Paraná, distribuídos segundo a variável *renda familiar*.

O Gráfico VI fala por si só: mais da metade dos informantes são oriundos de família, cuja renda não ultrapassa um salário mínimo e meio, o equivalente a quinhentos e vinte e cinco reais por mês. Essa constatação sugere a hipótese de que a dificuldade financeira, aliada à falta de oportunidades, dificultam uma vida mais digna, fora da delinqüência.

Não foi nosso objetivo realizar uma análise profunda dos dados apresentados, mas sim fornecer informações genéricas que melhor demonstrassem a realidade vivida por esses jovens fora do ambiente de internação. A utilização dessas variáveis em uma análise sociolinguística podem evidenciar algumas influências dessa realidade na linguagem utilizada pelos informantes em questão.

CAPÍTULO III – VOCABULÁRIO DA GÍRIA DE ADOLESCENTES INFRATORES DO PARANÁ

1 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A aplicação dos questionários utilizados como instrumento de recolha de dados resultou no registro de diversos itens lexicais gírios utilizados cotidianamente pelos entrevistados. Para um não-estudioso da linguagem somente isso já bastaria. Todavia, nossa intenção vai além de simplesmente apresentar uma lista dos vocábulos gírios e suas definições. Buscamos aqui a realização de um trabalho lexicográfico em consonância com as diretrizes da Lexicografia Moderna, e não apenas uma compilação de termos, sem muito rigor metodológico, como se tem observado em muitos “dicionários” sobre a linguagem gíria.

Preti (2000, p. 62), em seu artigo “Dicionários de Gíria”, aponta a falta de rigor lexicográfico por parte dos organizadores dessas obras. A esse respeito afirma:

esses textos [dicionários] não revelam preocupação lexicográfica, cientificamente considerada. Sua posição preconceituosa em relação à gíria fica bem marcada, até mesmo na denominação *linguajar*, que nomeia muitos desses vocabulários.

E, ao continuar sua exposição, na página seguinte, após citar alguns outros trabalhos mais recentes sobre gíria, pontua novamente o mesmo problema:

Em todas essas obras, mesmo quando não se apresentam, especificamente, como dicionários, embora possuam algum levantamento de vocábulos, o grande problema tem sido encontrar um critério lexicográfico mais rígido, que dê conta da seleção lexical, dentro de um conceito prefixado de *gíria* (PRETI, 2000, p. 63).

Em artigo mais recente, Mendes e Leal (2006) analisaram parcialmente o “Novo Dicionário da Gíria Brasileira”, de Manuel Viotti (1956), e chegaram a uma constatação parecida com a de Preti (2000). Além da falta de rigor lexicográfico, a obra evidencia a falta de compromisso com os critérios previamente estabelecidos pelo próprio autor.

Portanto, a constituição de um vocabulário gírio, embora possa parecer para o senso-comum, está longe de ser uma tarefa simples e trivial. Deve

haver uma grande preocupação com a representatividade do *corpus* e com o estabelecimento de critérios claros, além do conhecimento e o respeito às normas e padrões estabelecidos pela Lexicografia contemporânea. Além disso, é preciso considerar a postura do autor do trabalho lexicográfico frente ao material trabalhado.

2 APRESENTAÇÃO DO CORPUS

A partir da aplicação do questionário (nas entrevistas realizadas diretamente com os informantes) e da anotação dos dados informados no próprio questionário, constituímos nosso *corpus*, sintetizado pelo quadro a seguir:

Ordem	Gíria	C1	C2	F1	F2	L1	L2
01	À pampa	40%	40%	50%	50%	60%	70%
02	Abraçar idéia	60%	80%	60%	60%	70%	80%
03	Adianto	80%	60%	80%	100%	100%	100%
04	Agá	40%	70%	40%	50%	40%	30%
05	Aliado	70%	80%	60%	40%	70%	100%
06	Alimentar	100%	100%	100%	100%	100%	100%
07	Alimento	100%	100%	100%	100%	100%	100%
08	Apavorar	100%	100%	90%	100%	100%	100%
09	Areia	100%	100%	100%	100%	100%	100%
10	Areieiro	100%	100%	100%	100%	100%	100%
11	Arrochar	80%	90%	80%	90%	80%	90%
12	Atacado	0%	20%	0%	0%	20%	40%
13	Ativa	70%	100%	80%	90%	80%	90%
14	Atrasar lado	20%	30%	0%	0%	90%	60%
15	Atravessar	50%	40%	0%	0%	60%	40%
16	Aurora	0%	0%	10%	0%	0%	0%
17	Azul	60%	100%	30%	80%	100%	100%
18	B.O.	90%	100%	90%	90%	90%	100%
19	Badalo	100%	100%	100%	100%	100%	100%
20	Bagulho	100%	100%	100%	100%	100%	100%
21	Baia	50%	100%	30%	40%	40%	70%
22	Bailarina	0%	10%	0%	0%	30%	20%
23	Baitola	0%	10%	0%	30%	30%	40%
24	Banca	100%	100%	100%	100%	100%	100%
25	Bandido	70%	80%	80%	80%	80%	90%
26	Barão	30%	70%	20%	40%	40%	60%
27	Barca	60%	70%	60%	60%	60%	80%
28	Barraco	100%	100%	100%	100%	100%	100%
29	Baseado	100%	100%	100%	100%	100%	100%
30	Bater um rango	0%	0%	10%	0%	30%	20%
31	Beque	100%	100%	100%	100%	100%	100%
32	Berma	60%	40%	70%	30%	60%	40%

Ordem	Gíria	C1	C2	F1	F2	L1	L2
33	Bicha	30%	0%	10%	0%	20%	0%
34	Blindada	100%	100%	100%	100%	100%	100%
35	Bobo	60%	90%	40%	100%	80%	90%
36	Bocuda	100%	100%	100%	100%	100%	100%
37	Boga	100%	100%	100%	100%	100%	100%
38	Boi	60%	0%	60%	80%	100%	100%
39	Bolar idéia	100%	100%	100%	100%	100%	100%
40	Boneco	0%	30%	0%	0%	40%	60%
41	Borsa	100%	100%	100%	100%	100%	100%
42	Botinho	100%	100%	100%	100%	90%	80%
43	Boy	70%	80%	60%	80%	70%	90%
44	Braite	0%	60%	0%	20%	10%	40%
45	Brasa	100%	100%	100%	100%	100%	100%
46	Breu	30%	50%	10%	40%	20%	40%
47	Bronca	50%	70%	40%	90%	60%	80%
48	Bruxa	40%	80%	60%	70%	80%	70%
49	Burca	30%	40%	10%	30%	20%	60%
50	Bute	100%	100%	100%	100%	100%	100%
51	Cabuloso	100%	100%	100%	100%	100%	100%
52	Caçar assunto	100%	100%	100%	100%	100%	100%
53	Cachola	0%	10%	0%	0%	0%	0%
54	Cachorro	60%	70%	30%	60%	40%	60%
55	Caetanar	0%	0%	0%	0%	60%	80%
56	Caetano	0%	0%	0%	0%	60%	80%
57	Caiçara	60%	60%	30%	70%	80%	60%
58	Cair	100%	100%	100%	100%	100%	100%
59	Calibre	70%	100%	20%	60%	70%	80%
60	Cambuca	10%	0%	80%	90%	0%	0%
61	Cambucar	10%	0%	80%	90%	0%	0%
62	Cameliar	50%	70%	0%	30%	0%	0%
63	Campana	90%	100%	80%	100%	100%	100%
64	Campanar	90%	100%	80%	100%	100%	100%
65	Câncer	10%	0%	0%	0%	0%	0%
66	Caneco	100%	100%	100%	100%	100%	100%
67	Canhão	50%	50%	60%	60%	60%	70%
68	Cano	80%	90%	70%	90%	100%	100%
69	Cantar a liberdade	0%	0%	0%	0%	10%	0%
70	Cara	100%	100%	100%	100%	100%	100%
71	Caranga	60%	40%	40%	50%	60%	50%
72	Carpano	80%	0%	100%	100%	0%	0%
73	Carreta	40%	20%	40%	20%	50%	60%
74	Carroça	40%	80%	40%	60%	70%	90%
75	Castigueiro	70%	10%	0%	0%	0%	0%
76	Catatau	90%	100%	90%	100%	90%	100%
77	Cela	0%	90%	0%	0%	0%	0%
78	Celite	0%	10%	0%	0%	0%	0%
79	Cena	100%	100%	100%	100%	100%	100%
80	Chá	80%	70%	50%	70%	90%	70%
81	Chapado	70%	80%	60%	90%	70%	80%
82	Cheroso	60%	70%	80%	90%	40%	30%
83	Chibuzinho	0%	0%	10%	0%	0%	0%

Ordem	Gíria	C1	C2	F1	F2	L1	L2
84	Chocar	0%	10%	0%	20%	90%	80%
85	Churros	40%	90%	40%	20%	60%	80%
86	Cigarro preto	0%	10%	0%	0%	0%	0%
87	Cinco	60%	80%	40%	80%	80%	70%
88	Cinco-cinco	100%	100%	100%	100%	100%	100%
89	Clarear	50%	80%	30%	70%	40%	60%
90	Coca	100%	100%	100%	100%	100%	100%
91	Coceira	30%	80%	0%	0%	0%	0%
92	Cofre	60%	70%	70%	80%	80%	90%
93	Colar	80%	100%	70%	90%	100%	100%
94	Colocar na linha	0%	0%	30%	0%	40%	20%
95	Comer abeia	0%	0%	0%	0%	10%	0%
96	Condena	100%	100%	100%	100%	100%	100%
97	Condições	100%	100%	100%	100%	100%	100%
98	Constar	10%	30%	0%	40%	0%	0%
99	Corda	100%	100%	100%	100%	100%	100%
100	Coroa	100%	100%	100%	100%	100%	100%
101	Correr	100%	100%	100%	100%	100%	100%
102	Coruja	100%	100%	100%	100%	100%	100%
103	Couro	0%	0%	20%	40%	0%	0%
104	Coxa-branca	30%	20%	0%	0%	0%	0%
105	Crocodilagem	10%	0%	50%	60%	20%	40%
106	Crocodilo	10%	0%	50%	60%	20%	40%
107	Curtir	100%	100%	100%	100%	100%	100%
108	Dar a letra	100%	100%	100%	100%	100%	100%
109	Dar gesto	100%	100%	0%	0%	100%	100%
110	Dar idéia	100%	100%	100%	100%	100%	100%
111	Dar milho	20%	0%	80%	90%	100%	100%
112	Dar nome	100%	100%	100%	100%	100%	100%
113	Dar peido	80%	100%	20%	30%	20%	0%
114	Dar um ar	30%	0%	0%	0%	20%	0%
115	Dar um pião	100%	100%	100%	100%	100%	100%
116	Dar um raio	100%	100%	100%	100%	100%	100%
117	Dar um salve	40%	50%	0%	0%	70%	80%
118	Dar um sapeco	0%	0%	10%	0%	0%	0%
119	Dar um tapa	50%	40%	50%	60%	30%	40%
120	Dar um tiro	100%	100%	100%	100%	100%	100%
121	Dar uma força	70%	60%	80%	70%	80%	70%
122	De boa	100%	80%	100%	70%	90%	90%
123	De chuva	20%	30%	0%	0%	0%	0%
124	De mil grau	100%	100%	100%	100%	100%	100%
125	Debater	100%	100%	100%	100%	100%	100%
126	Deixar baixo	100%	100%	100%	100%	100%	100%
127	Deixar falando	100%	100%	100%	100%	100%	100%
128	Deixar gelo	0%	0%	10%	0%	0%	0%
129	Dentária	100%	100%	100%	100%	100%	100%
130	Desandado	60%	40%	60%	40%	60%	80%
131	Desbaratinar	100%	100%	100%	100%	100%	100%
132	Descalço	70%	80%	0%	0%	80%	90%
133	Desconheço	100%	100%	100%	100%	100%	100%
134	Dezesseis	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Ordem	Gíria	C1	C2	F1	F2	L1	L2
135	Dibox	20%	30%	0%	60%	0%	0%
136	Dismaiado (acepção 1)	20%	0%	0%	0%	60%	80%
136	Dismaiado (acepção 2)	30%	80%	0%	0%	0%	0%
137	Doze	100%	100%	100%	100%	100%	100%
138	Draga	20%	30%	0%	0%	0%	0%
139	Dragão	40%	0%	30%	60%	70%	80%
140	Ducha	100%	100%	100%	100%	100%	100%
141	Duque treze	100%	100%	100%	100%	100%	100%
142	Embaçado	100%	100%	100%	100%	100%	100%
143	Embaló	30%	60%	40%	70%	80%	90%
144	Empenhar	100%	100%	100%	100%	100%	100%
145	Enquadrar	100%	100%	100%	100%	100%	100%
146	Enviar	70%	60%	70%	70%	0%	0%
147	Espiritique	100%	100%	80%	100%	90%	80%
148	Espumante	90%	100%	60%	40%	80%	30%
149	Estar com o cu dando bote	10%	20%	0%	0%	20%	0%
150	Estar de bode	60%	70%	70%	80%	60%	80%
151	Estar de jega	50%	80%	60%	80%	40%	70%
152	Estar ligado	100%	100%	100%	100%	100%	100%
153	Estar magro	100%	100%	100%	100%	100%	100%
154	Estoque	100%	100%	100%	100%	100%	100%
155	Estrutural	0%	0%	0%	0%	20%	70%
156	Externa	0%	100%	0%	80%	10%	100%
157	Farinha	80%	70%	60%	50%	100%	100%
158	Fazer	70%	40%	0%	60%	80%	90%
159	Fazer a frente	60%	20%	60%	40%	20%	50%
160	Fazer a ponte (acepção 1)]	100%	100%	100%	100%	100%	100%
160	Fazer a ponte (acepção 2)]	50%	70%	40%	60%	60%	70%
161	Fazer casinha	90%	100%	100%	90%	100%	80%
162	Fazer corre	100%	100%	100%	100%	100%	100%
163	Fazer gesto	10%	30%	0%	30%	80%	90%
164	Fazer jogo	100%	100%	100%	100%	100%	100%
165	Fazer uma média	100%	100%	100%	100%	100%	100%
166	Fechar a cara	100%	100%	100%	100%	100%	100%
167	Fechar o cu	100%	100%	100%	100%	100%	100%
168	Ferramenta	20%	60%	0%	30%	70%	60%
169	Ferro	100%	100%	100%	100%	100%	100%
170	Fino	100%	100%	100%	100%	100%	100%
171	Firmão	100%	100%	100%	100%	100%	100%
172	Fita	100%	100%	100%	100%	100%	100%
173	Franga	0%	0%	30%	0%	20%	0%
174	Friz	50%	70%	30%	60%	60%	80%
175	Fuja louco	40%	50%	30%	40%	60%	60%
176	Fumar	60%	70%	20%	70%	80%	90%
177	Função	100%	100%	100%	100%	100%	100%
178	Fundão	0%	0%	0%	50%	0%	0%
179	Fura-bolo	50%	70%	10%	40%	20%	40%
180	Galeto	90%	60%	10%	30%	80%	100%
181	Galo	20%	60%	30%	50%	30%	60%
182	Gambé	100%	100%	100%	100%	100%	100%
183	Gancha	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Ordem	Gíria	C1	C2	F1	F2	L1	L2
184	Gás	100%	100%	100%	100%	100%	100%
185	Gato	40%	0%	0%	10%	0%	0%
186	Gedois	70%	100%	80%	100%	100%	90%
187	Geladeira	70%	0%	0%	0%	0%	0%
188	Geral	100%	100%	100%	100%	100%	100%
189	Gerica	20%	60%	0%	0%	0%	0%
190	Giz	30%	40%	20%	0%	0%	20%
191	Globo	30%	20%	30%	20%	20%	0%
192	Gogó	60%	90%	80%	70%	80%	70%
193	Gole	50%	60%	30%	70%	60%	70%
194	Goma	50%	90%	10%	40%	40%	80%
195	Goró	80%	90%	50%	70%	70%	90%
196	Grafite	70%	70%	60%	60%	70%	80%
197	Graxa	50%	70%	20%	70%	60%	70%
198	Guerreira	0%	0%	0%	0%	0%	10%
199	Gulosema	40%	30%	10%	40%	30%	40%
200	Higiene	100%	100%	100%	100%	100%	100%
201	Idéia	100%	100%	100%	100%	100%	100%
202	Intrusão	0%	0%	0%	0%	10%	0%
203	Ir de carroça	70%	90%	60%	70%	80%	90%
204	Ir de embalo	90%	100%	70%	80%	70%	100%
205	Isola	0%	0%	70%	60%	0%	0%
206	Jaca	40%	70%	0%	40%	60%	80%
207	Jacaré	40%	30%	0%	0%	80%	90%
208	Jack	100%	100%	100%	100%	100%	100%
209	Janja	100%	100%	100%	100%	100%	100%
210	Jega	100%	100%	100%	100%	100%	100%
211	Jogar areia	100%	100%	100%	100%	100%	100%
212	Juba	30%	60%	20%	60%	40%	50%
213	Jumbo	60%	70%	30%	70%	70%	60%
214	Jurão	70%	70%	30%	60%	60%	70%
215	Ladrão	90%	60%	40%	70%	70%	80%
216	Lambão	100%	100%	100%	100%	100%	100%
217	Lançar	70%	70%	60%	50%	100%	100%
218	Lance	30%	40%	80%	60%	40%	50%
219	Larica	100%	100%	100%	100%	100%	100%
220	Lasca	100%	100%	100%	100%	100%	100%
221	Latrô	60%	50%	0%	0%	70%	80%
222	Leva-e-traz	10%	30%	40%	30%	10%	30%
223	Levar desacerto	100%	100%	100%	100%	100%	100%
224	Levar liga	100%	100%	100%	100%	100%	100%
225	Libertina	100%	100%	100%	100%	100%	100%
226	Ligar	100%	100%	100%	100%	100%	100%
227	Ligeiro	90%	100%	20%	90%	60%	70%
228	Lingüiça	80%	70%	80%	60%	80%	90%
229	Luna	70%	60%	30%	70%	80%	90%
230	Lupa	70%	70%	40%	60%	70%	100%
231	Madeira	100%	100%	100%	100%	100%	100%
232	Madeirar	100%	100%	100%	100%	100%	100%
233	Magrão	0%	80%	0%	0%	0%	0%
234	Mais além	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Ordem	Gíria	C1	C2	F1	F2	L1	L2
235	Maluco	100%	90%	100%	100%	100%	100%
236	Mananciosa	0%	0%	0%	0%	20%	60%
237	Mancada	80%	10%	60%	70%	70%	90%
238	Mancoso	70%	30%	0%	0%	30%	10%
239	Mandar um salve	100%	100%	100%	100%	100%	100%
240	Manta	100%	100%	100%	100%	100%	100%
241	Máquina	70%	90%	60%	70%	60%	80%
242	Maquinado	60%	50%	70%	70%	90%	80%
243	Mariguana	10%	0%	0%	0%	20%	20%
244	Marretão	80%	100%	70%	100%	100%	100%
245	Marrocos	100%	100%	100%	100%	100%	100%
246	Mascão	60%	70%	0%	30%	100%	100%
247	Mascar	60%	70%	0%	30%	100%	100%
248	Máxima	0%	20%	0%	10%	10%	20%
249	Medir a febre	100%	100%	100%	100%	100%	100%
250	Meia-lua	100%	100%	100%	100%	100%	100%
251	Meiota	100%	100%	100%	100%	100%	100%
252	Milharal	100%	60%	100%	0%	100%	100%
253	Milho	100%	0%	100%	0%	100%	100%
254	Mina	100%	100%	100%	100%	100%	100%
255	Minazorde	0%	0%	0%	0%	10%	0%
256	Mínima	90%	100%	80%	90%	90%	100%
257	Moca	60%	100%	60%	100%	90%	100%
258	Mocar	80%	90%	80%	70%	70%	90%
259	Mocorongo	70%	80%	40%	80%	100%	100%
260	Mocozar	80%	90%	60%	80%	80%	90%
261	Moeda	70%	80%	50%	70%	90%	90%
262	Mongo	70%	80%	40%	80%	100%	100%
263	Morgado	40%	70%	40%	60%	60%	80%
264	Moscão	70%	40%	0%	0%	0%	0%
265	Mula	90%	0%	0%	90%	80%	100%
266	Mular	90%	0%	0%	90%	80%	100%
267	Na corda	90%	90%	60%	80%	90%	80%
268	Na encolha	60%	70%	0%	40%	70%	50%
269	Na neura	0%	60%	0%	0%	20%	60%
270	Na pedra	70%	90%	70%	80%	80%	90%
271	Na segunda	70%	90%	0%	40%	60%	50%
272	Naifa	40%	70%	10%	70%	60%	80%
273	Não entendeu	100%	100%	100%	100%	100%	100%
274	Negar voz	100%	100%	100%	100%	100%	100%
275	No pente	100%	100%	100%	100%	100%	100%
276	Oitão	100%	100%	100%	100%	100%	100%
277	olho de tanderá	0%	0%	0%	10%	0%	0%
278	Onça	40%	30%	70%	70%	40%	20%
279	Oxinai	0%	0%	0%	0%	10%	0%
280	P.H.	100%	100%	60%	100%	100%	100%
281	Pá	60%	80%	0%	0%	80%	90%
282	Pagar (acepção 1)	100%	100%	100%	100%	100%	100%
282	Pagar (acepção 2)	60%	90%	50%	80%	80%	70%
283	Pagar de grade	60%	80%	80%	80%	80%	30%
284	Pagar ducha	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Ordem	Gíria	C1	C2	F1	F2	L1	L2
285	Pagar madeira	100%	100%	100%	100%	100%	100%
286	Pagar veneno	100%	100%	100%	100%	100%	100%
287	Paiero	70%	90%	30%	70%	80%	80%
288	Panguão	40%	50%	0%	0%	0%	0%
289	Pano	100%	100%	100%	100%	100%	100%
290	Pão	60%	50%	60%	50%	20%	30%
291	Papagaio	100%	100%	100%	100%	100%	100%
292	Passar pano	100%	100%	100%	100%	100%	100%
293	Pedra	100%	100%	100%	100%	100%	100%
294	Pegar o beco	70%	80%	0%	30%	60%	70%
295	Pegar o bonde	60%	80%	40%	80%	70%	60%
296	Pegar o vôo	70%	70%	0%	60%	60%	70%
297	Peido	70%	90%	0%	20%	60%	0%
298	Peidorreiro	60%	70%	0%	10%	10%	0%
299	Peita	60%	0%	70%	50%	60%	50%
300	Peixeira	10%	0%	0%	0%	0%	0%
301	Pelota	100%	100%	100%	100%	100%	100%
302	Pena	100%	100%	100%	100%	100%	100%
303	Perna	70%	90%	10%	60%	60%	80%
304	Pesar	80%	90%	0%	0%	0%	0%
305	Pesar cadeia	60%	60%	40%	60%	60%	70%
306	Piá (acepção 1)	60%	0%	60%	30%	100%	100%
306	Piá (acepção 2)	0%	70%	40%	60%	0%	0%
307	Pilantira	100%	100%	100%	100%	100%	100%
308	Pinha	90%	70%	90%	80%	100%	100%
309	Pipo	100%	100%	100%	100%	100%	100%
310	Pisante	100%	100%	100%	100%	100%	100%
311	Polpa	100%	100%	100%	100%	100%	100%
312	Porco	100%	100%	100%	100%	100%	100%
313	Porva (acepção 1)	100%	100%	100%	100%	100%	100%
313	Porva (acepção 2)	30%	60%	40%	30%	20%	10%
314	Praia	90%	100%	80%	100%	100%	100%
315	Presa	100%	100%	100%	100%	100%	100%
316	Prestobarba	80%	60%	70%	80%	90%	80%
317	Pufe	90%	80%	80%	60%	70%	70%
318	Purunga	0%	0%	0%	0%	0%	10%
319	Quadrada	80%	70%	70%	80%	80%	80%
320	Quebrada	100%	100%	100%	100%	100%	100%
321	Quebrar litro	80%	90%	60%	70%	70%	60%
322	Quina	50%	70%	30%	50%	60%	70%
323	Quincas	0%	0%	0%	0%	10%	40%
324	Rachar	100%	100%	100%	100%	100%	100%
325	Railander	40%	40%	0%	0%	70%	80%
326	Rangar	40%	70%	10%	0%	0%	0%
327	Rato	80%	20%	60%	80%	80%	90%
328	Remo	30%	20%	90%	100%	20%	0%
329	Rex	0%	0%	0%	0%	30%	40%
330	Rexona	0%	0%	0%	0%	70%	80%
331	Sadia	20%	40%	20%	30%	0%	0%
332	Sagrada	100%	100%	100%	100%	100%	100%
333	Sair no cinco	70%	90%	40%	60%	80%	60%

Ordem	Gíria	C1	C2	F1	F2	L1	L2
334	Sair pinado	10%	0%	0%	0%	60%	50%
335	Se pá	100%	100%	100%	100%	100%	100%
336	Seguro	100%	100%	100%	100%	100%	100%
337	Sem Mancada	100%	100%	100%	100%	100%	100%
338	Sistema (acepção 1)	70%	100%	0%	20%	40%	20%
338	Sistema (acepção 2)	100%	100%	100%	100%	100%	100%
339	Sobre	40%	70%	20%	60%	60%	70%
340	Tamarana	0%	0%	0%	0%	100%	100%
341	Tatu	100%	100%	100%	100%	100%	100%
342	Tchau	60%	70%	80%	50%	80%	90%
343	Tela	100%	100%	100%	100%	100%	100%
344	Teresa	100%	100%	100%	100%	100%	100%
345	Tia	0%	0%	0%	0%	60%	20%
346	Tirar	100%	100%	100%	100%	100%	100%
347	Tirar castelo	100%	100%	100%	100%	100%	100%
348	Tirar descanso	80%	90%	90%	80%	80%	90%
349	Tirar pira	90%	90%	90%	100%	80%	90%
350	Tirar sossego	60%	70%	70%	80%	60%	80%
351	Tirar uso	100%	100%	100%	100%	100%	100%
352	Tirar visita	100%	100%	100%	100%	100%	100%
353	Traíra	20%	0%	60%	70%	70%	70%
354	Trem-bala	80%	90%	0%	0%	0%	0%
355	Trepado	40%	60%	0%	0%	0%	40%
356	Treta	100%	100%	100%	100%	100%	100%
357	Trombar	80%	90%	70%	90%	90%	80%
358	Tropelo	70%	60%	70%	70%	80%	80%
359	Uma mão	50%	80%	0%	0%	70%	80%
360	Um-cinco-cinco	100%	100%	100%	100%	100%	100%
361	Vacilão	100%	100%	100%	100%	100%	100%
362	Vazar	100%	100%	100%	100%	100%	100%
363	Veneno	90%	100%	60%	100%	100%	100%
364	Ventana	90%	100%	60%	100%	100%	100%
365	Verde	20%	10%	40%	40%	0%	30%
366	Verídico	100%	100%	100%	100%	100%	100%
367	Verme	60%	70%	20%	40%	70%	80%
368	Vina	100%	100%	100%	100%	100%	100%
369	Virar a cadeia	100%	100%	100%	100%	100%	100%
370	Viva	80%	70%	0%	0%	80%	50%
371	Vulgo	100%	100%	100%	100%	100%	100%
372	Xis	100%	100%	100%	100%	100%	100%
373	Zinco	50%	90%	0%	20%	80%	70%
374	Zoiuda	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Quadro 3 – Gírias de adolescentes infratores do Paraná, distribuídas segundo a localidade/Unidade e com a indicação da freqüência de uso.

O Quadro III demonstra a distribuição da freqüência de uso de cada lexia, no âmbito de cada uma das seis Unidades onde o *corpus* foi coletado. Como foram entrevistados dez adolescentes por Unidade, cada gíria informada e/ou

definida pelo informante equivale a 10% de sua freqüência de uso. Essas informações têm por objetivo dimensionar a presença, a freqüência de uso ou até a ausência de determinada lexia em cada Unidade/cidade pesquisada. As gírias que possuem mais de uma acepção e as que também apresentam diferentes níveis de freqüência foram apresentadas repetidas, com o registro da freqüência de cada acepção (é o caso de *dismaiado*, *fazer a ponte*, *pagar*, *piá*, *porva* e *sistema*). Por questão de espaço, codificamos as localidades presentes no Quadro, segundo a seguinte legenda:

C1: Curitiba/PR - Centro de Sócio-Educação (CENSE) 1

C2: Curitiba/PR - Centro de Sócio-Educação (CENSE) 2 - *São Francisco*

F1: Foz do Iguaçu/PR - Centro de Sócio-Educação (CENSE) 1

F2: Foz do Iguaçu/PR - Centro de Sócio-Educação (CENSE) 2

L1: Londrina/PR - Centro de Sócio-Educação (CENSE) 1

L2: Londrina/PR - Centro de Sócio-Educação (CENSE) 2

3 DICIONARIZAÇÃO DOS VERBETES DO VOCABULÁRIO: BREVE CARACTERIZAÇÃO DAS OBRAS UTILIZADAS COMO FONTE DE REFERÊNCIA

No campo *nota*, que integra a microestrutura dos verbetes do Vocabulário²⁰, foi registrada a informação relativa à dicionarização da gíria em foco em outras obras lexicográficas. Esse procedimento teve o intuito principal de demonstrar o grau de dicionarização do item lexical que originou o verbe. Para tanto, foram selecionadas três obras, um dicionário geral da língua portuguesa - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de Houaiss e Villar (2001) - e duas de gíria - *Dicionário de Gíria*, de Serra e Gurgel (2000), e *Glossário da Linguagem do Sistema Penitenciário do Paraná*, de Remenche (2003).

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) foi escolhido, considerando-se, basicamente, dois critérios: a extensa

²⁰ A estrutura dos verbetes será especificada no item 4, deste Capítulo.

nomenclatura da obra (cerca de 228.500 unidades léxicas²¹) e a data de sua publicação (2001). Acreditamos que uma obra mais abrangente e mais contemporânea apresentaria um maior índice de vocábulos gírios. Uma ressalva importante nesse particular é o fato de, para a verificação da dicionarização dos verbetes nesse Dicionário, terem sido considerados apenas os verbetes e acepções marcados como *infrm.* (informal), tendo em vista a definição de “linguagem informal” registrada pelos autores da obra: “linguagem informal é a denominação genérica que usamos neste dicionário para as palavras, locuções ou acepções classificadas em outras fontes como: popularismos, plebeísmos, **gíria**, linguagem familiar e linguagem infantil” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. XV) (*grifo nosso*).

Já o *Dicionário de Gíria*, de autoria de Serra e Gurgel (2000), apesar de apresentar diversas falhas de natureza estrutural, levando-se em conta os critérios estabelecidos pela Lexicografia contemporânea para a elaboração de obras lexicográficas, é um trabalho bastante abrangente em termos de nomenclatura - em sua sexta edição, contém o registro de mais de 16.000 verbetes²². Esse “dicionário”, como esclarece o seu próprio autor, é constituído não só de *gírias*, mas também de *jargões, palavrões, clichês, lugares-comuns, ditos populares, frases feitas, fraseologias, provérbios, bordões*, dentre outros, que são considerados por ele como *modismos lingüísticos* (SERRA; GURGEL, 2000, p. 39). Em razão de o acervo vocabular registrado na obra não ser circunscrito a nenhum grupo específico, esta pode ser considerada um dicionário de *gíria geral*, embora conste, no texto definatório de alguns verbetes, informações do tipo *entre funks, nos presídios, no futebol, entre homossexuais*, que remetem à linguagem de grupos específicos.

Por fim, o *Glossário da Linguagem do Sistema Penitenciário do Paraná* (REMENCHE, 2003), produto da dissertação de mestrado intitulada *Criações Metafóricas na Gíria do Sistema Penitenciário do Paraná*, defendida na Universidade Estadual de Londrina, foi selecionada por registrar um acervo de *gírias de grupo*, pois reúne o vocabulário de um grupo social restrito, conforme comprovam as palavras da própria autora:

²¹ Cf. Houaiss e Villar (2001, p. XV)

²² Cf. Serra e Gurgel (2000, p. 07)

os verbetes listados neste glossário representam o campo semântico do homem que vive enclausurado no Sistema Penitenciário do Paraná. As lexias listadas aqui compreendem os objetos, coisas, dinheiro, alimentação, partes do corpo, ações, atitudes, pessoas, características, lugares, drogas e expressões genéricas (REMENCHE, 2003, p. 01 "Anexo").

Além disso, justifica essa escolha a presença de algumas semelhanças entre o perfil dos informantes dessa obra e os desta pesquisa. Em ambos os casos são indivíduos, de certa forma, marginalizados, em razão dos atos por eles praticados, e que se encontravam em situação de privação de liberdade, em uma mesma região, o estado do Paraná.

No próximo item, serão apresentados e discutidos os critérios e as escolhas teórico-metodológicas que orientaram a organização do *Vocabulário da Gíria de Adolescentes Infratores do Paraná*.

4 CRITÉRIOS PARA ELABORAÇÃO DO VOCABULÁRIO

O Vocabulário aqui proposto reúne as unidades lexicais coletadas por meio das entrevistas, realizadas *in loco* com os adolescentes selecionados. Todas as gírias registradas constituíram as entradas (lemas) dos verbetes do vocabulário que foram organizados em ordem alfabética contínua. A nomenclatura do Vocabulário reuniu 374 verbetes. Por se referir a uma língua especial, o acervo vocabular é bastante representativo do universo lingüístico que compõe o objeto desta pesquisa, já que se trata de um vocabulário restrito, de um grupo específico. Todas as gírias inventariadas foram incluídas na nomenclatura do Vocabulário, inclusive as de baixa freqüência e as de freqüência única (*hapax legómenon*²³). Informações completas a esse respeito estão disponíveis no *Quadro III - Gírias de adolescentes infratores do Paraná, distribuídas segundo a localidade/Unidade e com a indicação da freqüência de uso*. É provável que algumas lexias já façam parte da chamada *gíria comum*, entretanto, também foram incluídas no Vocabulário,

²³ Hapax legómenon é uma forma, palavra ou expressão de que só se conhece um exemplo num "corpus" definido (do Grego, dito uma só vez) (DUBOIS et al, 2004).

essencialmente por terem sido registradas nas entrevistas, fato que confirma o seu uso no âmbito do grupo investigado. Por isso, a possível questão de delimitar a fronteira do que é, de fato, gíria de grupo e do que é língua comum ficará a cargo do item *nota*, de cada verbete, espaço onde constarão informações a respeito da dicionarização da lexia e de sua respectiva freqüência de uso, disponível no *Quadro III*²⁴.

Para a estruturação da *microestrutura* do Vocabulário, baseamo-nos no modelo proposto por Barbosa (1995, p. 25) que organiza o enunciado lexicográfico em três microparadigmas, a saber: a) Paradigma Informacional; b) Paradigma Definicional e; c) Paradigma Pragmático. Dessa feita, temos a seguinte estrutura:

Artigo = [+ Entrada (vocábulo) + Enunciado lexicográfico (+ Par. Inform. 1 (pronúncia, abreviatura, categoria, gênero, número, etimologia, área, domínio, subdomínio, etc). + par. Definicional (acepção específica da área científica/tecnológica ou e um falar especializado). +/- Par. Pragmático (exemplo de emprego específico daquela área), +/- Par. Inform. 2 (freqüência, normalização, banalização/vulgarização/popularização, etc) ... +/- Par. Inform. N), + Remissivas (relativo ao universo de discurso em questão)] (BARBOSA, 1995, p.25)

Assim, considerando esses paradigmas, selecionamos os seguintes itens para comporem a microestrutura dos verbetes: a) entrada (obrigatório); b) categoria gramatical (obrigatório); c) definição (obrigatório); d) abonação (obrigatório); e) localidade (obrigatório); f) sinônimos (opcional); g) variante (s) (opcional); h) nota (opcional) e; i) remissivas (opcional). Cada um desses itens são detalhados a seguir:

a) **entrada**: apresentada na forma canônica²⁵ (nomes no masculino singular e verbos no infinitivo) e destacada em negrito e com a primeira letra em minúscula. Não haverá subentradas. Essa opção é justificada por alguns fatores específicos ao universo vocabular estudado: i) a extensão do *corpus*; ii) o caráter didático impresso ao Vocabulário (com todos os itens lexicais relacionados como entradas, espera-se facilitar a consulta por parte do consulente); iii) a “autonomia” das lexias em termos de uso no âmbito do grupo (as relações

²⁴ Cf. também Quadro III, p. 51, deste trabalho.

²⁵ Cf. Biderman (1984, p. 139).

semânticas evidenciadas no conjunto do recorte de gírias estudado são contempladas no item *remissiva*). Algumas gírias, por se configurarem como seqüências discursivas invariáveis, portanto, lexias complexas, também foram apresentadas como entradas específicas (Ex. *caçar assunto, cantar a liberdade, dar um pião*);

b) **categoria gramatical:** os substantivos foram classificados quanto ao gênero e ao número; os verbos, quanto à transitividade; apenas os adjetivos não foram marcados quanto à classificação. O item *categoria gramatical* foi destacado em itálico. Também foram identificadas, nesse item, as classificações *fraseologia*²⁶, *locução adjetiva, locução adverbial, locução verbal, interjeição e sigla*, todas registradas de forma abreviada;

c) **definição:** na redação da definição foram considerados os seguintes critérios em termos de tipologia: i) substantivos - optamos, em geral, pela definição substancial hiperonímica, seguida pela sinonímica. Em alguns casos foi utilizada a definição sinonímica, em virtude da especificidade do *corpus*. ii) verbos - definição substancial, iniciada por verbos no infinitivo; iii) adjetivos - definição referencial, seguida, em alguns casos, pela sinonímica. Quando foram identificadas várias acepções da palavra, no âmbito do *corpus* estudado, foram apresentadas na seqüência do verbete, após a abonação da anterior. As acepções (quando mais de uma) foram numeradas em ordem crescente com números arábicos, destacados em negrito;

d) **abonação:** os exemplos foram selecionados do *corpus* coletado, transcritos ortograficamente, respeitando-se a estrutura sintática da norma do informante (concordância, regência, colocação etc), além de algumas marcas de oralidade. O texto da abonação foi destacado em itálico e o termo abonado marcado em negrito e entre < >. Quando houve mais de uma acepção, foram apresentadas abonações específicas a cada uma delas. A fonte das abonações foi identificada com o código do informante, apresentado entre parênteses. Ex. (C1INF01), onde: C indica a localidade, no caso, Curitiba; 1 identifica o número da Unidade socioeducativa do informante e INF01, o número do informante, conforme perfil apresentado no Capítulo II, item 3;

²⁶ Consideramos, neste estudo, como *fraseologia* "a frase ou expressão cristalizada, cujo sentido geralmente não é literal; frase feita, expressão idiomática" (HOUAISS; VILLAR, 2001).

e) **localidade:** cidade e Unidade onde foi coletada a unidade lexical que deu origem ao verbete, identificadas entre colchetes pelo código **XN**, em que o **X** indica a primeira inicial da cidade e **N** o número da Unidade. Exemplo: [L1] = Londrina, CENSE 1; [F2] = Foz do Iguaçu, CENSE 2;

f) **sinônimos:** indicados pela abreviação SIN, em negrito, considerando-se, para tanto, somente o universo específico do vocabulário em questão. Todos os sinônimos figuraram como verbetes, com a definição repetida, porém, com exemplos distintos;

g) **variantes:** indicadas pela abreviação VAR, em negrito. Foram consideradas as variantes fonéticas (botinho, botim) e morfossintáticas (bandido, bandidão), identificadas no *corpus* da pesquisa;

h) **nota:** nesse campo foram registradas informações pertinentes aos verbetes, podendo abrigar outras informações de natureza lingüística (por exemplo as reduções, boy, playboy); informações de caráter extralingüístico relativas ao uso das gírias pelo grupo, como os *tabuísmos*²⁷ e *tabus lingüísticos*²⁸, por exemplo; informações relativas à dicionarização ou não das gírias coletadas em um dicionário geral — somente com a marca de uso *informal (infrm)* e em acervos lexicais específicos de gíria. Para a verificação da dicionarização ou não do item lexical, foram consultadas três obras: o *Dicionário de Gíria*, de Serra e Gurgel (2000), identificado pelo código SG; o *Glossário da Linguagem do Sistema Penitenciário do Paraná*, de Remenche (2003), doravante RE; e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de Houaiss e Villar, (2001), doravante DH;

i) **remissivas:** indicadas pela abreviação VER, em negrito, relacionam verbetes que integram a nomenclatura do Vocabulário, contemplando verbetes complementares (Ex. areia/jogar areia; antônimos levar liga / levar desacerto) e também verbetes que evidenciem relações hiperonímicas (beque, chá).

Em síntese, os verbetes obedeceram à seguinte estrutura:

²⁷ Consideramos *tabuísmo* a "palavra, locução ou acepção tabus, consideradas chulas, grosseiras ou ofensivas demais na maioria dos contextos" (HOUAISS; VILLAR, 2001).

²⁸ "Há coerções sociais que, em certas circunstâncias, impedem ou tendem a impedir a utilização de certas palavras; esses *tabus lingüísticos* são caracterizados pelo fato de que a palavra existe realmente, mas não pode ser usada: é vedado "nomear" a coisa.[...] Na cultura das comunidades dos países desenvolvidos existem também palavras tabus (tabus sexuais, religiosos e políticos): a transgressão do tabu comporta, conseqüentemente a rejeição do falante pelo grupo social ou, pelo menos, a depreciação então ligada a seu comportamento." (DUBOIS et al, 2004, p. 580).

Entrada (obrigatório): + *categoria gramatical* (obrigatório) + definição (obrigatório) + *abonação identificada* (obrigatório) + localidade (obrigatório) + sinônimos (opcional) + variantes (opcional) + remissiva (opcional) + nota (opcional).

A seguir, o verbete *areieiro*, exemplifica a estrutura escolhida:

areieiro *adj.* Quem falta com a verdade, mentiroso. *Tem um maluco aí que é <areieiro>, fala que faz, mas não faz. Só areia que voa.* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** agá, caetano. **VAR.** areiero. **VER.** areia, jogar areia, verídico.

Nota: Em algumas unidades os internos demonstraram preocupação quanto ao uso da palavra *mentiroso*, pois, na esfera do grupo, essa forma tem a conotação de xingamento. Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (SG, RE e DH).

No quadro, a seguir, estão listadas as abreviações utilizadas no Vocabulário.

adj.	adjetivo	loc. adv.	locução adverbial
adv.	advérbio	pl.	plural
C1	CENSE 1 - Curitiba	pron.	pronominal
C2	CENSE 2 - Curitiba	RE	Remenche (2003)
DH	Houaiss; Villar (2001)	s.f.	substantivo feminino
F1	CENSE 1 - Foz do Iguaçu	SG	Serra e Gurgel (2000)
F2	CENSE 2 - Foz do Iguaçu	s.m.	substantivo masculino
fraseol.	fraseologia	SIN.	sinônimo(s)
i.	intransitivo	t.d.	transitivo direto
INF	informante	t.d.i.	transitivo direto e indireto
interj.	interjeição	v.	verbo
L1	CENSE 1 - Londrina	VAR.	variante(s)
L2	CENSE 2 - Londrina	VER.	verificar (remissiva)
loc. adj.	locução adjetiva		

Quadro 4 – Lista de Abreviações utilizadas *Vocabulário da Gíria de Adolescentes Infratores do Paraná*.

5 VOCABULÁRIO DA GÍRIA DE ADOLESCENTES INFRA TORES DO PARANÁ

à pampa *loc. adv.* **1** Em boas condições psicológicas, físicas e de saúde; bem; com tranqüilidade. *Como eu tô hoje? Tô <à pampa>.* (C1INF04) **2** *adj.* Satisfeito, cansado. *Tô <à pampa> de estudar* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** de boa, morgado **VAR.** às pampa, às pampas.

Nota: Não há registro dessa locução em RE. Já DH e SG a registram com acepção diferente: “em grande quantidade, muito”.

abraçar idéia *fraseol.* Concordar com opinião expressa por outra pessoa. *Aquela técnica só <abraça idéia> errada* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] .

Nota: Não há registro dessa lexia nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

adianto *s.m.* Objeto ou bem material conseguido por meio de esforço (trabalho, roubo, etc); dinheiro. *Vou fazer uma fitinha pra conseguir um <adianto>* (C1INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Essa gíria não foi registrada por RE e DH. Apenas SG a registra, mas somente com a acepção mais específica de “dinheiro”.

agá *s.m.* **1** Ato ou efeito de mentir; mentira; falsidade. *Ficou só no <agá> pra cima de mim.* (L2INF06) **2** *adj.* Quem falta com a verdade; mentiroso. *Aquele mano do xis 7 é um <agá>, só fala* (L2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** Caetano, areieiro.

Nota: Em algumas unidades os internos hesitavam antes de dizer a palavra *mentiroso*, pois, para eles, essa gíria tem a conotação de pessoa que sempre falta com a verdade, configurando-se, assim, para o grupo, como uma forma de xingamento. Não há registro de “agá” em DH e SG. Já em RE o verbete possui mesma acepção 1 (substantivo) aqui registrada.

aliado *adj.* **1** Pessoa que é cúmplice de atividade criminosa; comparsa. *De quem você é <aliado> lá na sua quebrada?* (L2INF03) **2** Amigo; colega. *Aquele mano é meu <aliado>, corre comigo lado a lado* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: A gíria *aliado*, nas acepções aqui registradas, não figura nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

alimentar *v.pron.* Tomar alimento; comer; nutrir-se. *Eu se <alimentei> de uma gulosema de mil* (F2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** bater rango, rangar, cambucar **VER.** alimento.

Nota: Embora o verbo *alimentar* seja de uso corrente entre os falantes de português, conhecedores ou não da gíria de adolescentes infratores, a inserção desse verbete na nomenclatura do Vocabulário pautou-se no fato de verbos como *comer, tomar, jantar e almoçar* serem pouco usados no cotidiano desses adolescentes, já que são considerados pelo grupo estudado como *tabuísmos*, de conotação sexual, cujo uso implica, inclusive, penalidades impostas pelos próprios integrantes do grupo. Daí a preferência, quase que unânime, pelo uso da forma *(se) alimentar*, sendo muito comum a presença da próclise e a opção pelo pronome oblíquo de terceira pessoa, em vez do de primeira. Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

alimento *s.m.* Designação genérica para tudo que é comestível e digerível; refeição. *Minha coroa trouxe um <alimento> de mil grau na visita* (L2INF03) **2** Momento da refeição: café-da-manhã, almoço, jantar, lanche, etc. *Ô magrão, pede licença do <alimento> pra falar isso aí* (C2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** alimentar, blindada, cambuca, marrocos, meiota, mínima, gulosema, tamarana.

Nota: O substantivo *alimento* figura como verbete no Vocabulário pela mesma razão já apresentada para a inclusão da gíria *alimentar*: O uso de unidades lexicais como *comida e almoço* é muito pouco freqüente, por também serem classificadas pelo grupo estudado como tabus, com conotação sexual, cujo uso evoca penalidades impostas pelos próprios integrantes do grupo. Por isso há a preferência quase que unânime pelo uso da forma genérica *alimento*. Não há registro da gíria *alimento* em nenhuma das três obras lexicográficas consultadas (DH, RE e SG).

apavorar *v.t.d.* Expelir fezes; evacuar; defecar. *Vou <apavorar> o sistema antes de sair pra quadra* (L2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** boi, sistema.

Nota: Esse verbo, no âmbito dos adolescentes infratores, só foi utilizado nas expressões *apavorar o sistema /apavorar o boi*, ambas com a acepção de *usar o vaso sanitário para defecar*. A gíria *apavorar* não consta nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

areia *s.f.* Ato ou efeito de mentir, mentira, falsidade. *Quando o piá fala que tinha uma ponto quarenta é <areia>, vai vê tinha nada, tinha um trinta e doizinho só* (L1INF04) **SIN.** agá, caetano. **VER.** areieiro, caetaneiar, jogar areia.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH e SG. Em RE aparece com acepção diferente, como designação de “açúcar”.

areieiro *adj.* Quem falta com a verdade; mentiroso. *Tem um maluco aí que é <areieiro>, fala que faz, mas não faz. Só areia que voa* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **SIN.** agá, caetano. **VAR.** areiero. **VER.** areia, jogar areia.

Nota: Em algumas unidades os internos demonstraram preocupação quanto ao uso da palavra *mentiroso*, pois, na esfera do grupo, essa forma tem a conotação de xingamento. Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (SG, RE e DH).

arrochar *v.t.d.* Apossar-se de algo que pertence a outro interno; furtar. *Tem uns maluco aí que é tudo rato, doido pra <arrochar> os bagulho dos irmãozinho* (L2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** cinco-cinco, fazer um-cinco-cinco.

Nota: O verbo *arrochar* é usado com sentido distinto de *fazer* ou *cinco-cinco* (furtar, roubar), pois essas últimas gírias designam o roubo ou o furto cometido tanto contra internos como contra outras pessoas em geral e *arrochar* só se aplica ao roubo realizado entre os próprios internos. Não há registro da gíria *arrochar* em RE. Já DH e SG trazem o verbete com acepções diferentes, no sentido de “apertar, prender”.

atacado *adj.* Quem está nervoso; zangado. *Tô <atacado> com aquele educador lá* (L2INF05) **SIN.** na neura [C2, L1, L2].

Nota: Não há registro de *atacado* em RE. Já em DH e SG aparece com a acepção aqui registrada.

ativa *s.f.* **1** Ato de limpar; limpeza. *Faz uma média que eu tô na <ativa> do barraco* (L2INF08) **2** Ato de cuidar do asseio pessoal (fazer barba, tomar banho, escovar os dentes, etc). *Vou fazer a <ativa> na cara pra tirar visita* (L2INF04) **SIN.** dentária, higiene. **3** Atividades internas oferecidas pela unidade aos detentos (oficinas, cursos, aulas). *Tenho que ficar de boa pra sair na <ativa> hoje* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2 **VER.** externa.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

atrasar lado *fraseol.* Agir de maneira inoportuna; atrapalhar; prejudicar. *Ô mano, cê tá <atrasando o lado> do maluco* (L2INF02) [C1, C2, L1, L2] **SIN.** atravessar.

Nota: *Atrasar lado* não figura nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

atrasessar *v.pron.* **1** Interromper; atrapalhar; intrometer-se. *Vai se <atrasessar> na idéia, mano?* (L1INF02) **2** *v.pron.* Agir de maneira inoportuna; prejudicar. *Você tá se <atrasessando> na cena, tá atrasando meu lado* (L1INF03) [C1, C2, L1, L2]. **SIN.** atrasar lado.

Nota: Essa gíria não consta em RE e DH. Já SG registra “atrasessar o galinheiro”, na acepção de “intrometer-se”.

aurora *s.f.* Alimento à base de carne processada; salsicha; lingüiça. *Eu se alimentei da <aurora>* (F1INF05) **SIN.** sadia, vina. **VER.** lingüiça.

Nota: Assim como seus sinônimos *sadia* e *vina*, a lexia *aurora* designa tanto a salsicha quanto a lingüiça, indistintamente. Porém, o uso das unidades lexicais *salsicha* e *lingüiça*, por terem a conotação de órgão sexual, é evitado pelo grupo. A gíria *Aurora*, que se configura como uma marca de alimentos de origem animal, foi mencionada por apenas um adolescente [F1INF05], constituindo-se um *hapax legómenon*. As três obras consultadas (DH, RE e SG) não registram essa gíria.

azul *adj.* Quem está ou é atento; esperto; inteligente; que age com rapidez, agilidade. *Ô mano, já tô ficano <azul> nas aula de informática* (L2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **VER.** ligeiro.

Nota: DH registra “azul” na acepção de “muito assustado, muito perturbado” e SG, com duas acepções: “tudo certo” e “negro retinto”. Já RE não inclui essa gíria na nomenclatura do Glossário.

B.O. *s.m.* **1** Designação genérica do ato infracional relativo a crime cometido. *Aí maluco, cê caiu com qual <B.O.>?* (L2INF07) **2** Número relativo ao artigo do Código Penal que se refere a ato infracional. *Com qual <B.O.> você caiu? Cinco-sete? Um-dois-um?* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** bronca. **VER.** cair.

Nota: A sigla B.O. refere-se ao Boletim de Ocorrência, lavrado pela polícia no momento da apreensão do infrator. Em SG há o registro da gíria “beó”, com seu significado literal de “boletim de ocorrência”.

badalo *s.m.* Órgão sexual masculino; pênis. *Pega no meu <badalo>!* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** boneco, gato, lingüiça, carpano. **VER.** aurora, vina, sadia.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. Já SG e DH registram “badalo” com a mesma acepção aqui contemplada.

bagulho *s.m.* Qualquer objeto, acontecimento ou situação a que se faz referência. *Ô educador, você tirou meus <bagulho> daqui?* (L2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VAR.** baguio.

Nota: Em RE aparece “bagulho” como sinônimo de *maconha*, enquanto em SG e em DH figura com a mesma acepção atribuída pelos adolescentes infratores.

baia *s.f.* Tipo de imóvel destinado à habitação; casa; moradia; residência. *Não vejo a hora de voltar pra minha <baia>, minha coroa tá doente* (C1INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** barraco, goma.

Nota: Em SG há o registro dessa gíria com a mesma acepção empregada. Enquanto RE e DH não a registram.

bailarina *s.f.* Utensílio contendo tinta ou similar com que se pode escrever ou desenhar; caneta. *Tem condições de tirar uso dessa <bailarina>?* (L1INF02) [C2, L1, L2] **SIN.** pena. **VER.** grafite.

Nota: Não há registro em RE e DH. Em SG aparece “bailarina” com duas acepções diferentes da registrada neste Vocabulário: “sardinha de botequim” e “torcedor do São Paulo”.

baitola *adj.* **1** Diz-se do homem afeminado ou homossexual. *Tem um técnico aí que parece <baitola>* (L1INF06) **2** *s.m.* Forma usada para xingar ou ofender homens, independente da sexualidade. *Pega o bonde, seu <baitola>!* [C2, F2, L1, L2] **SIN.** bicha, minazorde, piá.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. Já SG e DH a definem como aqui documentada.

banca *s.f.* Grupo de criminosos; quadrilha; gangue; facção. *Ô mano, você era de que <banca> lá na libertina?* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** correr com, libertina.

Nota: SG e DH contêm esse verbete, mas com acepções diferentes da registrada neste Vocabulário. Já RE não contempla essa gíria.

bandido *s.m.* **1** Indivíduo que gosta de ficar em evidência ou tenta se impor em relação aos demais. *Tá pagando de <bandido>, aí, mano?* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VAR.** bandidão. **VER.** ladrão.

Nota: Entre os internos a lexia *bandido* possui caráter bastante pejorativo, configurando-se como um xingamento. Não há registro dessa gíria em RE e DH. SG a define com acepções diferentes.

barão *s.m.* Montante de mil reais em dinheiro. *Aquela fita lá podia render uns cinco <barão>* (C1INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** galo, perna, moeda, onça, quina.

Nota: Essa gíria aparece em SG e DH com acepção similar, significando “antiga nota de mil cruzeiros” e em DH é a acepção é marcada como *obs!* (obsoleto) A gíria *barão* não figura em RE.

barca *s.m.* Tipo de veículo automotor; carro; automóvel. *Que <barca> que é a tua, senhor?* (C2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** caranga, carreta.

Nota: Não há o registro dessa lexia nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

barraco *s.m.* 1 Imóvel destinado à habitação; casa; moradia; residência. *Quando tiver na libertina, passa lá no meu <barraco>, pode crê?* (C2INF06) **SIN.** baia, goma 2 Alojamento da unidade, onde o adolescente se encontra; cela. *Faz uma média que eu tô na ativa do <barraco>* (L2INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** Xis **VER.** Cela.

Nota: Na acepção 1 essa gíria está registrada em SG e em DH, só não figurou em RE. Já na acepção 2 não há registro de *barraco* em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

baseado *s.m.* Tipo de cigarro feito de maconha. *Tô doido pra fumar um <baseado>* (F1INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** breu, beque, cigarro preto, fino, friz, mariguana, verde. **VER.** botinho, câncer, chá.

Nota: Não há registro em RE. Já SG e DH registram a gíria com a mesma acepção.

bater rango *fraseol.* Tomar alimento; comer; nutrir-se. *Tô de lara. Mais além vô <bater um rango> nervoso* (L1INF06) [F1, L1, L2] **SIN.** alimentar, cambucar, rangar. **VER.** alimento, larica.

Nota: RE e DH não registram *bater rango*. Em SG figura o verbete “bater um rango” com a mesma acepção aqui apresentada.

beque *s.m.* Tipo de cigarro feito de maconha. *Moquei um <beque> no pufe* (C2INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **SIN.** baseado, breu, cigarro preto, fino, friz, mariguana, verde. **VER.** chá.

Nota: Não há registro dessa lexia em DH. Já SG a define com a mesma acepção aqui documentada. Em RE figura o verbete “beck”, também com essa mesma acepção.

berma *s.f.* Designação genérica para calças curtas; bermuda; shorts. *Minha <berma> tá rasgada* (F1INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** gancha.

Nota: Os adolescentes internos utilizam os termos *berma* e *gancha* ao invés de *shorts* ou *calça*, pois, para o grupo, esses últimos designam vestimentas exclusivamente femininas, daí o uso dessas lexias serem motivo de chacota entre os membros desse grupo. Não há registro dessa lexia em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

bicha *adj* 1 Diz-se do homem afeminado ou homossexual. *Uns maluco aí parece <bicha>* (L1INF05) 2 *s.m.* Xingamento atribuído aos homens, independente da sexualidade. *Pega o bego, sua <bicha>!* [C1, F1, L1] **SIN.** baitola, minazorde, piá.

Nota: Não há registro da gíria *bicha* em RE. SG e DH, por sua vez, a definem com a mesma acepção aqui informada.

blindada *s.f.* Recipiente descartável geralmente feito de alumínio ou de isopor, utilizado para servir o almoço e o jantar aos detentos; marmita; marmitex. *Tô se alimentando da <blindada>* (C2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** cambuca, tamarana.

Nota: A gíria *blindada* aparece nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

bobo *s.m.* Nomeação genérica atribuída ao relógio de pulso. *Posso passar um pano nesse <bobo> aí?* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** passar pano.

Nota: A lexia figura nas três obras consultadas com essa mesma acepção (DH, RE e SG). Em DH a acepção foi identificada com a marca de uso *infrm. RJ*.

bocuda *s.f.* Designação genérica usada para nomear qualquer tipo de porta ou de grade. *Ô senhor, condições de colar aí na <bocuda>?* (C2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** ventana.

Nota: Em RE a gíria foi registrada com sentido similar, pois “*bocuda*” aparece, nesta obra, como “*pequena abertura no centro das portas*”. Em DH e SG aparece com acepções diferentes.

boga *s.m.* Orifício anal; ânus. *Os duque tem que liberar o <boga> pra rapaziada.* (C2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** burca, chibiuzinho, quincas, olho de tanderá, oxinai **VAR.** borga **VER.** cachorro, duque, duque-treze, jack, janja.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE e em SG. Já DH a define com a mesma acepção registrada neste Vocabulário.

boi *s.m.* Nomeação genérica empregada pelo grupo para designar o banheiro com ou sem chuveiro. *Ô educador, condições tirar eu pra ir no <boi>* (L2INF06) [C1, F1, F2, L1, L2] **SIN.** celite, sistema **VER.** apavorar, ducha.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH. SG e RE registram com a mesma acepção aqui informada.

bolar idéia *fraseol.* Falar, conversar com alguém sobre qualquer assunto. *Ô maluco, chama minha técnica que eu quero <bolar idéia> com ela* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** abraçar idéia, dar uma idéia, debater.

Nota: *Bolar idéia* não figura nas obras de referência (DH, RE e SG).

boneco *s.m.* Órgão sexual masculino; pênis. *Aí, sem querer ela encostou no meu <boneco>!* (C2INF03) [C2, L1, L2] **SIN.** badalo, carpano, gato, lingüiça.

Nota: Essa gíria não consta da nomenclatura das três obras consultadas (DH, RE e SG).

borsa *adj.* **1** Diz-se do interno que tem comportamento ou atitudes não aceitos pelos demais membros do grupo. *Aqui na ala não tem nenhum um <borsa> não, é tudo ladrão no baguio!* (L2INF03). **2** Ofensa (xingamento) atribuída ao adolescente com comportamento não aceito pelo grupo. *Sai pra lá, seu <borsa>* (C1INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** desandado, pilantra, vacilão, verme. **VER.** ladrão.

Nota: A gíria *borsa* e seus respectivos sinônimos têm conotação muito ofensiva entre os adolescentes infratores, por isso esses termos são evitados ou substituídos por outros, pois, caso a ofensa atribuída não tenha razão de ser, os demais membros do grupo poderão se voltar contra o ofensor. Não há registro de “borsa” em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

botinho *s.m.* Tipo de cigarro industrializado feito de tabaco e com filtro na extremidade. *No distrito os ladrão fuma mais caiçara que <botinho>* (L1INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** câncer, dibox, giz. **VAR.** botinha, botim. **VER.** baseado, paiero.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH e SG. Já em RE aparece “botinha” com a mesma acepção desse Vocabulário. Trata-se, pois, de uma variante.

boy *s.m.* Pessoa do sexo masculino que é malvista pelos internos por ter aparência de rico. *Esse maluco aí tá parecendo um <boy>* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VAR.** Boyzinho.

Nota: *Boy* é forma reduzida de *playboy* e não aparece nas obras de RE e SG. Já DH a define com a mesma acepção aqui registrada.

braite *s.m.* Droga de efeito entorpecente produzida a partir das folhas da coca; cocaína. *De vez em quando até fico a fim de cheirar um <braite>* [C1, C2, F1, F2, L1, L2] (C2INF08) **SIN.** coca, farinha, porva. **VER.** dar um tiro, dar um raio.

Nota: Essa gíria não aparece nas obras consultadas (DH, RE e SG).

brasa *s.m.* Instrumento usado para produzir e/ou alimentar fogo; isqueiro; fósforo. *Lá tinha até uma <brasa> escondida no xis* (C1INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **SIN.** dragão. **VER.** viva.

Nota: Não há registro dessa lexia em DH. Já SG a define com acepções diferentes e RE a registra com a mesma acepção aqui apresentada.

breu *s.m.* Tipo de cigarro feito de maconha. *Lá no distrito rolava um <breu> direto* (C2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **SIN.** baseado, beque, cigarro preto, fino, friz, mariguana, verde. **VER.** chá.

Nota: Essa gíria não foi registrada por DH e RE. Já em SG aparece com acepções diferentes.

bronca *s.m.* **1** Tipo de ato infracional relativo a crime cometido. *Ô mano, qual é a sua <bronca>?* (L1INF03). **2** Referência genérica ao artigo do Código Penal que se aplica ao ato infracional cometido pelo interno. *Com qual <bronca> você caiu?* (L2INF06) **SIN.** B.O. [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** cair.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. SG e DH, por sua vez, a definem com acepções similares às aqui registradas: “pena, delito” e “queixa na polícia”, respectivamente.

bruxa *s.f.* Designação genérica atribuída pelo grupo a qualquer tipo de vassoura. *Ô, lança a <bruxa> pra mim fazer a ativa do barraco* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** ativa.

Nota: RE não registra essa gíria. Já em SG e em DH consta com acepções diferentes.

burca *s.f.* Orifício anal; ânus. *O outro diz que vai enfiar na sua <burca>* (C1INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** boga, chibiuzinho, quincas, olho de tandra, oxinai **VAR.** burquinha **VER.** jaca, janja, pão.

Nota: A gíria *burca* não aparece nas obras consultadas (DH, RE e SG).

bute *s.m.* Tipo de calçado fechado; tênis; sapato. *Vô calçar o <bute> pra jogar pelota* (L1INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** pisante **VAR.** but **VER.** pelota.

Nota: DH registra *bute* registra com a mesma acepção. Já em RE e SG aparece a variante “but” também com essa mesma acepção.

cabuloso *adj.* Que ou quem é diferente, estranho, esquisito, engraçado. *Que piá <cabuloso>* (L2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Em RE e em SG essa gíria aparece com a mesma acepção aqui documentada. DH, por seu turno, a registra com acepções diferentes: “que traz ou tem azar; azarento, que aborrece; maçante, desagradável, antipático, complicado, obscuro”.

caçar assunto *fraseol.* Procurar briga, encrenca. *Se você chegar perto você vai <caçar assunto>* (L1INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** debater.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

cachola *s.f.* Tipo de agressão que consiste em dar socos no pescoço do adversário. *Dei uma <cachola> no maluco que ele viu estrela* (C2INF06) **VER.** tropelo, sair no cinco.

Nota: A gíria *cachola* foi citada por apenas um adolescente [C2INF06], constituindo-se em um *hapax legómenon*. Não há registro da gíria em RE. Enquanto DH e SG a registram com acepção diferente: “cabeça”.

cachorro *s.m.* Designação genérica atribuída pelos adolescentes infratores às nádegas. *Vou passar a mão no seu <cachorro>* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** jaca, janja, pão, polpa, rex. **VAR.** cachorra **VER.** boga.

Nota: O uso da gíria *cachorro* (e dos seus respectivos sinônimos) para nomear as nádegas é muito produtivo na fala dos adolescentes, sobretudo em brincadeiras que provocam ambigüidade de sentido, do tipo: um adolescente faz uma pergunta aparentemente inocente como “você tem cachorro? Qual o nome dele?” e, se o interlocutor responder positivamente, o primeiro começa a chamar pelo nome do animal, insinuando aos colegas que está chamando pelas nádegas do colega. Não há registro da gíria *cachorro* em RE. DH e SG, por sua vez, a definem com acepções diferentes.

caetanar *v.i.* Faltar com a verdade, mentir. *Pára de <caetanar> aê, maluco.* (L2INF02) [L1, L2] **SIN.** jogar areia **VER.** areia, caetano, verídico.

Nota: Essa gíria não figura nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

caetano *s.m.* Ato ou efeito de mentir, mentira, falsidade. *Tudo <caetano> que você tá falando aí* (L2INF02). **SIN.** agá, areia. **2 adj.** Quem falta com a verdade; mentiroso. *Aquela psicóloga é mó <caetano>* (L1INF06) [L1, L2]. **SIN.** agá, areieiro. **VER.** caetaneiar, jogar areia, verídico.

Nota: Em algumas unidades pesquisadas os internos se policiavam quanto ao uso da palavra *mentiroso*, pois, para eles, essa gíria aponta para uma pessoa que sempre mente, configurando, assim, no âmbito do grupo, como uma forma de xingamento. Não há registro dessa gíria nas obras consultadas (DH, RE e SG).

caiçara *s.m.* Tipo de cigarro feito de fumo picado e enrolado na palha de milho ou em papel fino. *No distrito os ladrão fuma mais <caiçara> que botinho* (L1INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** paiero **VER.** botinho.

Nota: Em RE aparece a gíria *caiçara* nessa mesma acepção. Já DH e SG a registram com outra acepção: “homem ordinário, malandro, vagabundo”.

cair *v.i.* Ser capturado, preso, apreendido. *Eu <caí> nessa fita mesmo aí* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** rodar.

Nota: Essa gíria não consta do Glossário de RE. Em SG aparece com essa mesma acepção, enquanto DH a define com acepções diferentes.

calibre *s.m* Designação genérica atribuída à arma de fogo; revólver; pistola. *Você tava com <calibre> no dia que rodou?* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** cano, canhão, draga, ferro, ferramenta, máquina. **VER.** oitão, quadrada.

Nota: RE e SG não contemplam essa gíria em suas obras. Já DH a registra com acepções diferentes.

cambuca *s.f.* Recipiente descartável geralmente feito de alumínio ou de isopor, onde são servidos o almoço e o jantar; marmita; marmitex. *Minha <cambuca> veio de mil hoje* (F2INF03) [C1, F1, F2] **SIN.** blindada, tamarana.

Nota: Em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG) foi registrada a gíria *cambuca*.

cambucar *v.i.* Ingerir os alimentos servidos como refeição nas unidades de internação; alimentar-se. *Mais além eu envio o bagueio, agora tô <cambucando>* (F1INF04) [C1, F1, F2] **SIN.** alimentar, bater rango, rangar. **VAR.** cambucá **VER.** alimento, larica.

Nota: Não há registro dessa lexia nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

cameliar *v.i.* Realizar tarefa de limpeza do alojamento ou de outros locais da unidade de internação. *Já que tô na tranca, vô <cameliar> no meu barraco* (L1INF05) [C1, C2, F2] **VER.** ativa, higiene.

Nota: Nenhuma das três obras de referência consultadas (DH, RE e SG) registram essa gíria.

campana *s.m.* **1** Designação genérica atribuída ao espelho ou a qualquer objeto cuja superfície reflita imagens. *O educador vai lançar a <campana> e o gedois pra mim fazê a ativa da barba* (L2INF04). **2** Espreita, espionagem, vigília. *Às veiz dá pra ver os educador alí, só na <campana>* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **VER.** campanar.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. SG e DH a registram *campana* somente com a acepção 2.

campanar *v.t.d.* Olhar, observar, encarar. *É mio grave ficar <campanando> visita dos outros* (L1INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** Campana, milho.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. Em SG ela aparece apenas com o sentido de “vigiar”. Já em DH, a variante “acampanar” figura nessa mesma acepção.

câncer *s.m.* Tipo de cigarro industrializado feito de tabaco picado e com filtro na extremidade. *Não libera nem um giz, eles falam <câncer> também* (C1INF02) [C1] **SIN.** botinho, dibox, giz. **VER.** baseado, paiero.

Nota: A gíria *câncer* foi citada por apenas um adolescente [C1INF02], constituindo-se, pois, um *hapax legómenon*. Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

caneco *s.m.* Designação genérica usada para nomear qualquer recipiente em que se bebe; copo; caneca. *Lança um <caneco> de plástico aí pra mim beber água* (C1INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **VER.** lançar

Nota: O vocábulo *caneco* é usado para nomear genericamente todos os recipientes que se assemelham a um copo. Todavia, a lexia *copo* não é utilizada, por nomear, no âmbito do grupo, o *ânus*, o que lhe confere o estatuto de tabu lingüístico. Não há registro da gíria *caneco* em RE. Em SG e DH, por sua vez, contemplam essa gíria com outras acepções.

canhão *s.m.* Designação genérica usada para nomear a arma de fogo; revólver; pistola. *Você tava com qual <canhão> naquela cena?* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** calibre, cano, draga, ferro, ferramenta, máquina. **VER.** oitão, quadrada.

Nota: RE não contempla essa gíria. Já SG e DH a registram, mas com outras acepções.

cano *s.m.* Designação genérica atribuída pelo grupo à arma de fogo; revólver; pistola. *Você tinha <cano> na libertina ou andava descalço?* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** calibre, cano, draga, ferro, ferramenta, máquina. **VER.** descalço, oitão, quadrada.

Nota: RE, SG e DH contemplam esse verbete, atribuindo-lhe essa mesma acepção.

cantar a liberdade *fraseol.* Chegar à liberação, após ter cumprido o período de internamento; obter alvará de soltura. *As técnica que avisa quando vai <cantar a liberdade>* (L1INF04) [L1].

Nota: Essa lexia complexa foi mencionada somente uma vez, pelo informante L1INF04, constituindo-se assim um *hapax legómenon*. Não há registro dessa gíria nas fontes lexicográficas consultadas (DH, RE e SG).

cara *s.m* Obrigação, cobrança, dever. *Sua <cara> é fazer isso aí mesmo* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: A gíria *cara* é bastante utilizada pelos adolescentes como forma de ameaça, quando há a intenção de obrigar alguém a executar alguma tarefa. Por exemplo: em uma situação em que um interno ameaça bater em outro, quando surge a oportunidade, os outros poderão cobrar dele tal atitude, dizendo-lhe: “é a *cara* cê dá um tropelo nele agora”. Quando o interno não cumpre essa tarefa, é desmoralizado perante os demais internos. A gíria *cara* não aparece em RE, enquanto SG e DH a registram com acepções diferentes.

caranga *s.f.* Tipo de veículo automotor; carro; automóvel. *Peguei a <caranga> pra dar um pião* (C2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** barca, carreta. **VER.** dar pião.

Nota: Não há registro da lexia em RE. Em SG e DH há o registro da lexia com a mesma acepção.

carpano *s.m.* Órgão sexual masculino; pênis. *Falei pra ele pegar no meu <carpano>!* (F2INF03) [C1, F1, F2] **SIN.** badalo, boneco, gato, lingüiça.

Nota: A lexia *carpano* no C2 e no F2 é usada também para nomear uma espécie de brincadeira que consiste em enrolar uma toalha de tal forma que se assemelhe a um pênis. Não há registro dessa lexia em nenhuma das obras de referência (DH, RE e SG).

carreta *s.m* Tipo de veículo automotor; carro; automóvel. *Opala é <carreta> de ladrão* (L2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** barca, caranga.

Nota: RE registra o verbete com a mesma acepção aqui contemplada. Já SG e DH a definem com outras acepções.

carroça adj. Quem arremeda (copia) outra pessoa, seja em forma de palavras ou de atitudes. *Esse piá é um <carroça>* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** embalo, intrusão. **VAR.** carroceiro. **VER.** ir de carroça, ir de embalo.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. SG e DH a definem com acepções diferentes.

castigueiro s.m. Tipo de alojamento destinado ao cumprimento de medida disciplinar em sistema de isolamento. *Embaçado é ficar lá no <castiguero>* (C1INF04) [C1, C2] **SIN.** cela, fundão, geladeira, isola. **VAR.** castiguero, castigueira.

Nota: Não há registro dessa lexia nas obras de referência consultadas (DH, RE e SG).

catatau s.m. Designação genérica usada para designar uma carta e/ou um bilhete. *Vou mandar um <catatau> pra minha mina na visita* (L2INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** pipo **VER.** salve.

Nota: RE e SG registram a gíria *catatau* com essa mesma acepção, enquanto DH a define com outras acepções.

cela s.f. Tipo de alojamento destinado ao cumprimento de medida disciplinar em sistema de isolamento. *O ladrão do xis sete foi lá pra <cela>* (C2INF03) [C2] **SIN.** castigueiro, fundão, geladeira, isola .

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

celite s.m. Designação genérica utilizada para nomear o banheiro sem chuveiro. *Esses dias entupiu o <celite> do meu xis* (C2INF04). **SIN.** boi, sistema **VER.** apavorar, ducha.

Nota: A gíria *celite* foi citada por apenas um adolescente [C2INF04], constituindo-se um *hapax legómenon*. Nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG) registram essa gíria.

cena s.f. **1** Ato de praticar crime contra o patrimônio; roubo; furto, etc. *Fui fazer uma <cena> pra dar um adianto, só levei desacerto* (L2INF03). **2** Acontecimento,

situação. *O educador vai ver aquela <cena> lá pra nós* (L2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** fita **VER.** correr a cena.

Nota: Não há registro dessa gíria nas obras de DH, RE e SG.

chá s.m. Designação genérica atribuída à maconha em tabletes ou triturada em fragmentos para ser usada em cigarros. *Conheço um maluco que traz um <chá> de mil* (L2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** baseado, beque, breu, fino, friz, mariguana, verde.

Nota: SG e DH definem a gíria *chá* nessa mesma acepção. No entanto, não há registro dessa gíria em RE.

chapado adj. **1** Quem está bêbado ou sob efeito de drogas. *O maluco deu dois tragos já ficou <chapado>* (L2INF06) **2** Diz-se de quem está cansado, enjoado. *Tô <chapado> de escola já* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** de boa. **VER.** à pampa.

Nota: Essa gíria não aparece em RE. Já SG a registra como sinônima de *bêbado*, enquanto DH a define com as mesmas acepções aqui registradas.

cheroso adj. Designação genérica utilizada para nomear o sabonete ou o sabão. *Meu <cheroso> acabou. Vou falar pra lançar outro* (F1INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** espumante.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras lexicográficas tomadas como referência neste trabalho (DH, RE e SG).

chibiuzinho s.m. Orifício anal; ânus. *Tem umas visita que moca droga no <chibiuzinho> pros ladrão* (F1INF04) [F1]. **SIN.** boga, burca, quincas, olho de tandra, oxinai. **VER.** jaca, janja.

Nota: A gíria *chibiuzinho* foi mencionada por apenas um adolescente [F1INF04], constituindo-se, assim, um *hapax legómenon*. Não foi localizado o registro dessa gíria em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

chocar v.i. Falar demais; incomodar; irritar. *Mais esse piá <choca>. Não pára de falar* (L1INF06) [C2, F2, L1, L2].

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

churros *s.m.* Excrementos fecais; fezes. *O piá tá apavorando o sistema, olha o <churros>!* (L1INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** apavorar, burca, janja.

Nota: Essa gíria não consta em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

cigarro preto *s.m.* Tipo de cigarro feito de maconha. *Já chapei de fumar <cigarro preto>* (C2INF05) [C2] **SIN.** baseado, breu, beque, fino, friz, mariguana, verde. **VER.** chá.

Nota: *Cigarro preto* foi mencionado por apenas um adolescente [C2INF06], daí ser classificado como *hapax legómenon*. Não há registro dessa gíria nas obras de DH, RE e SG.

cinco *s.m.* Espécie de luta corporal praticada apenas entre dois internos. *Vô sair no <cinco> com aquele maluco* (F2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** coceira **VER.** sair no cinco, trem-bala, tropelo.

Nota: *Cinco* é forma reduzida da expressão *cinco minutos* que, segundo os informantes, nomeia uma luta entre dois internos do tipo *mano a mano*, ou seja, sem ajuda de outros. *Cinco minutos* remete ao tempo médio de duração da briga. Não há registro dessa gíria nas obras de referência (DH, RE e SG).

cinco-cinco *s.m.* **1** Ato de apropriar-se de algo alheio de modo disfarçado. *Fiz um <cinco-cinco> desbaratinado no mercado* (C1INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **2** *adj.* Diz-se do interno que pratica furto. *Você é <cinco-cinco>, piá!* (C1INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** um-cinco-cinco **VER.** arrochar, B.O., desbaratar.

Nota: *Cinco-cinco* deriva de *um-cinco-cinco*, lexia motivada pelo artigo 155 do Código Penal brasileiro, relativo a crime de furto. Essa gíria não consta nas obras consultadas (DH, RE e SG).

clarear *v.t.d.* Ser disponibilizado; ser trazido por alguém; surgir; aparecer. *Pode <clarear> uns botinho na visita.* (C1INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** constar **VER.** botinho.

Nota: Não há registro da lexia em RE. Em SG e DH há o registro da lexia com acepção diferente.

coca *s.f.* Espécie de droga de efeito entorpecente, produzida com as folhas da coca; cocaína. *Tem um maluco que cheirava <coca> direto* (C1INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** braite, farinha, porva **VER.** dar um tiro, dar um raio.

Nota: A gíria *coca* não aparece em RE e em SG. DH, por seu turno, a registra com a mesma acepção.

coceira *s.m.* 1 Espécie de luta corporal envolvendo apenas dois internos. *Vâmo sair na <coceira> então, mano!* (C2INF04) [C1, C2]. **SIN.** cinco 2 Tipo de brincadeira que simula uma luta corporal. *É só <coceira>, educador!* (C2INF05) [C1, C2] **VER.** sair no cinco, tirar pira, trem-bala, tropelo.

Nota: A gíria *coceira* não foi registrada pelos autores das obras lexicográficas consultadas (DH, RE e SG).

cofre *adj.* Aquele que esconde no ânus objeto proibido para não ser surpreendido em uma possível revista pessoal. *Num vô fazer isso aí não. Tá me tirando pra <cofre>?* (L2INF04) **VER.** geral, gerica, mananciosa.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH. Já SG a define com acepção diferente, enquanto RE a registra com essa mesma acepção.

colar *v.i.* Chegar perto; aproximar-se. *O senhor, condições de <colar> aí na bocuda?* (C2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** bocuda, ligar.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

colocar na linha *fraseol.* Atrair a atenção de alguém; chamar alguém para conversar. *Ô maluco, tem condições de <colocar na linha> a psicóloga?* (C2INF03) [L1, L2, F1] **SIN.** ligar, fazer a ponte.

Nota: Essa gíria não figura nas obras consultadas (DH, RE e SG).

comer abeia *fraseol.* Estar distraído. *Você é um mongo, fica aí <comendo abeia> toda hora* (L1INF02) [L1] **SIN.** estar com o cu dando bote. **VER.** mcorongo, mongo.

Nota: A expressão *comer abeia* foi citada por apenas um adolescente (L1INF02), configurando-se, assim, como um *hapax legómenon*. Não há registro da gíria apresentada em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

condena *s.f.* Deliberação judicial, julgamento do adolescente por crime cometido, sentença. *Minha <condena> vai sair semana que vem* [C1, C2, F1, F2, L1, L2] (L2INF04).

Nota: DH e SG não registram essa gíria. Já RE a define com a mesma acepção aqui apresentada.

condições *s.f.pl.* Expressão usada para pedir algum favor. *Ô <condições> de ligar o coordenador lá?* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** ligar.

Nota: Geralmente essa gíria pode vir acompanhada do verbo *ter* em terceira pessoa, ex. *tem condições de lançar minha gancha?* Não há registro da gíria *condições* nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

constar *v.t.d.* Ser disponibilizado; ser trazido por alguém; surgir; aparecer. *Fica de boa que vai <constar> uns baguio na visita* (L1INF07) [C1, C2, F2] **SIN.** clarear **VER.** bagulho.

Nota: Essa gíria não figura em nenhuma das três obras lexicográficas de referência (DH, RE e SG).

corda *adj.* Diz-se de quem que se nega a emprestar algo; quem se nega a atender pedidos ou a fazer favores. *Você é um <corda>, fica se pesando no baguio* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VAR.** cordinha **VER.** na encolha.

Nota: A gíria *corda* não consta em RE. Já SG e DH a definem com outras acepções.

coroa *s.f.* 1 Mulher que concebe filho(s); mãe. *Tirei visita com a minha <coroa> sábado* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. Já SG e DH definem *coroa* com acepções diferentes.

correr *v.t.i.* Aliar-se a outra(s) pessoa(s), para fins de amizade ou de parceria para cometimento de crime; ser colega de alguém. *Ô mano, você <corria> com quem lá na rua?* (L1INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** banca.

Nota: RE não documentou essa gíria. Já SG e DH atribuem-lhe outras acepções.

coruja *s.f.* Peça íntima do vestuário masculino; cueca. *Vô falar pra lançar outra <coruja> essa aqui tá embaçada, tá apertada* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **VER.** lançar

Nota: Em RE figura essa gíria com a mesma acepção apresentada. Já em SG e DH ela aparece com acepções diferentes: “delator” e “mulher feia”, respectivamente.

couro *s.m.* Designação atribuída pelos detentos à bola de futebol. *De vez em quando nós pede o <couro> pra jogar lá na ala* (F2INF03) [F1, F2] **SIN.** pelota **VAR.** côro.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE e em SG. DH a registra com essa mesma acepção.

coxa-branca *s.m.* Profissional que integra a corporação da polícia militar; policial. *Nem vi nada, só vi os <coxa-branca> chegando e enquadrando* (C2INF04) [C1, C2] **SIN.** gambé, porco.

Nota: A gíria “coxa-branca” não aparece em RE e em SG. DH a registra com acepção diferente: “curitibano”.

crocodilagem *s.f.* Ato de trair; deslealdade; traição. *Tem que ficar esperto com uns maluco aí que fica na <crocodilagem>* (L1INF06) [C1, F1, F2, L1, L2] **VAR.** crocodilage; cocrodilage.

Nota: A gíria *crocodilagem* não figura em RE. DH e SG, por seu turno, a registram com essa mesma acepção.

crocodilo *adj.* Diz-se de quem trai a confiança de outrem, age com deslealdade. *Aqui tem uns mano firmeza, mas tem uns <crocodilo> também* (F2INF05) [C1, F1, F2, L1, L2] **SIN.** Fura-bolo, leva-e-traz, traíra **VAR.** cocrodilo **VER.** crocodilage.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. Já DH e SG a definem com a mesma acepção em que figura neste Vocabulário.

curtir *v.t.d.* **1** Desfrutar de algum benefício. *Depois, vâmo <curtir> uma tela de mil.* (L1INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **2** Gostar (de algo ou de alguém). *Que eu mais <curto> é as aulas de informática* (L1INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]

Nota: Não aparece essa gíria em RE. Já SG a registra apenas com a acepção 1, enquanto DH a define com ambas as acepções apresentadas.

dar a letra *fraseol.* **1** Alcaçüetar, denunciar, delatar, acusar alguém de culpado. *Você tá ciente que você que o cara ia <dar a letra> no bagueio, maluco.* (L1INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **2** Fornecer informações que favoreçam ações criminosas. *Ô motorista tipo <deu a letra> e nós fez a fita.* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VAR.** dá a letra.

Nota: Não há registro dessa lexia nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

dar gesto *fraseol.* Agredir fisicamente; espancar; bater em alguém. *O mano da ala C falou pra <dar gesto> nesse maluco aí porque é pilantra* (L2INF05) [C1, C2, L1, L2]. **SIN.** dar um salve, fazer gesto. **VAR.** dá gesto

Nota: A gíria *dar gesto* não figura em nenhuma das três obras de referência (DH, RE e SG).

dar idéia *fraseol.* Tentar convencer alguém a praticar ou não determinada ação. *Vâmo <dar idéia> na ala pra parar de fazer função até o coordenador chegar* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VAR.** dá idéia **VER.** abraçar idéia, bolar idéia, debater.

Nota: Geralmente o uso dessa gíria vem acompanhado da preposição *em*, como em *dá idéia no mano, no educador* etc. Não foi identificado o registro dessa gíria nas obras consultadas (DH, RE e SG).

dar milho *fraseol.* **1** Agir em desacordo com as regras do grupo. *Tem uns mano aí que chega e <dá mio> toda hora, tipo não pede licença pro gáís, dá nome nos irmãozinho, campana visita dos outro, só mancada* (F2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **2** Usar palavras ou expressões condenadas pelos demais membros do

grupo (tabuísmos). *O cara <dá mio> toda hora, só fala gíria que não pode falar* (L1INF06) [C1, F1, F2, L1, L2] **SIN.** dar peido. **VAR.** dá mio **VER.** dismaiado, mancoso, miaral, peidorreiro.

Nota: *Dar milho* não figura em SG e DH. RE apenas a registra na acepção 1, deste verbete.

dar nome *fraseol.* Agredir por meio de palavras; insultar; xingar. *Aqui não pode <dar nome> de animal em ninguém, senão eles cobra.* (C2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VAR.** dá nome.

Nota: Não há registro da gíria apresentada em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

dar peido *fraseol.* 1 Agir em desacordo com as regras do grupo. *O mano que <dá peido>, vive levando marretão* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] 2 Usar palavras ou expressões condenadas pelos membros do grupo (tabuísmos). *Eu fico azul pra num <dá peido> e dá nome nos outros* (L1INF03) [C1, F1, F2, L1, L2] **SIN.** dar milho. **VAR.** dá peidinho, dá peidim **VER.** dismaiado, mancoso, miaral, milho, peidorreiro.

Nota: Essa gíria não consta em nenhuma das três obras de referência (DH, RE e SG).

dar um ar *fraseol.* Deixar o local; sai. *O maluco váza, pega o beco, <dá um ar>* (C1INF03) [C1, L1] **SIN.** pegar o beco, pegar o bonde, pegar o vôo, vazar. **VAR.** dá um ar.

Nota: Não há registro de *dar um ar* nas obras consultadas (DH, RE e SG).

dar um pião *fraseol.* Sair, passear. *Tô querendo pegar uma externa pra <dar um pião> na libertina* (C2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VAR.** dá um pião **VER.** externa, libertina.

Nota: Não há registro da lexia em SG e DH. RE registra o verbete com a mesma acepção.

dar um raio *fraseol.* Ato de ingerir cocaína em pó através das narinas. *Tem uns maluco aí que tem cara de quem <dá um raio> na farinha direto* (C2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VAR.** dá um raio **VER.** dar um tiro, braite, coca, pó.

Nota: Não há registro dessa gíria nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

dar um salve *fraseol.* Agredir fisicamente; espancar; bater em alguém. *Vô <dá um salve> naquele pilantra* (L2INF07) [C1, C2, L1, L2] **SIN.** dar gesto, fazer gesto.

Nota: Não há registro da lexia nas obras escolhidas como referência (DH, RE e SG).

dar um sapeco *fraseol.* Prática de uso de drogas ilícitas de qualquer natureza. *Eu acho que quando eu sair vô <dá um sapeco> só pra comemorá.* (F1INF05) [F1] **SIN.** dar um tapa **VAR.** dá um sapeco **VER.** dar um raio, baseado, braite, coca, pó.

Nota: A lexia *dar um sapeco* foi citada apenas por um adolescente [F1INF05], daí ser classificada como um *hapax legómenon*. Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

dar um tapa *fraseol.* Prática de uso de drogas ilícitas de qualquer natureza. *Faz um tempo que eu não <dou um tapa> num friz.* (F1INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** dar um sapeco **VAR.** dá um tapa **VER.** dar um raio, braite, coca, pó.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH. Já RE e SG a definem com a mesma acepção que figura neste Vocabulário.

dar um tiro *fraseol.* Ato de usar cocaína líquida de forma injetável, ou em pó, através da aspiração. *Curto mais pegá um baseado, que <dá um tiro>* (L1INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** dar um tapa **VAR.** dá um sapeco **VER.** dar um raio, braite, coca, pó.

Nota: A gíria *dar um tiro* não foi figura nas obras consultadas (DH, RE e SG).

dar uma força *fraseol.* Ajudar alguém em alguma situação; fazer um favor. *O educador vai <dar uma força> no pipo que eu tenho que enviar pro juiz* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** fazer a frente, rachar.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH e em RE. SG, por sua vez, atribui-lhe essa mesma acepção.

de boa *loc. adv.* **1** Em boas condições psicológicas, físicas e de saúde; bem, com tranqüilidade. *Eu fiz aquele patinho de origami <de boa>.* (F1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **2** *adj.* Satisfeito, cansado. *Tô <de boa> de se alimentar da sobre* (L1INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **SIN.** à pampa, morgado. **VAR.** di boa.
Nota: Essa gíria não foi identificada nas obras consultadas (DH, RE e SG).

de chuva *loc. adj.* Que está em período menstrual. *Só não rolou nada porque a mina tava <de chuva> aquele dia* (C2INF09) [C1, C2] **VAR.** di chuva.
Nota: A gíria *de chuva* não está registrada em nenhuma das três obras de referência (DH, RE e SG).

de mil grau *loc. adj.* Aquilo que é bom, interessante, agradável, saboroso. *Minha coroa trouxe um alimento <de mil grau> na visita* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** nervoso **VAR.** de mil.
Nota: Não há registro dessa lexia nas obras consultadas (DH, RE e SG).

debater *v.t.d.* Argumentar em defesa de um ponto de vista; discutir algo com alguém. *Vâmo <debater> essa fita na ala* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** caçar assunto, dar idéia, abraçar idéia, bolar idéia.
Nota: Não há registro da gíria em questão em RE. SG e DH, porém, a registram com a mesma acepção.

deixar baixo *fraseol.* Não se preocupar; tolerar; relevar. *Ô mano, <deixa baixo> essa fita aí, não vale à pena.* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** deixar gelo.
Nota: A lexia *deixar baixo* tem o mesmo valor semântico de *deixar quieto*, *deixar passar*, utilizadas na língua comum. Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras lexicográficas consultadas (DH, RE e SG).

deixar falando *fraseol.* Não fazer o combinado; prometer algo e não cumprir; deixar de ajudar. *Aquele piá já me <deixou falando> numa fita que nós ia fazê.* (L2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Em termos semânticos, *deixar falando* equivale a *deixar na mão*, lexia de uso corrente na língua comum. Essa gíria não figura entre os verbetes das três obras selecionadas como referência (DH, RE e SG).

deixar gelo *fraseol.* Não se preocupar; tolerar; relevar. Pode crê. *Vou <deixar gelo> o bagulho.* (F1INF02) [F1] **SIN.** deixar baixo.

Nota: A lexia *deixar gelo* foi mencionada por apenas um adolescente [F1INF02], por isso recebeu a classificação de *hapax legómenon*. Não há registro dessa gíria nas obras consultadas (DH, RE e SG).

dentária *s.f.* Ato de realizar a higiene bucal; escovação de dentes. *Faz uma média aí que agora eu tô na <dentária>.* (L1INF01) [F1] **SIN.** higiene **VER.** pagar dentária.

Nota: A gíria *dentária* não aparece nas obras consultadas (DH, RE e SG).

desandado *adj.* Diz-se do interno que tem comportamento ou atitudes não aceitos no âmbito do grupo. *Aquele mano do xis sete é um <desandado> é a cara dá um tropeio nele!* (C2INF07) [C1, C2] **SIN.** bolsa, desandado, pilantra, vacilão, verme **VAR.** disandado **VER.** cara, tropelo.

Nota: A forma *desandado*, assim como seus sinônimos, tem conotação ofensiva entre os membros do grupo, por isso são formas evitadas ou substituídas por outras, já que, caso a ofensa não tenha razão de ser, o ofensor poderá ser penalizado pelos demais internos. As obras selecionadas (DH, RE e SG) não registram a gíria *desandado*.

desbaratinar *v.i.* Dissimular, disfarçar, esconder. *<Desbaratina> aí que o educador tá na campana* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Não há registro dessa gíria nas obras lexicográfica de referência (DH, RE e SG).

descalço *adj.* Quem está sem arma, desarmado. *Você tinha cano na libertina ou andava <descalço>?* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **VAR.** discalço **VER.** trepado, maquinado.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE e em SG. DH a define com acepção diferente à deste estudo.

desconheço *interj.* Exprime ação de discordar de alguém sobre algo. Quê maluco! **<Desconheço>!** *Tá tirando?* (C2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** tchau, fuja louco.

Nota: A interjeição *desconheço* geralmente é utilizada pelos internos para interromper brincadeiras ou piadas do tipo pegadinhas. Essa gíria não está registrada em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

dezesseis *s.m.* **1** Ato infracional relativo ao uso de drogas ilícitas. *Caí três veiz com <dezesseis> e uma com um doze* (L2INF02) **2** Diz-se do interno que é usuário de drogas ilícitas ou que foi apreendido por ser acusado de usar esse tipo de droga. *Aquele ali diz que é <dezesseis>.* (C1INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** B.O.

Nota: A gíria *dezesseis* faz referência ao artigo de número 16 do Código Penal brasileiro, que reza sobre o crime de consumo de drogas ilícitas. Não há registro dessa gíria em SG e em DH. Já RE a concebe com a mesma acepção aqui documentada.

dibox *s.m.* Espécie de cigarro industrializado feito de tabaco e com filtro na extremidade. *Cigarro de filtro aqui chama <dibox>.* (C2INF09) [C1, C2, F2] **SIN.** botinho, câncer, giz. **VER.** baseado, paiero.

Nota: Não há registro da gíria em DH, RE e SG.

dismaiado *adj.* **1** Diz-se de quem é ingênuo, tolo, abobado. *Pára de ser <dismaiado>, maluco!* (L1INF04) [L1, L2, C1] **SIN.** Mocorongo, mingo, moscão, panguão. **2** Diz-se do interno que tem atitude ou comportamento errôneo sob o ponto de vista do grupo; que erra, falha, com freqüência. *Aquele mano do xis três é um <dismaiado>, dá pedinho direto!* (C2INF07) [C1, C2] **SIN.** miaral, mancoso, peidorreiro. **VER.** peido, milho.

Nota: A gíria *dismaiado* assume acepções distintas, dependendo da unidade, e também do seu uso por determinados adolescentes de uma mesma unidade.

Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

doze *s.m.* **1** Ato infracional relativo ao tráfico de drogas ilícitas. *Caí treis veiz com dezesseis e uma com <doze>*.(L2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **2** adj. Diz-se do interno que é traficante de drogas ou que foi apreendido por ser acusado de tráfico desse tipo de droga. *O piá do xis nove é <doze>*. (C1INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **VER.** B.O., xis.

Nota: A gíria *doze* faz referência ao artigo de número 12 do Código Penal brasileiro, que reza sobre crimes oriundos do tráfico de drogas ilícitas. Não há registro dessa gíria em SG e DH. Já RE a registra com as mesmas acepções.

draga *s.f.* Designação genérica atribuída pelos detentos para arma de fogo; revólver; pistola. *Ladrão que é ladrão tem que andar de <draga> na cinta* (C2INF04) [C1, C2] **SIN.** calibre, cano, canhão, ferro, ferramenta, máquina. **VER.** descalço, ladão, oitão, quadrada.

Nota: DH, RE e SG registram a gíria *draga* com essa mesma acepção.

dragão *s.m.* Instrumento usado para produzir e/ou alimentar fogo; isqueiro; fósforo. *Tinha um <dragão> mocado, mas levaro na geral* (L2INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** brasa. **VER.** viva.

Nota: RE registra *dragão* com essa mesma acepção. Já SG e DH a definem com acepção diferente: “homem/mulher feio(a)”.

ducha *s.m.* **1** Local destinado a banho; banheiro com chuveiro. *Falei que tinha esquecido meu espumante na <ducha>* (L2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **2** Ato de lavar-se, banhar-se. *Depois da <ducha> nós curte uma tela* (L2INF03) [C1, F1, F2, L1, L2] **VER.** boi, celite, sistema.

Nota: Essa gíria não foi registrada em SG e em RE. DH a define com as mesmas acepções mencionadas neste verbete.

duque-treze *adj.* Diz-se do interno que foi apreendido sob suspeita de cometimento de estupro ou de atentado violento ao pudor. *Lá no seguro tem uma pá de duque-treze* (F2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VAR.** duque.

Nota: A gíria *duque-treze* refere-se ao artigo 213 do Código Penal brasileiro que versa sobre o crime de estupro. É considerado *duque-treze* (ou por redução, *duque*) o indivíduo que força outra pessoa a ter relações sexuais, mediante violência física ou psíquica. Esse tipo de atitude é extremamente condenável no interior do grupo. Por essa razão, uma prática comum por parte dos profissionais que atuam nas unidades é a manutenção do absoluto sigilo sobre uma suspeita de ato infracional dessa natureza, caso contrário, o adolescente poderá ser severamente punido pelos próprios colegas de grupo. Não há registro dessa gíria em SG e em DH. Já em RE ela figura com essa mesma acepção.

embaçado Adj. Que é difícil, complicado, confuso. **<Embaçado>** *é ficar lá no <castigueiro>* (C1INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: RE e DH não registram essa gíria. SG, porém, registra o verbete com essa mesma acepção.

embalo Adj. Quem arremeda (copia) outra pessoa, seja por meio de palavras ou de atitudes. *Ô, dá licença, seu <embalo>!* (L2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** Carroça, intrusão. **VAR.** embaleiro. **VER.** ir de carroça, ir de embalo.

Nota: A gíria *embalo* não aparece em DH e em RE. Já SG a define com acepções diferentes.

empenhar v.t.d. **1** Acusar, culpar alguém; imputar sanção a alguém por cometimento de infração. *Aqueles educador só sabe <empenhar> os menor, vive dando medida à toa* (L1INF06) **2** fazer alguém se dar mal sem motivo. *Tem que ficar azul com uns maluco que curte <empenhar> os outro.* (L1INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** Azul.

Nota: Essa gíria não está registrada nas obras consultadas (DH, RE e SG).

enquadrar v.t.d. **1** Abordar, deter possíveis infratores; *Nem deu tempo, os gambé chegô <enquadrando> todo mundo.* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **2** Dominar alguém por meio de violência, intimidar, geralmente com a intenção de cometer crime de roubo. *Nóis chegou, deu voz de assalto e <enquadrrou> a vítima.* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: DH registra essa gíria com a acepção 1 deste verbete. SG e RE, por seu turno, a registram com a acepção 2.

enviar *v.t.d.* Entregar; fazer chegar; passar as mãos de; dar. *Eu falei pro educador <enviar> minha gancha lá pra trocar, até agora nada.* (F2INF09) [C1, C2, F1, F2] **SIN.** lançar.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

espiritique *s.m.* **1** Produto cosmético desodorante. *O <espiritique> é da unidade, não deixa trazer da rua.* (L1INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** Rexona. **VER.** cheiroso.

Nota: A gíria *espiritique* não figura em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

espumante *s.m.* Nomeação genérica usada para designar o sabonete ou o sabão. *Falei que tinha esquecido meu <espumante> na ducha.* (L2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** cheroso.

Nota: Não há registro dessa gíria nas obras de referência consultadas (DH, RE e SG).

estar com o cu dando bote *fraseol.* Estar desprevenido, estar desatento, distraído. *Tem maluço que toda hora <tá com o cu dando bote>.* (L1INF02) [L1, C1, C2].

Nota: Essa gíria não consta nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

estar de bode *fraseol.* Estar deitado, descansando, dormindo. *Ontem eu peguei medida, <tava de bode> o dia inteiro.* (C1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **SIN.** Estar de jega.

Nota: DH, RE e SG não registram essa gíria.

estar de jega *fraseol.* Estar deitado, descansando, dormindo. *Nessas hora eu já vou <tá de jega> faz tempo.* (F2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** estar de bode.

Nota: Nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG) registram essa gíria.

estar ligado *fraseol.* Estar informado sobre algo, ciente; saber de algo. *Os mano <tá ligado> que se fazê coisa errada, tem sempre uns que cobra a pedra depois.* (C1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Essa gíria não consta em DH e em SG. Já em RE figura “estar ligado na fita” com a mesma acepção aqui apresentada.

estar magro *fraseol.* Contestar; recusar-se a fazer algo. *Quando um piá pede uma coisa e o outro não quer emprestar, daí ele fala <tá magro>, tipo, ‘não vou lançar’.* (C2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** corda, lançar.

Nota: A gíria *estar magro* não aparece em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

estoque *s.m.* Utensílio produzido de forma artesanal pelos internos a partir de materiais diversos, como pedaços de madeira e de ferro, utilizado como arma branca; *Quando os educador fizeram a geral não ficou ninguém com <estoque>.* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** Zinco **VER.** Naifa, railander.

Nota: DH, RE e SG registram a gíria *estoque* com essa mesma acepção.

estrutural *s.f.* Espécie de busca ou varredura geralmente realizada pelos funcionários das unidades, à procura de materiais proibidos (armas, drogas etc); *Quando tem algum bagulho diferente tem que mocar bem pros educador não achar na <estrutural>.* (L2INF03) [L1, L2] **VER.** geral, girica, mananciosa.

Nota: *Estrutural* é redução de *revista estrutural*, um termo comum no jargão das equipes de segurança das Unidades visitadas na cidade de Londrina. Não há registro dessa gíria em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

externa *s.f.* Saída temporária do interno da unidade com objetivos diversos (audiências judiciais, atendimentos médicos/odontológicos, cursos, etc). *Tô querendo pegar uma <externa> pra dar um pião na libertina.* (C2INF04) [L2, C2, F2] **VER.** ativa, dar um pião, libertina.

Nota: *Externa* é forma reduzida de *atividade externa* e, por ocorrer com mais frequência em Unidades de Internamento, não é produtiva na gíria de adolescentes internos nas Unidades de Internamento Provisório. Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

farinha *s.m.* Espécie de droga em pó de efeito entorpecente, produzida a partir das folhas da coca; cocaína em pó. *Tem uns maluco aí que tem cara de quem dá um raio na <farinha> direto.* (C2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** braite, coca, porva. **VER.** dar um tiro, dar um raio.

Nota: A gíria *farinha* não figura em DH. Já SG e RE atribuem-lhe a mesma acepção constante neste verbete.

fazer *v.i.* **1** Assaltar; roubar. *Essa vez eu caí preso porque fui <fazer> um posto de gasolina, mas levei desacerto.* (C2INF04) **2** Matar, assassinar. *Se você marcar, num dá otra, os cara manda <fazer> você* (L2INF05) [C1, C2, F1, L1, L2] **VAR.** fazê. **VER.** cinco-cinco, um-dois-um, um-cinco-sete.

Nota: Não há registro dessa em DH. SG a registra somente com a acepção 1 e em RE a define somente na acepção 2 deste verbete.

fazer a frente *fraseol.* Prestar ajuda a alguém em alguma situação; fazer um favor. *As técnica vão <fazer a frente> pra eu ir pra rua logo.* **SIN.** dar uma força, rachar.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

fazer a ponte *fraseol.* **1** Alcançar algum objeto que está distante; passar algo a alguém. *Ô, condições de <fazer a ponte> da minha blusa?* (C2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** enviar, lançar. **2** Atrair a atenção de alguém, chamar alguém para conversar. *Ô maluco, tem condições de <fazer a ponte> do coordenador?* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** colocar na linha, ligar.

Nota: A gíria *fazer a ponte* não aparece nas obras DH, RE e SG.

fazer casinha *fraseol.* Planejar e executar ação com vistas a prejudicar alguém; conspirar contra alguém a fim de colocar os demais internos contra a vítima. *Tem que ficar azul com uns e outros aí que só quer <fazer a casinha> sua* (F2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** virar a cadeia.

Nota: Essa gíria não figura nas obras de DH, RE e SG.

fazer corre *fraseol.* Agir rapidamente com o intuito de ajudar alguém. *Já pedi pro educador <fazer o corre> das pecinhas.* (F2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

VAR. fazer correria. **VER.** dar uma força, fazer a frente.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

fazer gesto *fraseol.* Agredir fisicamente, espancar; bater em alguém. *É tipo quando um manda <fazer gesto> em outro, tipo espancar um duque, um desandado.* (L1INF01) [C1, C2, L1, L2] **SIN.** dar gesto.

Nota: A gíria *fazer gesto* não figura nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

fazer jogo *fraseol.* Efetuar troca, comutar, permutar; *Aqui os educador não deixa <fazer jogo> no alimento.* (F1INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VAR.** fazer jogada.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

fazer uma média *fraseol.* Aguardar, esperar. *<Faz uma média> que tô na higiene.* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: No âmbito do grupo estudado, o verbo *esperar* é evitado, com a justificativa de que “quem espera é mulher”, o que evidencia a ambigüidade de interpretação que o uso desse verbo poderia causar entre os internos. Não há registro da lexia em RE e em DH. SG registra a define nessa mesma acepção.

fechar a cara *fraseol.* Calar-se, ficar quieto. *<Fecha a cara> aí, maluco. Tô quereno curtir a zoiuda.* (L2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** fechar o cu.

Nota: Não há registro da lexia em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

fechar o cu *fraseol.* Calar-se, ficar quieto. *Já falei pra <fechar o cu> aí, piá, tá me tirando?* (C1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** fechar a cara.

Nota: Embora na língua comum a palavra *cu* seja considerada de baixo calão, no âmbito do grupo, cuja gíria foi estudada não tem essa conotação, sendo uma

palavra de uso bastante comum entre os adolescentes. Não há registro da gíria *fechar o cu* nas obras de DH, RE e SG.

ferramenta *s.f.* Designação genérica atribuída à arma de fogo pelos adolescentes infratores; revólver; pistola. *Nem lembro a <ferramenta> que eu tava aquele dia.* (L2INF02) [C1, C2, F2, L1, L2] **SIN.** cano, canhão, calibre, draga, ferro, máquina. **VER.** oitão, quadrada.

Nota: Essa gíria não aparece em RE, mas DH e SG a registram na mesma acepção informada neste verbete.

ferro *s.m.* Designação genérica atribuída à arma de fogo pelos adolescentes infratores; revólver; pistola. *Na rua tem uns mano com uns <ferro> nervoso.* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** cano, canhão, calibre, draga, ferramenta, máquina. **VER.** oitão, quadrada.

Nota: DH e SG registram *ferro* com essa mesma acepção. Já em RE ela não aparece.

fino *s.m.* Tipo de cigarro feito de maconha. *Faz uma cara que não pego um <fino>* (F2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** baseado, breu, beque, cigarro preto, friz, mariguana, verde **VER.** chá **VAR.** fininho.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE e em DH. Já em SG figura com essa mesma acepção.

firmão *adj.* Em boas condições de saúde física e psicológica; bem, com tranqüilidade. *E aí? Eu tô <firmão>* (C2INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** à pampa, de boa.

Nota: A gíria *firmão* não consta da nomenclatura das três obras consultadas (DH, RE e SG).

fita *s.f.* **1** Ato de praticar crime contra o patrimônio; roubo; furto, etc. *Aquela <fita> lá podia render uns cinco barão.* (C1INF03) **SIN.** cena **2** Acontecimento, situação. *Pede pro educador ver aquela <fita> lá.* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** cena, lance. **VAR.** fitinha.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH. RE a define com essas mesmas acepções. SG a registra com acepção diferente.

franga *adj.* Quem tem ou demonstra medo; intimidado, medroso. *Tem uns piá que na hora que o bagueio fica loco vira tudo <franga>.* (L1INF02) [F1, L1] **SIN.** mascão.

Nota: SG e DH registram essa gíria com acepções diferentes. Já RE não a inclui em sua obra.

friz *s.m.* Tipo de cigarro feito de maconha. *Faz um tempo que eu não dou um tapa num <friz>.* (F1INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** Baseado, breu, beque, cigarro preto, fino, mariguana, verde **VER.** chá, dar um tapa.

Nota: Não há registro da gíria *friz* em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

fuja louco *loc. interj.* Exprime a ação de discordar de alguém. **<Fuja louco!>** *Tô fora dessas idéia aí.* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** desconheço!, tchau!

Nota: A interjeição *fuja louco* geralmente é utilizada pelo grupo para interromper brincadeiras ou piadas do tipo pegadinhas. Não há registro dessa lexia nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

fumar *v.i.* Acontecer algo de mal a alguém; dar-se mal; *Vai <fumar> pra você, seu pilantra!* (L2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** empenhar. Nota: RE e SG não registram essa gíria e DH a define com acepção diferente.

função *s.m.* Algazarra, tumulto, confusão, barulho excessivo. *Vâmo dar idéia na ala pra parar de fazer <função> até o coordenador chegar.* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Não há registro dessa lexia em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

fundão *s.m.* Tipo alojamento de contenção, destinado ao cumprimento de medida disciplinar de isolamento. *Tô de boa de ir pro <fundão> de novo* (F1INF02) [F2] **SIN.** cela, geladeira, isola.

Nota: RE não registra essa gíria, enquanto DH e SG a define com acepção diferente.

fura-bolo *adj.* Diz-se de quem trai a confiança de outrem, age com deslealdade.

Tem que ficar azul com uns fura-bolo>. (F2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]

SIN. crocodilo, leva-e-traz, traíra **VER.** crocodilagem.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE e em SG. DH, por seu turno, a define com acepção diferente: “indivíduo astucioso, esperto”.

galeto *adj.* Nome genérico atribuído a alimentos preparados à base de carne de qualquer espécie (bovina, suína, de aves) que integram as refeições oferecidas aos internos. *Hoje esse galeto> veio de mil. (L2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].*

Nota: Não há registro da gíria em nenhuma das três obras de referência consultadas (DH, RE e SG).

galo *s.m.* Quantia de cinqüenta reais em dinheiro. *Tivesse uns dois galo> aquele dia já tava boy. (C1INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** onça **VER.** barão, perna, moeda, onça, quina.*

Nota: DH e RE registram *galo* com essa mesma acepção. Já em SG ela aparece com acepção similar: “cinqüenta cruzeiros”.

gambé *s.m.* Profissional que integra a corporação da polícia militar; policial. *Nem deu tempo, os gambé> chegô enquadrando todo mundo. (L2INF04) **SIN.** coxa-branca, porco. [C1, C2, F1, F2, L1, L2].*

Nota: Não há registro dessa gíria em DH, mas SG e RE a definem com essa mesma acepção.

gancha *s.f.* Designação genérica utilizada pelos internos para nomear as calças (peça do vestuário); bermuda; shorts. *Eu falei pro educador enviar minha gancha> lá pra trocar, até agora nada. (F2INF09) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** berma.*

Nota: Os internos utilizam as gírias *berma* ou *gancha* para nomear a peça externa do vestuário masculino porque *shorts* ou *calça*, para o grupo, designam vestimentas exclusivamente femininas, daí o uso desses nomes serem motivo

de chacota entre os internos. Não há registro dessa gíria em DH. Já SG e RE registram “gancho”, com essa mesma acepção.

gás *s.m.* Ventosidade; porção de gases expelida pelo ânus; *Tem que pedir licença pro <gás> pra não dar mio.* (L2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** peido, peidorreiro.

Nota: Não há registro da gíria gás em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

gato *s.m.* Órgão sexual masculino; pênis. *Vem pegar no meu <gato>!* (C1INF03) [C1, F2] **SIN.** badalo, boneco, lingüiça, carpano.

Nota: SG e DH incluem essa gíria nas suas respectivas obras com outras acepções. Enquanto RE não a registra em seu Glossário.

gedois *adj.* Designação genérica utilizada para nomear a lâmina ou o aparelho de barbear. *O educador vai lançar a campana e o <gedois> pra mim fazê a ativa da barba* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** prestobarba.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

geladeira *s.f.* Tipo de alojamento de contenção, destinado ao cumprimento de medida disciplinar de isolamento. *Tõ de boa de ir pra <geladeira>* (C1INF01) [C1] **SIN.** castigueiro, cela, fundão, geladeira, isola. **VAR.** geladera.

Nota: Essa gíria não figura nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

geral *s.f.* Tipo de busca pessoal ou estrutural com vistas a localizar objetos proibidos escondidos junto ao corpo dos internos ou em espaços físicos definidos, no âmbito da Unidade de internação. *Aqui os educador dá <geral> toda hora na gente* (C2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** girica. **VER.** estrutural, mananciosa.

Nota: Essa gíria não aparece em SG, enquanto DH e RE a definem com a mesma acepção registrada neste verbete.

gerica *s.f.* Tipo de busca pessoal ou estrutural com vistas a localizar objetos proibidos escondidos junto ao corpo dos internos ou em espaços físicos definidos, no âmbito da unidade de internação. *Todo mundo leva <gerica> dos educador, até as visita.* (C2NF04) [C1, C2] **SIN.** geral **VAR.** girica **VER.** estrutural, mananciosa.

Nota: A gíria *gerica* não está registrada nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

globo *s.m.* Designação genérica atribuída pelos adolescentes à cabeça humana. *As vez fala que bateu no <globo>, pra não falar cabeça.* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1] **SIN.** pinha, purunga.

Nota: As gírias *globo* e *pinha* são utilizadas para designar *cabeça*, em virtude de *cabeça* assumir, no âmbito do grupo, a conotação de *pênis*, configurando-se, assim, como um tabuísmo entre os internos. Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

gogó *s.m.* Região do corpo entre o tronco e a cabeça; pescoço. *Pra não falar cabeça. Cachola é tipo uma pancada no <gogó>.* (C2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** pinha.

Nota: *Gogó* é utilizado para designar pescoço, uma vez que a *lexia* *pescoço* tem a conotação pejorativa de *pênis*, daí ser concebida como um tabuísmo pelo grupo. Não há registro dessa gíria em RE. Já SG a define com outra acepção, enquanto DH a registra apenas como sinônima de “pomo-de-adão”.

gole *s.m.* Bebida alcoólica de qualquer natureza. *Tô a fim de sair daqui pra tomar um <gole>.* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** goró. Nota: Não há registro dessa gíria nas obras consultadas (DH, RE e SG).

goma *s.f.* Imóvel destinado à habitação; casa; moradia; residência. *Quando eu for pra rua eu não vou pra minha <goma>, vou colar direto lá no barraco da minha tia.* (C2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** baia, baraco.

Nota: A gíria *goma* não figura nas três obras de referência escolhidas (DH, RE e SG).

goró *s.m.* Bebida alcoólica de qualquer natureza. *Uma mão fiquei chapado de tanto <goró>*. (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** gole **VER.** uma mão.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. SG e DH, por seu turno, a definem apenas como “cachaça”.

grafite *s.m.* Instrumento de madeira contendo grafite usado para escrever; designação genérica atribuída ao lápis. *Os <grafite> que o professor leva pra sala é tudo contado na saída*. (L2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Essa gíria não aparece nas obras consultadas (DH, RE e SG).

graxa *s.f.* Produto alimentício similar à manteiga servido no meio do pão; margarina; *Lá eles dão até marroco sem <graxa>* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **VER.** marrocos.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

guerreira *s.f.* Designação genérica atribuída pelo grupo à namorada. *Minha <guerreira> vem no domingo na visita*. (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** mina **VAR.** guerrera.

Nota: A gíria *guerreira* foi citada por apenas um adolescente [L2INF04], daí ter sido classificada como um *hapax legómenon*. Não há registro dessa gíria nas obras consultadas (DH, RE e SG).

gulosema *s.f.* Designação genérica usada para nomear qualquer tipo de alimento doce. *Eu se alimentei de uma <gulosema> de mil*. (F2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** alimento.

Nota: Essa gíria não figura nas obras consultadas (DH, RE e SG).

higiene *s.f.* Ato de cuidar do asseio pessoal (fazer barba, tomar banho, escovar os dentes, etc). *Faz uma média que tô na <higiene>*. (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** ativa, dentária; **VER.** alimento.

Nota: Não há registro dessa gíria nas obras DH, RE e SG.

idéia s.f. **1** Ato de comunicar-se com alguém por meio de palavras, conversa; assunto. *Vai se atravessar na <idéia>, mano?* (L1INF02) **2** Compromisso assumido verbalmente; palavra. *Ele tinha dado <idéia> de home no bagueio* [L1INF02] [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** abraçar idéia, bolar idéia, dar idéia.

Nota: RE e SG não contemplam essa gíria em suas obras. Já DH a registra com acepção diferente: “cabeça”.

intrusão adj. Quem arremeda ou copia outra pessoa, seja por meio de palavras ou de atitudes. *Você é um <intrusão>. Tá de embalo nas idéia dos outro.* (L1INF08) [L1] **SIN.** carroça, embalo. **VER.** ir de carroça, ir de embalo.

Nota: A gíria *intrusão* foi mencionada por apenas um adolescente [L1INF08], configurando-se, assim, como um *hapax legómenon*. Não há registro de *intrusão* em RE e em DH, SG, por sua vez, registra a variante “intrujão”, na acepção de “metido, intrometido”.

ir de carroça fraseol. Arremedar ou copiar outra pessoa, seja por meio de palavras ou de atitudes. *Pára de <ir de carroça> nas idéia dos outro, maluco.* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** ir de embalo. **VER.** carroça, embalo, intrusão.

Nota: Não há registro dessa gíria nas obras lexicográficas de DH, RE e SG.

ir de embalo fraseol. Arremedar ou copiar outra pessoa, seja por meio de palavras ou de atitudes. *Tem uns maluco que é cheio de <ir de embalo> nas idéia* (L2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** ir de carroça. **VER.** carroça, embalo, intrusão.

Nota: Essa gíria não figura nas três obras de referência consultadas (DH, RE e SG).

isola s.m. Alojamento de contenção específico para o cumprimento de medida disciplinar de isolamento. *Lógico. Ninguém curte ficar no <isola>* (F1INF02) [F1, F2] **SIN.** castigueiro, cela, fundão, geladeira, isola.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

jaca *s.f.* Região glútea, nádegas. *Caiu de <jaca> no chão, caiu sentado* (C2INF08) [C1, C2, L1, L2, F2] **SIN.** cachorro, janja, pão, polpa, rex **VER.** burca.

Nota: Não há registro da gíria *jaca* em SG. Já DH a atribui essa mesma acepção, enquanto RE a define apenas como “jaqueta”.

jacaré *s.m.* Instrumento de aço cortante contendo pequenos dentes afiados, utilizado para cortar materiais diversos, como madeira e ferro; serra. *Acharo um <jacaré> na última geral* (C2INF02) [C1, C2, L1, L2].

Nota: RE registra *jacaré* com essa mesma acepção. Já SG e DH a definem com acepções diferentes.

jack *adj.* Diz-se do interno que foi apreendido sob suspeita de cometimento de estupro ou de atentado violento ao pudor. *Quem é <jack> tem que morrer. Essa é a lei da cadeia.* (C2INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** duque.

Nota: Não há registro dessa gíria nas obras de referência consultadas (DH, RE e SG).

janja *s.f.* Região glútea, nádegas. *Levar injeção na <janja> é embaçado.* (L1INF06) [C1, C2, L1, L2, F1, F2] **SIN.** cachorro, jaca, pão, polpa, rex.

Nota: Não há registro dessa gíria nas obras consultadas (DH, RE e SG).

jega *s.f.* **1** Espécie de cama geralmente feita de concreto ou de tijolos. *Quase caí da <jega>.* (F2INF03) **2** Designação genérica usada para nomear o colchão de dormir. *Peguei a <jega> e joguei no chão* (L2INF04) **SIN.** latrô, pufe [C1, C2, L1, L2, F1, F2].

Nota: A gíria *jega* não aparece em DH. Já RE e SG a registram apenas com a acepção 1 deste verbete.

jogar areia *s.f.* Faltar com a verdade; mentir. *Ah, maluco! Pára de <jogar areia> no bagulho, mano!* (L1INF01) **SIN.** caetanar. **VER.** areia, caetano, verídico.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH e em RE. Já SG a define como “atrapalhar”.

juba *s.f.* Cabelo da cabeça de qualquer comprimento. *De vez em quando tem que rapar a <juba>*. (C1INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: DH, SG e RE registram o verbete *juba* com essa mesma acepção.

jumbo *s.m.* Conjunto de alimentos fornecidos pelas famílias dos internos, cuja entrada é autorizada apenas em algumas unidades. *Aqui ele não deixa mais entrar <jumbo>*. (L1INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VAR.** jumbada.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH e em SG, enquanto RE a define com essa mesma acepção.

jurão *adj.* Diz-se do interno que não cumpre o que promete. *Tem que ficar azul. Tem sempre uns <jurão> no sistema* (C1INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** deixar falando.

Nota: Não há registro dessa gíria em SG. Já RE e DH registram essa gíria nas acepções de “pessoa inexperiente no mundo do crime” e “casa erguida sobre estacas, para resistir às enchentes”, respectivamente.

ladrão *s.m.* Qualquer pessoa, do sexo masculino, envolvida com o mundo do crime; *No distrito os <ladrão> fuma mais caçara que botinho* (L1INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** Magrão, pinha.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. Já DH e SG atribuem-lhe outra acepção.

lambão *adj.* Diz-se de quem não cuida de seu asseio pessoal; sujo. *Tem uns <lambão> aí que fica dois dia sem pagar ducha*. (C1INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** ativa, higiene, ducha.

Nota: DH e SG registram *lambão* com a acepção diferente. Já RE não a inclui em seu Glossário.

lançar *v.t.d.i.* Entregar; fazer chegar; passar às mãos de; dar. *Eles já tão demorando pra <lançar> uns pano novo pra nós*. (L2INF06) [C1, C2, F1, F2] **SIN.** enviar.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras de referência consultadas para este trabalho (DH, RE e SG).

lance *s.m.* Acontecimento, situação. *Tem uns <lance> aí dos mano não saber falar na gíria, mais é poco.* (F2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** cena, fita.

Nota: Não aparece a gíria *lance* em RE e em DH. Já SG a registra com essa mesma acepção.

larica *s.f.* Sensação de vontade de comer; apetite; fome. *Não tá na hora do alimento, não? Tô numa <larica>.* (L2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** alimento.

Nota: DH e SG registram essa gíria nessa mesma acepção. Já RE não a inclui em sua obra.

lasca *s.f.* Tipo de favor prestado a alguém que não mereça ajuda ou que não deva ser favorecido. *<Lasca> é tipo madeira. Lançar alimento pro outro é <lasca>.* (C2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** madeira **VER.** madeirar, pagar madeira.

Nota: As unidades lexicais *lasca* e *madeira* geralmente são usadas por adolescentes (ou até por funcionários das Unidades) que temem, de alguma forma, ação de violência por parte do interno favorecido. Um interno que *madeira* para outro pode fazer favores variados e até dar presentes, por exemplo, para não apanhar. Um funcionário que pratica a *madeira*, em geral, viola as regras da Unidade para agradar ao adolescente interno ou para tentar obter dele algum benefício. Trata-se de uma prática condenada pela direção das unidades. Não há registro dessa gíria em DH. RE e SG, por sua vez, a registram com acepções diferentes: “pequenos fragmentos de maconha” e “vagina”, respectivamente.

latrô *s.m.* Designação genérica atribuída no âmbito do grupo ao colchão de dormir. *Colocamos o <latrô> na bocuda pra ninguém ver nada* (L2INF04) [C1, C2, L1, L2, F1, F2] **SIN.** jega, pufe

Nota: DH e SG não contemplam essa gíria. Já RE a registra com a acepção de “latrocida”.

leva-e-traz *adj.* Diz-se de quem trai a confiança de outrem, age com deslealdade.

Ninguém perdoa os <leva-e-traz>. (F2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] SIN. crocodilo, fura-bolo, traíra VER. crocodilagem.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. Já SG e DH atribuem a ela a mesma acepção aqui registrada.

levar desacerto *fraseol.* Defrontar-se com situação desfavorável, ter azar. *Essa vez*

eu caí preso porque fui fazer um posto de gasolina, mas <leveí desacerto>. (C2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] VER. levar liga.

Nota: A gíria *levar desacerto* não figura nas obras de referência consultadas (DH, RE e SG).

levar liga *fraseol.* Defrontar-se com situação favorável, ter sorte. *Tem que <levar*

liga> pra não ser preso. (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] VER. desacerto, levar desacerto.

Nota: Essa gíria não está registrada nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

libertina *s.f.* Qualquer local onde se está livre; localidade fora de ambiente prisional.

Tô querendo pegar uma externa pra dar um pião na <libertina>. (C2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] VER. dar um pião.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

ligar *v.t.d. 1* Atrair a atenção de alguém, chamar uma pessoa para conversar. *Ô,*

condições de <ligar> o coordenador lá? (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]

SIN. colocar na linha, fazer a ponte. **2** conhecer alguém. *Quem que você <liga> lá da rua? (L1INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].*

Nota: A obra de RE não contempla essa gíria, enquanto SG e DH a registram com outras acepções.

ligeiro *adj.* Diz-se de quem é pouco confiável; interno que furta de outro. *Falar que é*

<ligeiro> é mio, <ligeiro> aqui é rato de mocó, tipo que roba dos irmãozinho. (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] SIN. rato VER. azul.

Nota: Não há registro dessa gíria nas obras de DH, RE e SG.

lingüiça *s.m.* Órgão sexual masculino; pênis. *Tava com a <lingüiça> de fora já.* (C2INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** badalo, boneco, carpano, gato, lingüiça.

Nota: RE não contempla essa gíria em sua obra. Já SG e DH a registram com essa mesma acepção.

luna *s.m.* Designação genérica atribuída a óculos. *Não tô vendo direito as letra, acho que preciso de uma <luna>.* (F1INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** lupa.

Nota: Não há registro dessa gíria em SG e em DH. RE, por sua vez, a define com essa mesma acepção.

lupa *s.m.* Designação genérica atribuída a óculos. *Ô educador, lança essa <lupa> pra mim passar pano.* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** luna **VER.** passar pano.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH. Já RE e SG atribuem-lhe essa mesma acepção.

madeira *s.f.* Favor prestado a alguém que não mereça ou que não deva ser favorecido. *Se o piá lança pecinha de origami pra outro é <madeira>.* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** lasca **VER.** madeirar, pagar madeira.

Nota: As unidades lexicais *lasca* e *madeira* geralmente são usadas por adolescentes (ou até por funcionários das Unidades) que temem, de alguma forma, ação de violência por parte do interno favorecido. Um interno que *madeira* para outro pode fazer favores variados e até dar presentes, por exemplo, para não apanhar. Um funcionário que pratica a *madeira*, em geral, viola as regras da Unidade para agradar ao adolescente interno ou para tentar obter dele algum benefício. Trata-se de uma prática condenada pela direção das Unidades. Não há registro dessa gíria em SG e em RE. Já DH atribui-lhe a acepção “bengala, bordão, cajado”.

madeirar *v.t.i.* Favorecer alguém que não mereça ou que não deva ser auxiliado. *Então. Vai <madeirar> pro maluco memo?* (L2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** pagar madeira **VER.** lasca, madeira.

Nota: A gíria *madeirar* não figura nas obras de DH, RE e SG.

magrão *s.m.* **1** Qualquer pessoa, do sexo masculino, envolvida com o mundo do crime. **SIN.** Ladrão, pinha. **2** Designação genérica para nomear a pessoa do sexo masculino; indivíduo, sujeito. *Aê <magrão>, vai ficar na corda do baguio?* (C2INF03) [C2] **SIN.** maluco, piá, pinha.

Nota: Essa gíria não aparece registrada nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

mais além *loc. adv.* Em um momento posterior, mais tarde, depois. *<Mais além> eu envio o baguio, agora tô cambucando.* (F1INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** fazer uma média.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras de referência consultadas (DH, RE e SG).

maluco *s.m.* Designação genérica atribuída pelo grupo a pessoa do sexo masculino; indivíduo, sujeito. *Ô <maluco>, chama minha técnica que eu quero bolar idéia com ela.* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** magrão, piá, pinha.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH e em SG, enquanto RE a registra com a mesma acepção.

mananciosa *s.f.* Sistema de busca realizada de forma individual com cada interno, deixando-o nu, a fim de localizar objetos proibidos escondidos junto ao corpo da pessoa revistada. *Quando é <mananciosa> é embaçado, tem que ficar pelado na frente dos educador.* (L2INF03) [L1, L2] **SIN.** geral, girica. **VER.** estrutural.

Nota: A gíria *mananciosa* resulta da adaptação fonética de *minuciosa*, jargão utilizado por funcionários para denominar o tipo de busca em que a pessoa a ser revistada deve retirar sua roupa e realizar alguns procedimentos (tais como agachamentos) para a verificação mais segura de que não se está escondendo nada. Esse procedimento é comumente adotado com as pessoas que adentram às unidades para visitar internos, e com os próprios internos quando retornam de visitas ou de atividades externas. Não há registro dessa gíria em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

mancada *s.f.* Desvio do comportamento considerado correto pelo grupo; erro; falha. *Tem uns mano aí que chega e dá mio toda hora, tipo não pede licença pro*

gáis, dá nome nos irmãozinho, campana visita dos outro, só <mancada>. (F2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] SIN. mio, peido. VER. mancoso, sem mancada.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE e DH. Já SG a define com essa mesma acepção.

mancoso *adj.* Diz-se do interno que tem atitude ou comportamento errôneo sob o ponto de vista do grupo; que erra, falha, com freqüência. <Mancoso> é o *maluco que dá muita mancada, tipo, miaral da ala. (C1INF02) [L1, L2, C1, C2] SIN. dismaiado, miaral, peidorreiro. VER. mancada, peido, milho.*

Nota: Não há registro dessa gíria em DH e SG. RE atribui-lhe essa mesma acepção.

mandar um salve *fraseol.* Enviar saudação para alguém, cumprimentar. *Condições de <mandar um salve> pro Rodriguinho lá? (C2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] VER. dar um salve.*

Nota: Essa gíria não consta da nomenclatura nas obras de referência consultadas (DH, RE e SG).

manta *s.f.* Designação genérica usada para nomear o cobertor de cama. *Se o piá faz função às veiz eles deixa ele sem <manta> e sem pufe. (C2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] VER. latrô, pufe.*

Nota: Essa gíria não aparece em RE e SG. DH a registra com a mesma acepção.

máquina *s.m.* Nomeação genérica usada para designar a arma de fogo; revólver; pistola. *O maluco tava com uma <máquina> ponto quarenta, tá ligado? (F2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] SIN. calibre, cano, canhão, draga, ferro, ferramenta, máquina. VER. oitão, quadrada.*

Nota: DH, SG e RE registram a gíria *máquina* com essa mesma acepção.

maquinado *adj.* Quem está munido de arma; armado. *Você andava <maquinado> na rua? (L1INF09) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] SIN. Trepado. VER. descalço.*

Nota: A gíria *maquinado* não figura nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

mariguana *s.f.* Tipo de cigarro feito de maconha. **<Mariguana>** *é igual beque, friz, tipo maconha.* (C1INF07) **SIN.** baseado, breu, cigarro preto, fino, friz, mariguana, verde. **2** Designação genérica usada para nomear a maconha preparada em tabletes ou triturada em fragmentos para ser usada na forma de cigarro [C1, L1, L2] **VER.** dar um tapa.

Nota: RE e SG não mencionam essa gíria. Já DH registra “marijuana” com essas mesmas acepções.

marretão *s.m.* Tipo de agressão física que consiste em socar a cabeça do outro de cima para baixo. **<Marretão>** *é um soco na pinha dos maluco que dá muito mio.* (L1INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** dar gesto.

Nota: Não consta o registro dessa gíria nas obras de referência de DH, RE e SG.

marrococ *s.m.* Designação genérica atribuída aos diversos tipos de pães. *Ontem lançaro um <marrococ>, de vez em quando eles lançam dois.* (F2INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** Alimento, gulosema, lançar, pão.

Nota: A gíria *marrococ* eventualmente é usada também para nomear outros alimentos similares preparados à base de massa como bolos e biscoitos. A unidade lexical *pão* não é utilizada, porque, na gíria do grupo pode nomear as *nádegas*. Não há registro dessa gíria em DH. SG e RE, por sua vez, a registram com essa mesma acepção.

mascão *adj.* Quem tem ou demonstra medo, falta de coragem; intimidado, medroso. *Os educador novo é tudo <mascão>.* (L2INF03) [C1, C2, F1, L1, L2] **SIN.** franga.

Nota: Essa gíria não figura nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

mascar *v.i.* Sentir ou demonstrar medo; temer, recear. *Tem uns que fala um monte, paga de grade e depois que tá perto <masca>, desbaratina.* (L1INF02) [C1, C2, F1, L1, L2] **VER.** pagar de grade.

Nota: Não há registro da gíria *mascar* nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

máxima *s.f.* Sobra de comida ou de bebida em grande quantidade; *Alguém vai na <máxima> da tamarana?* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** meiotá, mínima, tamarana.

Nota: DH, RE e SG não registram essa gíria.

medir a febre *fraseol.* Duvidar da concretização de algum tipo de ameaça previamente anunciada. *Eu não vou <medir a febre> e ver se o mano vai cumprir o que falou.* (F2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Essa gíria não aparece em DH e em RE. Já SG registra “medir a temperatura”, na acepção de “masturbar a mulher”.

meia-lua *s.f.* Nomeação genérica utilizada para nomear a fruta *banana*. *Se ninguém vai se alimentar da <meia-lua>, lança na minha.* (L2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Na gíria do grupo *meia-lua* designa essa fruta, já que a gíria *banana* configura-se como um tabu entre os internos por nomear o pênis. Não há registro dessa gíria em RE. Já SG e DH a definem como “rasteira, golpe de capoeira”.

meiotá *s.f.* Sobra de comida; *Sobrou uma <meiotá> da tatá.* (L1INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** máxima, mínima, tamarana.

Nota: SG e DH registram essa gíria apenas na acepção de “meia garrafa de cachaça”. RE não a inclui em sua obra.

miaral *adj.* Diz-se do interno que tem atitude ou comportamento errôneo sob o ponto de vista do grupo; que erra, falha, com freqüência. *O maluco que dá mio, tipo dá mancada é <miaral>, tá ligado?* (C1INF01) [L1, L2, C1, C2, F1, F2] **SIN.** Dismaiado, mancoso, peidorreiro. **VAR.** Milharal **VER.** Mancada, peido, milho.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

mio *s.m.* Desvio de comportamento considerado correto pelo grupo; erro; falha. *É <mio> grave ficar campanando visita dos outros* (L1INF05) [C1, F1, F2, L1, L2] **SIN.** mancada, peido. **VAR.** milho. **VER.** dar milho, miaral, peidorreiro. **2** Palavras ou expressões gírias condenadas pelos demais membros do grupo (tabuísmos). *Tem cara que fala uns <mio> que sabe que não pode falar, mais*

fala mesmo assim. (L1INF06) [C1, F1, F2, L1, L2] **SIN.** peido. **VAR.** milho **VER.** dar milho, miaral, peidorreiro.

Nota: SG e DH registram essa gíria, mas com acepções diferentes. Já RE não a contempla em seu Glossário.

mina *s.f.* Nomeação genérica atribuída à namorada. *Vou mandar um catatau pra minha <mina> na visita.* (L2INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** guerreira.

Nota: RE, SG e DH registram essa gíria com essa mesma acepção.

minazorde *s.m.* Diz-se do homem afeminado ou homossexual. *<Minazorde> é igual viado, gayzão, tá ligado?* (L1INF05) [L1] **SIN.** baitola, bicha, piá.

Nota: O substantivo *minazorde* foi informado por apenas um adolescente [L1INF05], constituindo um *hapax legómenon*. Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

mínima *s.f.* Sobra de comida ou bebida em pouca quantidade; *Ae, vai na <mínima> do porvinha?* (L2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** máxima, meiotá, tamarana.

Nota: As três obras de referência consultadas (DH, RE e SG) não registram essa gíria.

moca *s.f.* Refeição leve, geralmente composta por leite ou chá mate e pão, servida entre as refeições principais (almoço e jantar); café-da-manhã, café-da-tarde. *Tem dia que nem me alimento do <moca> de noite.* (C2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** alimento, marrocos.

Nota: RE registra *moca* com essa mesma acepção. Já SG e DH a registram com outras acepções diferentes. Em DH consta ainda outra acepção que sugere uma possível origem para a gíria: “³moca: variedade de café fino originária da Arábia / *p.ext.* bebida feita com esse café”.

mocar *v.t.d.* Colocar um objeto em algum lugar, de modo a ocultá-lo de outrem; esconder, ocultar. *Quando tem algum bagulho diferente tem que <mocar> bem pros educador não achar na estrutural.* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** mocoçar **VER.** estrutural.

Nota: Não aparece essa gíria em RE e em SG. DH, por sua vez, a registra com a acepção: “agir de forma desonesta e falsa com (alguém); iludir, enganar, trair”.

mocorongo *adj.* Diz-se de quem é ingênuo, tolo, abobado. *Você é muito <mocorongo>, piá.* (L1INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** dismaiado, mongo, moscão, panguão.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. SG e DH, por sua vez, a registram com acepções diferentes.

mocozar *v.t.d.* Colocar algo em algum lugar de modo que possa ficar oculto; esconder, ocultar. *Tem costume de cortar as muié de revista e <mocozar> no pufe.* (L2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** mocar **VER.** estrutural.

Nota: RE e SG registram *mocozar* com essa mesma acepção. DH registra a variante “mocozear” com essa mesma acepção.

moeda *s.f.* Qualquer montante de dinheiro. *Tenho uma <moeda> ae pra receber na hora que eu sair daqui.* (L2INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** barão, galão, perna, onça, quina.

Nota: SG e RE não contemplam essa gíria. Já DH a registra com essa mesma acepção.

mongo *adj.* Diz-se de quem é ingênuo, tolo, abobado. *Você é um <mongo>, fica aí comendo abeia toda hora.* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** dismaiado, mocorongo, moscão, panguão **VAR.** mongão.

Nota: Não aparece essa gíria em DH e em RE. SG, por seu turno, a registra com essa mesma acepção.

morgado *adj.* Quem se cansou; afadigado, fatigado, cansado. *Queria até entrar pro xis, tava <morgado>.* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** à pampa, de boa.

Nota: SG e RE registram a gíria *morgado* com essa mesma acepção. Enquanto RE não a inclui em sua obra.

moscão *adj.* 1 Diz-se de quem é ingênuo, tolo, abobado. *Pára de ser <moscão>, maluco!* (C1INF07) [C1, C2] **SIN.** dismaiado, mococongo, mungo, panguão.

Nota: RE e SG não contemplaram essa gíria. Já DH a registra com essa mesma acepção.

mula *s.f.* Brincadeira de qualquer natureza realizada por meio de atos ou palavras. *Ô, piá, é <mula> isso aí! Só tô tirando pira.* (L2INF06) [L1, L2, C1, F2] **VER.** mular, tirar pira.

Nota: SG, RE e DH registram essa gíria com acepções diferentes.

mular *v.i.* Realizar brincadeira; brincar; zombar; debochar; tirar sarro. *Tem uns maluco aí que é fácil <mular>. Principalmente os mais tongo.* (L1INF02) [L1, L2, C1, F2] **SIN.** tirar pira.

Nota: Não há registro dessa gíria nas obras de referência de DH, RE e SG.

na corda *loc. adv.* Sem generosidade; com mesquinhez. *Tipo quando não quer emprestar nada, aí fala que tá na encolha, <na corda> dos baguio.* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** na encolha. **VER.** corda.

Nota: Não há a presença da gíria em DH e em RE. Já SG registra “na corda bamba”, com acepção diferente.

na encolha *loc. adv.* Sem generosidade; com mesquinhez. *Tipo quando não quer emprestar nada, aí fala que tá <na encolha>, na corda dos baguio.* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** na corda. **VAR.** na incôia **VER.** corda.

Nota: Não aparece essa gíria em DH. SG a define com acepção diferente. RE já registra o verbete “encolhido” com a mesma acepção que figura neste vocabulário.

na neura *loc. adj.* Quem está nervoso ou zangado com alguém; *Fico <na neura> quando os outro fala que vai fazer os corre e deixa falando.* (C1INF05) **SIN.** atacado. [C2, L1, L2].

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

na pedra *loc. adv.* No chão; sem colchão. *Dormi uma vez <na pedra>, é embaçado, não dá nem pra tirar descanso.* (L1INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: DH, RE e SG não incluíram em suas respectivas obras essa lexia.

na segunda *loc. adv./loc. adj.* Com desconfiança; com receio. *Tem uns mano que você tem que ficar <na segunda> com eles, tudo traíra.* (F1INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Não há a presença dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

naifa *s.m.* Utensílio produzido de forma artesanal pelos próprios internos a partir de materiais diversos, como pedaços de madeira e de ferro, utilizado como arma branca; faca. *<Naifa> é igual estoque, mas pode ser faca normal também.* (F2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** peixeira, zinco **VER.** railander.

Nota: A gíria *naifa* não está incluída em SG e em RE. Já DH a registra com essa mesma acepção.

não entendeu *fraseol.* Incompreensão de algo. *<Não entendeu>! Fala a idéia de novo.* (F2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Essa expressão foi empregada apenas na terceira pessoa (o grupo não usa a forma *não entendi*). Não há registro da gíria nas obras consultadas (DH, RE e SG).

negar voz *fraseol.* Ato de não responder a algum chamado ou questionamento, mesmo tendo ouvido a mensagem. *Aê maluco, vai <negar voz>, mesmo? Tá tirando?* (C2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das obras de referência (DH, RE e SG).

no pente *loc. adj.* Que está pronto; concluído; terminado. *Minha técnica falou que o meu relatório já tá <no pente>, é só esperar mais uns dias que ela vai mandar já.* (F1INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Essa gíria não aparece em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

oitão *s.m.* Arma de fogo do tipo revólver cuja munição é de calibre 38. O **<oitão>** é o *canhão mais fácil de achar*. (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** calibre, cano, canhão, draga, ferro, ferramenta, máquina.

Nota: Não há presença de *oitão* em DH e RE. SG a registra com essa mesma acepção.

olho de tanderá *s.m.* Orifício anal; ânus. *Tem <olho de tanderá> também pra falar isso aí*. (C2INF03) [F2] **SIN.** boga, burca, chibiuzinho, quincas, oxinai. **VER.** jaca, janja.

Nota: A gíria *olho de tanderá* foi citada somente por um adolescente [F2INF04], configurando-se, pois, como um *hapax legómenon*. Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

onça *s.m.* Quantia de cinqüenta reais em dinheiro; cédula no valor de cinqüenta reais. *Ganhava duas <onça> por semana da minha vó*. (F1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** galo **VER.** barão, perna, moeda, quina.

Nota: Não há presença dessa gíria em RE. Enquanto DH e SG a registram acepções diferentes.

oxinai *s.m.* Orifício anal; ânus. *Seu <oxinai>, piá. Seu boga, por exemplo*. (L2INF07) [L1] **SIN.** boga, burca, chibiuzinho, quincas, olho de tanderá. **VER.** jaca, janja.

Nota: A gíria *oxinai* foi informada por apenas um adolescente [L2INF07], constituindo, dessa forma, um *hapax legómenon*. Ela não figura nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

P.H. *sigla* Papel higiênico. *Ô educador, favor de lançar outro <P.H.>, o meu já era*. (L1INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Não há registro da gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

pá *s.m.* Nome genérico usado para designar a colher (utensílio de mesa). *Quando se alimenta no xis, eles nem lança <pá> pra nós*. (L2INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** remo.

Nota: RE e SG registram *pá* nessa mesma acepção. Já DH não a inclui na nomenclatura do seu dicionário.

pagar *v.t.d.i.* Dar, servir, fornecer algo a alguém. *Tá na hora deles <pagar> o alimento pra nós já.* (L1INF04) **2** *v.i.* Olhar atentamente, observar, encarar. *Que você tá <pagando> aí maluco?* [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** campanar **VER.** pagar de grade, pagar veneno, pagar ducha.

Nota: Essa gíria não aparece nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

pagar de grade *fraseol.* Provocar algum interno que esteja trancado e com impossibilidade de reagir. *Aquele maluco fica <pagando de grade>, você vai ver quando eu trombar ele aí fora* (L1INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Essa gíria não consta da nomenclatura das obras de DH, RE e SG.

pagar ducha *fraseol.* Tomar banho, banhar-se. *Tem uns lambão aí que fica dois dia sem <pagar ducha>.* (C1INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** ducha.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

pagar madeira *fraseol.* **1** Favorecer alguém que não mereça ou não deva ser favorecido. *Tem uns maluco aí que <paga madeira> pros educador* (L1INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** madeirar **VER.** lasca, madeira.

Nota: Não há registro dessa lexia em DH e em SG. Já RE a define como “pagar propina”.

pagar veneno *fraseol.* Castigar; punir; humilhar; prejudicar. *Lá na ala C os educador só quer <pagar veneno>, não respeita a face do ladrão.* (L2INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** veneno.

Nota: Essa gíria não figura nas obras de DH, RE e SG.

paiero *s.m* Tipo de cigarro feito com fumo picado enrolado com palha de milho e/ou papel fino. *Podia pelo menos liberar um botinho ou um <paiero> pra nós fumá.* (L1INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** paiero **VER.** botinho.

Nota: Não registram essa gíria as três obras consultadas (DH, RE e SG).

panguão *adj.* Diz-se de quem é ingênuo, tolo, abobado. *Sai pinado, vaza, <panguão>!*. (C1INF07) [C1, C2] **SIN.** dismaiado, mocorongo, mongo, moscão.

Nota: A gíria *panguão* não figura nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

pano *s.m.* Peça ou conjunto de peças de vestuário; roupa(s). *Eles já tão demorando pra lançar uns <pano> novo pra nós.* (L2INF06). [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** coruja, gancha, passar pano.

Nota: DH não registra essa gíria. Já RE e SG a definem com essa mesma acepção.

pão *s.m.* Região glútea, nádegas. *Daqui dá pra ver que seu <pão> tá maciozinho.* (F1INF06) [C1, C2, L1, L2, F1, F2] **SIN.** cachorro, jaca, janja, polpa, rex.

Nota: A gíria *pão* não figura em RE. Já SG e DH a registram com acepções diferentes.

papagaio *s.m.* Equipamento de som; alto-falante; rádio. *Pede pro educador ligar o <papagaio>, sem mancada* (F2INF07) [C1, C2, L1, L2, F1, F2].

Nota: RE, SG e DH registram essa gíria com essa mesma acepção. Em DH essa acepção é marcada com *infrm. obsl.* (informal obsoleto).

passar pano *fraseol.* **1** Olhar; ver; observar. *Posso <passar pano> nesse bobo aí?* (L2INF03) **2** Argumentar em favor de outro; defender alguém. *Então, maluco. Você vai <passarpano> pra vacilão agora?* (L2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** pano.

Nota: Essa gíria não aparece em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

pedra *s.f.* Falta de cumprimento de alguma obrigação; dívida moral ou material. *Os mano tá ligado que se fazê coisa errada, tem sempre uns que cobra a <pedra> depois.* (C1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** na pedra.

Nota: SG registra *pedra* com acepções diferentes. RE a registra com essa mesma acepção, e DH não a inclui em sua obra.

pegar o beco *fraseol.* Deixar o local; sair. *O maluco vaza, <pega o beco>, dá um ar.* (C1INF03) [C1, C2, F2, L1, L2] **SIN.** dar um ar, pegar o bonde, pegar o vôo, vazar.

Nota: RE e DH não contemplam essa gíria. Já SG a registra com essa mesma acepção.

pegar o bonde *fraseol.* Deixar o local; sair. *Vô mandar aquele piá <pegar o bonde> da ala.* (L1INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** dar um ar, pegar o beco, pegar o vôo, vazar.

Nota: Não há a presença dessa gíria em RE e em DH. Já SG a registra com a seguinte acepção similar: “nos presídios, transferência de preso”.

pegar o vôo *fraseol.* Deixar o local; sair. *Vai, maluco, <pegar o vôo>.* (F2INF05) [C1, C2, F2, L1, L2] **SIN.** dar um ar, pegar o beco, pegar o bonde, vazar.

Nota: Essa gíria não aparece nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

peido *s.m.* Desvio de comportamento considerado correto pelo grupo; erro; falha. *Depende dos <peido>, o cara pode ficar jurado até. Daí não tem perdão.* (C2INF05) [C1, C2, L1, F2] **SIN.** mancada, milho. **VAR.** peidinho. **VER.** dar milho, miaral, peidorreiro. **2** Palavras ou expressões condenadas pelos demais membros do grupo (tabuísmos). *Tem sempre uns vacilão que sabe que não pode falar aquele <peido> mais fala mesmo assim.* (C2INF07) [C1, F1, F2, L1, L2] **SIN.** mio. **VAR.** peidinho, pidim **VER.** dismaiado, mancoso, miaral, peidorreiro.

Nota: Não há registro da gíria *peido* em RE e em DH. SG, por seu turno, a registra com a seguinte acepção: “no futebol, chute fraco”.

peidorreiro *adj.* Diz-se do interno que tem atitude ou comportamento errôneo sob o ponto de vista do grupo; que erra, que falha com frequência. *Sempre tem uns <peidorreiro> que dá peidinho toda hora no sistema.* (C2INF02) [L1, L2, C1, C2, F1, F2] **SIN.** dismaiado, mancoso, miaral. **VAR.** peidorreiro. **VER.** mancada, peido, milho.

Nota: As obras de referência consultadas (DH, RE e SG) não contemplam essa gíria.

peita *s.f.* Designação genérica utilizada para nomear a camiseta. *Em dia de visita não pode andar sem <peita>.* (F1INF02) [L1, L2, C1, F1, F2] **VER.** pano.

Nota: Essa gíria não aparece em DH. Já SG e RE a registram com essa mesma acepção.

peixeira *s.m.* Utensílio artesanal produzido pelos internos a partir de materiais diversos, como pedaços de madeira e de ferro, que é utilizado como arma branca; faca. *Eles fala estoque, <peixeira>, tudo o que faz parecido com faca.* (C1INF06) [C1] **SIN.** estoque, naifa, zinco. **VER.** railander.

Nota: A gíria *peixeira* foi registrada somente uma vez, pelo informante C1INF06, constituindo assim um *hapax legómenon*. Não há registro dessa gíria em SG e RE. DH a registra com acepção similar: “facão curto muito usado como arma”.

pelota *s.f.* **1** Nome genérico usado para designar a bola utilizada em diversos esportes (futebol, vôlei, basquete). *A <pelota> fica guardada com os educador ou com o professor.* **2** Jogo ou esporte praticado com bola. *Vô calçar o bute pra jogar <pelota>* (C1INF06) [C1] **SIN.** Couro. **VER.** Railander. [bute?]

Nota: Essa gíria não aparece em SG. Já DH e RE a registram apenas na acepção 1 registrada neste verbete.

pena *s.f.* Instrumento contendo tinta ou similar com que se pode escrever ou desenhar; caneta. *Lança a <pena> lá pra mim escrever um pipo.* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** bailarina. **VER.** grafite.

Nota: Não há registro dessa gíria em SG e RE. Já em DH é definida com acepção similar: “o aparato de escrita”.

perna *s.m.* Quantia de cem reais em dinheiro. *Depende, às veiz tirava uma, duas <perna> por dia, às veiz menos.* (F2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** barão, galo, moeda, onça, quina.

Nota: DH registra essa gíria com outra acepção. RE, por sua vez, a define com essa mesma acepção. Já em SG aparece com acepção similar: “nota de cem cruzeiros”.

pesar a cadeia *fraseol.* Sentir saudades; entristecer-se. *Tem dia que <pesa a cadeia>, tipo quando escuta um som, aí lembra da liberdade e pá, daí pesa.* (C1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: As obras de referência consultadas (DH, RE e SG) não contemplam essa gíria.

pesar(-se) *v.pron.* **1** Negar-se a emprestar algo; negar-se a atender pedidos ou a fazer favores. *Você é um corda, fica <se pesando> no bagueio.* (L2INF06) [C1, C2] **VER.** na encolha.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

piá *s.m.* **1** Qualquer adolescente do sexo masculino internado em unidades sócio-educativas ou envolvido com o mundo do crime. *Os <piá> que entra aqui tem que ficar azul no sistema pra não dá mio.* (L1INF08) [L1, L2, C1, F1, F2] **SIN.** magrão, pinha. **2** *Adj.* Diz-se do homem afeminado ou homossexual. *Aí tem maluco que parece <piá>, vai saber.* (C2INF06) [C2, F2]. **SIN.** baitola, minazorde, piá, viado.

Nota: DH e SG registram essa gíria com acepção diferente. Enquanto RE menciona apenas a acepção 2 deste verbete.

pilantra *adj.* Diz-se de quem tem comportamento ou atitudes não aceitos pelos internos. *O mano da ala C falou pra dar gesto nesse maluco aí porque é <pilantra>.* (L2INF05) [C1, C2] **SIN.** bolsa, desandado, pilantra, vacilão, verme.

Nota: DH e SG registram a gíria *pilantra* nessa mesma acepção. Já RE não a inclui em sua obra.

pinha *s.m.* **1** Nome genérico usado para designar qualquer pessoa do sexo masculino; indivíduo, sujeito. *No dia lá tinha eu mais uns cinco <pinha>.* (L2INF03) **SIN.** magrão, piá. **2** Designação genérica usada para nomear a cabeça humana. *Marretão é um soco na <pinha> dos maluco que dá muito mio.* (L1INF01) [C1, C2, F1, F2, L1] **SIN.** globo, purunga.

Nota: Os termos *globo* e *pinha* são utilizados para designar a *cabeça*, pois, no âmbito do grupo, *cabeça* é uma gíria utilizada para designar o *pênis*, constituindo-se assim um tabuísmo pelo grupo. Não há registro dessa gíria em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

pipó *s.m.* Designação genérica empregada para nomear a carta e/ou o bilhete. *Lança a pena lá pra mim escrever um <pipó>.* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** catatau **VER.** salve.

Nota: DH e SG definem essa gíria com acepções diferentes. Já RE registra “pipa” com essa mesma acepção.

pisante *s.m.* Calçado fechado ou aberto; chinelo; tênis; sapato. *O pisante que eles dão não dura uma semana.* (L2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** bute.

Nota: DH, RE e SG registram a gíria *pisante* com essa mesma acepção.

polpa *s.f.* Região glútea, nádegas. *Vô enfiar bem no mei das suas <polpa>.* (F2INF07) [C1, C2, L1, L2, F1, F2] **SIN.** cachorro, jaca, janja, pão, rex.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

porco *s.m.* Profissional que integra a corporação da polícia militar; policial. *Aí enche de <porco>, mais do choque.* (L2INF01) [C1, C2, L1, L2, F1, F2] **SIN.** cox-branca, gambé, porco.

Nota: DH e SG definem essa gíria com outras acepções, enquanto RE não a registra.

porva *s.m.* **1** Espécie de refresco em pó industrializado; suco. *De vez em quando vem <porva> com bolacha de tarde.* (F2INF02). [C1, C2, L1, L2, F1, F2] **VAR.** Porvinha, porvinho. **2** *s.f.* Droga de efeito entorpecente produzida a partir das folhas da coca; cocaína. *Tem uns mano que curte cheirar uma <porva>.* (C2INF08) **SIN.** coca, farinha, pó. **VER.** dar um tiro, dar um raio.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH e em SG. RE registra a variante “porvinho” apenas com a acepção 1 deste vocabulário.

praia *s.f.* Designação genérica atribuída ao chão do alojamento. *Quando o xis tá lotado sempre tem uns que tira descanso na <praia> mesmo.* (L1INF01) [C1, C2, L1, L2, F1, F2].

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. Já DH e SG registram essa gíria com acepções diferentes.

presa *s.f.* Objeto dado; presente; mimo. *Faz uma <presa> dessas pecinha aí?* (L1INF08). [C1, C2, L1, L2, F1, F2].

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

prestobarba *adj.* Designação genérica empregada para nomear a lâmina e/ou o aparelho de barbear. *Eles não deixa ficar com o <prestobarba> no xis.* (F2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]. **SIN.** gedois.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

pufe *s.m.* Designação genérica usada para nomear o colchão de dormir. *Tem costume de cortar as muié de revista e mocozar no <pufe>.* (L2INF05) **SIN.** jega, latrô [C1, C2, L1, L2, F1, F2].

Nota: As três obras consultadas não registram essa gíria.

purunga *s.f.* Designação genérica usada pelos adolescentes infratores para nomear a cabeça humana. *Não fala cabeça, é <purunga>.* (L2INF06) [L2] **SIN.** globo, pinha.

Nota: A gíria *purunga* foi citada por apenas um adolescente [L2INF06], o que lhe confere o estatuto de *hapax legómenon*. Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

quadrada *s.f.* Arma de fogo do tipo pistola. *Deu dois tiro de <quadrada> no segurança da loja.* (F2INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** calibre, cano, canhão, draga, ferro, ferramenta, máquina.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

quebrada *s.m.* Área urbana; bairro; vila; zona territorial. *De quem você é aliado lá na sua <quebrada>?* (F2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** aliado, banca.

Nota: Não há a presença dessa gíria em RE e SG. Já DH registra o verbete “quebrada” com acepção de “lugar distante”.

quebrar litro *fraseol.* Ato de verter urina; urinar; *Se pá, na hora da aula eles não deixa nós sair pra <quebrar litro>.*(C1INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** apavorar.

Nota: Não há registro da gíria *quebrar litro* nas obras consultadas (DH, RE e SG).

quina *s.f.* Montante de quinhentos reais em dinheiro. *Só acha trampo pra ganhar menos que uma <quina>.* (F1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** barão, galo, perna, moeda, onça.

Nota: RE registra *quina* nessa mesma acepção. Já em SG e DH há o registro da acepção “antiga nota de quinhentos cruzeiros, quinhentos mil réis”, em DH essa acepção é marcada como *infrm. obsl.* (informal obsoleto).

quincas *s.m.* Orifício anal; ânus. *Enfia no <quincas> isso ai, maluco!* (L2INF09) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** boga, burca, chibiuzinho, olho de tanderá, oxinai **VER.** janja.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE e em SG. DH, por sua vez, atribui-lhe outra acepção: “indivíduo casado com professora”.

rachar *v.t.i.* Ajudar alguém em alguma situação; fazer um favor. *O educador vai <rachar> com nós pra nós ir na quadra hoje.* (L2INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** dar uma força, fazer a frente.

Nota: SG e DH definem essa gíria com acepções diferentes. Já RE não a registra em sua obra.

railander *s.f.* Peça de madeira ou de ferro utilizado pelos detentos como arma branca. *<Railander> é um estoque grande, tipo uma espada.* (L2INF08) [C1, C2, L1, L2] **VER.** Estoque, naifa.

Nota: Essa gíria não aparece nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

rangar *v.i.* Tomar alimento; comer; nutrir-se. *Nóis <ranga> no xis, memo.* (L1INF06) [C1, C2, F1] **SIN.** alimentar, bater rango, cambucar. **VER.** alimento, larica.

Nota: SG e DH registram a gíria *rangar* com essa mesma acepção. Já RE não a inclui em seu glossário.

rato *adj.* Diz-se de quem é pouco confiável; interno que furta de outro. *Tem uns maluco aí que é tudo <rato>, doido pra arrochar os bagulho dos irmãozinho.* (L2INF02) [C1, F1, F2, L1, L2] **SIN.** ligeiro **VER.** azul.

Nota: RE registra o verbete “rato de xadrez” com essa mesma acepção. Já SG e DH ao mencionarem essa gíria a define com a mesma acepção aqui registrada.

remo *s.m.* Designação genérica empregada para nomear a colher (utensílio de mesa). *Eles conta os <remos> antes de enviar pra nós.* (F2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1] **SIN.** pá.

Nota: Não há presença dessa gíria em RE e em DH. SG, por sua vez, registra o verbete “remos” com acepção de “talheres”.

rex *s.m.* Designação genérica usada para nomear as nádegas. *<Rex> é nome de cachorro, então chama de <rex> pra chamar a janja dos outro.* (L2INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** cachorro, jaca, janja, pão, polpa, rex. **VER.** boga.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

rexona *s.m.* Nomeação gerérica utilizada para designar o produto cosmético usado para abrandar mal odor; desodorante. *Aqui eles só lança o <rexona> na hora de sair pra visita.* (L2INF07) [L1, L2] **SIN.** espiritique **VER.** cheiroso.

Nota: Essa gíria não aparece nas obras consultadas (DH, RE e SG).

sadia *s.f.* Alimento preparado à base de carne picada e/ou moída e temperada; salsicha; lingüiça. *Não vai se alimentar da <sadia>, lança!* (L1INF04) **SIN.** aurora, vina. **VER.** lingüiça.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

sagrada *s.f.* Compilação de textos religiosos; bíblia. *Tô de boa, Tô tirando uma leitura da <sagrada>.* (L1INF02).

Nota: Essa gíria não aparece nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

sair no cinco *fraseol.* Bater, brigar, enfrentar, combater. *Vô <sair no cinco> com aquele maluco.* (F2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** coceira **VER.** cinco, trem-bala, tropelo.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

sair pinado *fraseol.* Deixar o local; sair. <**Sai pinado**>, *vaza, panguão!* (C1INF07) [L1, L2, C1] **SIN.** dar um ar, pegar o beco, pegar o bonde, pegar o vôo, vazar.

Nota: DH, RE e SG não registram essa gíria.

seguro *s.m.* **1** Alojamento separado e com proteção diferenciada, destinado a abrigar adolescentes ameaçados de morte pelos demais. *Vai pro <seguro> seu bolsa!* **2** *adj.* Diz-se do interno que, por ser ameaçado pelos demais, fica em alojamento separado, com mais segurança. *Tem uns <seguro> aí que se não ficar azul leva trem-bala direto.* (C2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VAR.** *segurão.*

Nota: DH não abriga essa gíria. Já SG e RE registram apenas a acepção 1, apresentada neste vocabulário.

se pá *loc. adv.* Talvez; porventura. <**Se pá**>, *na hora da aula eles não deixa nós sair pra quebrar litro* (C1INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** dar um ar, pegar o beco, pegar o bonde, pegar o vôo, vazar.

Nota: Não há registro dessa gíria nas obras de referência consultadas (DH, RE e SG).

sem mancada *loc. adv.* Realmente; literalmente; de fato; sem brincadeira. *Pede pro educador ligar o papagaio, <sem mancada>.* (F2INF07)[C1, C2] **VER.** na encolha.

Nota: A gíria *sem mancada* é usada pelos internos para enfatizar que realmente o que está sendo dito não é brincadeira, com vistas a evitar ambigüidade de sentido. Às vezes, é usada como uma espécie de pedido de licença para dizer, a alguém estranho ao grupo, algum tabuísmo, na presença de outro integrante do grupo. Por exemplo, ao dizer a uma enfermeira algo do tipo: “tô com dor-de-cabeça”, geralmente acrescenta “sem mancada”. Não há registro dessa gíria em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

sistema *s.m.* 1 Designação genérica empregada para nomear o banheiro com ou sem chuveiro. *O piá tá apavorando o <sistema>, olha o churros!* (L1INF04) [C1, C2, F2, L1, L2] **SIN.** boi, celite. **VER.** apavorar, ducha. 2 Mundo do crime, sistema prisional. *Os piá que entra aqui tem que ficar azul no <sistema> pra não dá mio.* (L1INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2]

Nota: Essa gíria não aparece nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

sobre *s.m.* Iguaria (fruta ou doce) servida depois da refeição principal; sobremesa. *Tô de boa de se alimentar da <sobre>.* (L1INF03) [C1, C2, F2, F2, L1, L2].

Nota: Essa gíria não foi registrada nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

tamarana *s.f.* Recipiente descartável geralmente feito de alumínio ou de isopor, onde são servidos o almoço e o jantar; marmita; marmitex. *Tem dia que a <tamarana> vem de mil.* (L2INF08) [L1, L2] **SIN.** blindada, cambuca. **VAR.** tatá.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

tatu *s.m.* Buraco aberto por internos nos alojamentos para fins de tentativa de fuga. *Uma vez fizeram um <tatu> no xis, mas ninguém fugiu.* (L2INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: SG e DH registram essa gíria com outras acepções. Já RE registra a define com a mesma acepção aqui registrada.

tchau *interj.* Forma de discordar de alguém, de cortar brincadeiras ou piadas do tipo pegadinhas. **<Tchau!>** *Quê isso!* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** desconheço, fuja louco.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

tela *s.f.* Designação genérica utilizada para nomear o aparelho de televisão. *Depois da ducha nós curte uma <tela>.* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** zoiuda.

Nota: Não há registro dessa gíria em SG. Já RE e DH a definem com a mesma acepção registrada neste verbete.

teresa s.f. Tipo de corda improvisada confeccionada com materiais diversos, como roupas, fios. *Se os educador achar alguma <teresa> eles tira do xis* (C1INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** tia **VER.** viva.

Nota: DH, RE e SG registram a gíria *teresa* com a mesma acepção.

tia s.f. Espécie de corda improvisada feita de materiais diversos, como roupas, fios. *Tem condição de lançar a <tia> pra mim fazê uma ponte?* (C2INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** *teresa* **VER.** viva.

Nota: RE registra a gíria com essa mesma acepção. Já DH e SG a definem com outras acepções.

tirar v.t.d. **1** Ridicularizar; rir de alguém; caçoar; zoar. *Já falei pra fechar o cu aí, piá, tá me <tirando>?* (C2INF01) **2** v.t.d. Conseguir; obter. *Depende, às veiz <tirava> uma, duas perna por dia, às veiz menos.* (F2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Não há registro dessa gíria em SG e RE. Já DH a define com outras acepções.

tirar castelo fraseol. Masturbar-se. *Os piá fica vendo as mina na tela depois vai no boi <tirar castelo>.* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Essa gíria não aparece nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

tirar descanso fraseol. Deitar, dormir; descansar. *Quando o xis tá lotado sempre tem uns que <tira descanso> na praia mesmo.* (L1INF01) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** tirar sossego.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

tirar pira v.i. **1** Realizar brincadeira; brincar; zombar; debochar; tirar sarro. *Ô, piá, é mula isso aí! Só tô <tirando pira>.* (L2INF06) **SIN.** Mular. **2** Divertir-se com algo. *Tô só <tirando pira> com o baguio.* (C2INF02) [L1, L2, C1, C2, F1, F2].

Nota: A gíria *tirar pira* não aparece nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

tirar sossego *fraseol.* Deitar; dormir; descansar. *De domingo, se o maluco não tem visita, pode <tirar sossego> no xis.* (F2INF04) **SIN.** tirar descanso. [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras de referência (DH, RE e SG).

tirar uso *fraseol.* Usar por tempo determinado; emprestar. *Tem condições de <tirar uso> dessa bailarina?* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Essa gíria não consta nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

tirar visita *fraseol.* Receber visita. *Vou fazer a ativa na cara pra <tirar visita>.* (L2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

traíra *adj.* Diz-se de quem trai a confiança de outrem; quem age com deslealdade. *Tem uns mano que você tem que ficar na segunda com eles, tudo <traíra>.* (F1INF07) **SIN.** Crocodilo, fura-bolo, leva-e-traz. [C1, F1, F2, L1, L2].

Nota: RE e DH não mencionam essa gíria. Já SG a define com essa mesma acepção.

trem-bala *s.m.* Espécie de luta corporal envolvendo vários internos ao mesmo tempo. *Tem uns jack aí que se não ficar azul leva <trem-bala> direto* (C2INF04) [C1, C2] **SIN.** tropelo **VER.** cinco, coceira.

Nota: A gíria *trem-bala* não figura nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

trepado *adj.* **1** Quem está munido de arma; armado. *Na rua eu só andava <trepado>.* (F2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** maquinado. **VER.** descalço.

Nota: RE e DH não mencionam essa gíria. Já SG a define com essa mesma acepção

treta *s.f.* **1** Desentendimento entre duas pessoas; briga; rixa. *Aqui é bom não ter <treta> com ninguém da ala.* (C2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: DH registra essa gíria com acepção diferente. Já RE e SG a registram com a mesma acepção aqui apresentada.

trombar *v.i.* **1** Encontrar, deparar, dar de cara com alguém ou com alguma coisa. *Se eu <trombar> aquele maluco na rua o bagueio vai ficar loco.* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Essa gíria não figura nas três obras de referência (DH, RE e SG).

tropelo *s.m.* **1** Espécie de luta corporal envolvendo vários internos ao mesmo tempo. *Aquele mano do xis três é um dismaiado é a cara dá um <tropelo> nele!* (C2INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** tem-bala. **VER.** cachola, cara, cinco, coceira

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

uma mão *loc. adv.* **1** Certa vez; um dado momento *<Uma mão> fiquei chapado de tanto goró.* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

um-cinco-cinco *adj.* **1** Diz-se do interno que pratica furto. *Aqui cai um monte de <um-cinco-cinco>, mas não fica nem uma semana!* (F1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** cinco-cinco. **VER.** arrochar, B.O.

Nota: A gíria *um-cinco-cinco* faz referência ao artigo 155 do Código Penal brasileiro, relativo a crime de furto. Não há registro dessa gíria em nenhuma das obras consultadas (DH, RE e SG).

vacilão *adj.* **1** Diz-se do interno que tem comportamento ou atitudes não aceitos pelos demais membros do grupo. *Então, maluco. Você vai passar pano pra <vacilão> agora?* [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** bolsa, dismaiado, desandado, pilantra, verme.

Nota: DH e RE não registram essa gíria. Já SG a define com acepção de “bobo, delator”.

vazar *v.i.* **1** Deixar o local; sair. *O maluco <vaza>, pega o beco, dá um ar.* (C1INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** dar um ar, pegar o beco, pegar o bonde, pegar o vôo.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH e RE. SG, por seu turno, a define com a mesma acepção aqui apresentada.

veneno *s.m.* **1** Situação desagradável, difícil, complicada. *Embaçado é ficar lá no castigueiro. Lá é mó <veneno>.* (C1INF04) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** Pagar veneno.

Nota: Não há registro dessa gíria em RE. Já SG e DH a define com essa mesma acepção.

ventana *s.f.* **1** Designação genérica usada para nomear a janela ou similar; **2** Pequena grade fixada na parede destinada à circulação de ar nos alojamentos. *Aqui eles não deixa por nada na <ventana>* (L2INF06) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Não há registro dessa gíria em SG e RE. Já DH a define com essa mesma acepção.

verde *s.m.* **1** Tipo de cigarro feito de maconha. *<Verde>, baseado, beque é tudo igual* (F1INF04) [C1, C2, F1, F2, L2] **SIN.** Baseado, breu, beque, cigarro preto, fino, friz, mariguana. **VER.** chá.

Nota: SG e Re não contêm essa gíria. DH, por sua vez, a registra com outras acepções.

verme *adj.* **1** Diz-se de quem tem comportamento ou atitudes não aceitos pelos internos. *Os porco é tudo <verme>.* (C2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** bolsa, desandado, pilantra, vacilão.

Nota: Não há registro dessa gíria em SG e em RE. Já DH define *verme* como “indivíduo impotente, insignificante, abjeto, desprezível”.

verídico *s.m.* **1** Coisa, fato ou evento real; verdade. *Tem que levar idéia de boa, no <verídico>, senão pode complicar pro menor* (C2INF08) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** areia.

Nota: Não há registro dessa gíria nas três obras consultadas (DH, RE e SG).

vina *s.f.* 1 Tipo de alimento preparado à base de carne picada e/ou moída e temperada; salsicha; lingüiça. *De vez em quando a blindada vem só com <vina>!* (L2INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** aurora, sadia. **VER.** lingüiça.

Nota: Não há registro de *vina* em DH e em RE. Já SG a define apenas como “salsicha”.

virar a cadeia *fraseol.* 1 Planejar e executar uma ação com vistas a prejudicar alguém; conspirar contra alguém a fim de colocar os demais membros do grupo contra a vítima. *Tem uns educador tenta <virar a cadeia> dos menor.* (L1INF07) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** fazer casinha.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das três obras consultadas (DH, RE e SG).

viva *s.f.* 1 Trançado de papel higiênico utilizado por detentos para atear fogo, que se mantém queimando por um longo período. *<Viva> é um bagueio de P.H. que fica pegando fogo uns dia.* (L2INF03) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **VER.** brasa, teresa, tia.

Nota: Não há registro dessa gíria em nenhuma das obras de referência consultadas (DH, RE e SG).

vulgo *s.m.* 1 Denominação utilizada em substituição ao nome próprio de alguém; apelido; alcunha. *Ô maluco, qual é teu <vulgo>?* (L1INF02) [C1, C2, F1, F2, L1, L2].

Nota: Nenhuma das obras consultadas registra essa gíria (DH, RE e SG).

xis *s.m.* 1 Alojamento da unidade onde o adolescente está detido; cela. *Quando o <xis> tá lotado sempre tem uns que tira descanso na praia mesmo* (L1INF01). [C1, C2, F1, F2, L1, L2] **SIN.** barraco.

Nota: Não há registro dessa gíria em DH. Já RE registra a registra com essa mesma acepção, enquanto SG a registra com acepção diferente.

zincó *s.m.* 1 Utensílio artesanal produzido pelos internos a partir de materiais metálicos, que é utilizado como arma branca; *Só vi o <zincó> no gogó do instrutor* (L2INF08) [C1, C2, F2, L1, L2]. **SIN.** estoque **VER.** naifa, railander.

Nota: RE e SG não registram essa gíria. Já DH a define com essa mesma acepção.

zoiuda *s.f.* **1** Designação genérica utilizada para nomear o aparelho de televisão.

Fecha a cara aí, maluco. Tô quereno curtir a <zoiuda>. (L2INF05) [C1, C2, F1, F2, L1, L2] SIN. tela.

Nota: DH e SG não contemplam essa gíria em suas respectivas obras. Já RE, em seu Glossário, a define com a mesma acepção deste Vocabulário.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE DO VOCABULÁRIO: PERSPECTIVAS LINGÜÍSTICA E EXTRALINGÜÍSTICA

Neste Capítulo, analisamos alguns aspectos que caracterizam o Vocabulário estudado, focalizando fenômenos lingüísticos e extralingüísticos observados no *corpus* desta pesquisa.

1 RELAÇÃO ENTRE AS ESCOLHAS LEXICAIS E O GRUPO INVESTIGADO

Segundo Guérios (1956, p. 11), há duas definições para “tabu lingüístico”, uma própria e outra imprópria:

Propriamente, o tabu lingüístico é a proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural, para evitar infelicidade ou desgraça. Impropriamente, o tabu lingüístico é a proibição de dizer qualquer expressão imoral e grosseira. O primeiro é mágico-religioso ou de crença, e o segundo é moral ou de sentimento.

Com base na definição imprópria de tabu lingüístico apresentada, para este estudo, consideraremos tabus lingüísticos ou tabuísmos (a nosso ver ambos os termos são sinônimos) a palavra ou expressão que é preterida em detrimento de outra, por designar, no âmbito do grupo, algo com conotação sexual, xingamentos ou atos não aceitos socialmente.

Como já sinalizado anteriormente, o grupo social investigado exerce uma grande influência na vida de cada indivíduo nele inserido. A atitude individual é, em geral, moldada, de modo a adaptar-se às atitudes socialmente aceitas pelo grupo. Assim, as normas e as regras criadas pelo grupo devem ser conhecidas e seguidas à risca pelos seus membros, sob pena de o transgressor ser preterido, criticado, ridicularizado ou até gravemente hostilizado pelos demais. Algumas dessas normas dizem respeito a uma espécie de “moral” estabelecida pelo grupo,

como o respeito aos familiares (sobretudo à mãe), aos visitantes, aos internos que estão há mais tempo na unidade, às mulheres.

Nesse aspecto, alguns padrões também são estabelecidos de forma a identificar os que de fato são aceitos e reconhecidos como membros do grupo. Esses padrões podem se manifestar de diversas formas, mas a mais evidente, sem dúvida, é a linguagem que, além de estabelecer comunicação entre seus elementos, representa um importante fator de identidade e de coesão desse grupo.

Como já assinalado, é perceptível uma estreita relação entre as atitudes sociais vivenciadas pelo grupo investigado e a linguagem por ele utilizada, ou seja, é perceptível que as escolhas lexicais, no caso, a predileção pelo uso da gíria (e, em especial, de algumas gírias) não é algo gratuito, mas, de fato, demonstra a compreensão do valor que o uso adequado dessa variedade assume no interior do grupo.

Em razão disso, é possível perceber que essa variedade não serve apenas, pura e simplesmente, para a comunicação, mas também representa claramente uma manifestação de força social no âmbito do grupo. Isso fica evidenciado, sobretudo quando um novo adolescente, pela primeira vez, passa a ser interno das unidades. De acordo com relatos pessoais de alguns dos jovens entrevistados, fica claro que é muito importante, em um primeiro momento, o interno *novato* permanecer a maior parte do tempo em silêncio, apenas observando e, dessa maneira, aprendendo, como eles mesmos dizem, a *falar na gíria*, para só depois conversar, de maneira mais tranqüila, já utilizando adequadamente o vocabulário aprendido.

Essa orientação só vem confirmar o grau de importância da linguagem gíria dentro de uma Unidade que abriga adolescentes infratores e uma das principais razões dessa valorização se deve ao estabelecimento de regras e de tabus lingüísticos por seus membros que, se não forem respeitados por qualquer razão, poderão gerar sanções, que podem variar, desde uma simples gozação ou ironia, até agressões físicas e rixas sérias.

Para ilustrar o exposto, os verbetes destacados a seguir são bastante representativos: *areieiro*, *alimento (alimentar)*, *azul*, *bandido*, *crocodilo*, *fura-bolo*, *ducha*, *gancha*, *fazer uma média*, *gogó*, *ladrão*, *leva-e-traz*, *marrocos*, *meia-lua*, *milho (peido)*, *pinha*, *sem mancada*, *traíra*, *vina*, entre outros.

A maioria dos tabus lingüísticos percebidos tem conotação sexual, mesmo que, à primeira vista, possam parecer inocentes. Isso pode ser notado especialmente no campo semântico da alimentação, que reúne gírias como *alimento* (*alimentar*), *marrocos*, *meia-lua* e *vina*. As gírias *alimento* e *alimentar* são muito produtivas no ambiente das Unidades socioeducativas, especialmente em razão do respeito que se deve ter pelas refeições e pelos momentos em que são realizadas.

Por exemplo, é muito comum, durante uma refeição (almoço, jantar), os adolescentes esperarem os outros terminarem para só então se levantarem e, antes de fazerem isso, falarem “licença do alimento”. Outra situação em que fica evidente o respeito pelo momento das refeições é quando a refeição é feita nos alojamentos, em alas de dez ou mais alojamentos, situados lado a lado. Ninguém deve escovar os dentes, usar o banheiro ou falar qualquer gíria de conotação sexual ou relacionada a necessidades fisiológicas, antes de se certificar que todos tenham terminado suas refeições. Isso é verificado geralmente com a seguinte pergunta “tem alguém no alimento na ala?” e, as respostas provavelmente serão: “xis um não, xis dois não”. Nesse momento, quem formulou a pergunta pode dizer: “então licença pro boi”, o que significa que ele vai usar o banheiro; ou “licença pra dentária”, que indica que o adolescente irá escovar os dentes. Caso o indivíduo opte, por exemplo, por usar o banheiro sem efetuar esses procedimentos, esse ato poderá ser interpretado como um grande desrespeito para com os demais, incorrendo em algum tipo de sanção que é aplicada posteriormente.

No caso de gírias como *marrocos*, *meia-lua* e *vina*, os seus referentes (*pão*, *banana* e *salsicha/lingüiça*) são sempre relacionados a outros carregados de tabu (*pão=nádegas*, *banana/salsicha/lingüiça=pênis*), por esse motivo, o uso dessas gírias pode gerar situações constrangedoras, como uma presenciada certa vez por este pesquisador: quando um interno, recém-chegado à unidade de Londrina (CENSE 2), sem conhecer bem a linguagem gíria do grupo, disse aos demais que o remédio que acabara de consumir estava com gosto de banana. Prontamente, os demais, percebendo o sentido dúbio causado pelo uso da palavra *banana*, não o perdoaram e começaram a ridicularizá-lo.

Há outras gírias que também são utilizadas para substituir um termo da língua comum, considerado *tabuísmo* pelo grupo: *fazer uma média* (*esperar*), *ducha* (*banho*), *gancha* (*calça*), *gogó* (*pescoço*), *pinha* (*cabeça*). A locução *fazer média*, assim como *ducha* e *gancha* são utilizadas para substituir termos da língua

comum, pois, na óptica do grupo, *esperar*, *banho* e *calça* são *palavras femininas*, ou seja, só mulheres devem utilizá-las. O uso dessas gírias, além de evitar ambigüidade, tem um caráter de auto-afirmação da masculinidade do membro do grupo que a utiliza. Já *gogó* e *pinha* são usadas porque os itens lexicais *pescoço* e *cabeça*, internamente, possuem conotação sexual, daí serem considerados sinônimos de *pênis*.

Quando algum interno viola as regras do grupo, como por exemplo, não usando as palavras *apropriadas*, esse ato é considerado *milho (mio)* ou *peido*, que devem ser cobrados negativamente, e aqueles que cometem o erro são os chamados de *miaral* ou de *peidorreiro*.

Outro aspecto observado pelo uso *inadequado* da gíria é o caso dos adjetivos *areieiro*, *azul*, *bandido*, *ladrão* e *traíra*. Na maioria das unidades é proibido chamar um interno de *mentiroso*, por esse adjetivo ser considerado altamente ofensivo, no interior do grupo. Por essa razão, é usado o adjetivo gírio *areieiro*, considerado mais brando, em termos de ofensa. Outro exemplo é o das gírias *bandido* e *ladrão*. Na língua comum, essas unidades lexicais podem até ser consideradas sinônimas em alguns contextos, mas para os infratores têm valor semântico completamente opostos. *Bandido* nomeia aquela pessoa que gosta de se impor e se expor, ou seja, aquele que não tem humildade. Por isso, chamar alguém de *bandido* se configura como uma grave ofensa. Já o adjetivo *ladrão* tem valor inverso. O *ladrão* nomeia qualquer indivíduo ligado ao mundo do crime, por isso uma pessoa bem-vista e valorizada entre os demais; assim, *ladrão* tem caráter valorativo, daí ser considerado uma forma de elogio.

Já a origem da lexia *azul* (esperto) evidencia um aspecto interessante: ela foi criada para substituir outra gíria que já tinha tido o seu significado modificado. A gíria *ligeiro* que antes designava uma pessoa esperta, sagaz teve seu sentido alterado para designar uma pessoa que tem costume de furtar de amigos. Portanto, houve a necessidade de se criar outra gíria que se apoderasse do sentido original de *ligeiro*, daí o surgimento da gíria *azul*, para preencher essa lacuna.

Destacamos, ainda, as gírias *traíra* e *crocodilo*. Na maioria das Unidades, essas gírias têm o mesmo valor semântico e são utilizadas normalmente para designar a pessoa que não é digna de confiança. No entanto, na Unidade CENSE-2 de Curitiba (São Francisco), os internos estabeleceram uma regra que não

se pode usar nomes de animais para se referir aos internos. Portanto, para se cumprir essa norma, surgem as gírias *fura-bolo* e *leva-e-traz*.

Finalmente, uma gíria muito utilizada pelos internos é a *sem mancada*. Essa expressão é usada principalmente para dizer ao outro que aquilo que se diz é no sentido literal, ou seja, sem duplo sentido ou em caráter de brincadeira. Por exemplo, em sala de aula, um interno pode falar para um professor que há um pedaço de papel em seu cabelo dizendo: “ô professor, tem um papelzinho na sua *cabeça*, sem mancada”. Mesmo que *cabeça*, na linguagem gíria, nomeie outro referente, por ter sido usada com a expressão *sem mancada*, provocará reações negativas frente ao grupo.

A seguir, apenas a título de exemplificação, destacamos uma espécie de carta²⁹ enviada a um adolescente recém-chegado à unidade CENSE 2 - São Francisco, de Curitiba, por outros adolescentes nela internados. Essa carta contém várias informações sobre a linguagem e sobre as regras que vigoram entre os internos daquela Unidade.

OS PEIDOS QUE NÃO PODE FALAR PROS OUTROS

1º JAGUARA - PILANTRA - SENUERAGUNHA - SAFADO - BOBIA
 RATO - COBRATECO - DILO - TRAIPIA - CAGUETA - FILHO
 DA XUXA - VERME - BANDIDO - CAIMINOSO - MALANDRO -
 PUTA - FIO - COITADO - DO - MEDROZO - MIO - MIARAU -
 POLENTA - CADELA - NINJA - LIGERO - ESPERTO - MENTIROSO -
 NÃO ENVOUVE FAMILIARES - GUARDA SANGUE BOM

TRADUÇÃO DOS PEIDOS

2º CAGUETA É FUIR BOLO
 RATO É CHAROPINHO
 LIGERO É AZUL
 PINHA QUE NÃO PAGA OUCHA É FICA TABELADO É
 T. B. S. A.
 SE NÃO SOUBER ALGO, PERGUNTE PARA UM MAIS
 VELHO.

3º NÃO DEBATER COM MAIS VELHO.
 NÃO IR PRA VISITA OU PRA FORÇA COM PANOS
 RASGADOS, SEM COBUJA OU SEM CAMIZA,
 NÃO COBAR NO PATIO, NEM NA SALA DE AULA
 NÃO ENCOCHAR - NEM BEIJAR NA BOCA OU PAGAR
 A MÃO NA JAWJA DOS OUTROS
 MEDROSO OU SUSTO É MASQUEI
 NÃO FECHAR BOCUDA
 NÃO FALAR QUE O OUTRO TA DANDO PEZINHO É PEIDANDO
 NÃO PAGAR DE OLHAR
 NÃO DAR NOME DE ANIMAU NOS OUTROS
 OS OUTROS PEIDOS VZÊS FICÃO SABENDO DO OUTRO
 DIA.
 AI SEMPRE DAR ~~UM~~ UMA FORÇA PRA OUTRO.
 FICA NA FE' VADRÃO

Ilustração 1 – Carta de um interno do CENSE 2 - Curitiba, que fornece orientações sobre o uso de gíria e acerca de algumas normas internas do grupo.

Essa carta confirma a seriedade com que é tratado o fenômeno da gíria, no caso, os *peidos* (Cf. Vocabulário) que representam normas a serem seguidas pelos internos. Segundo os funcionários da Unidade, é bastante

comumesse tipo de comunicação ser enviada pelos adolescentes mais antigos aos recém-chegados à Unidade.

2 PROCESSOS DE FORMAÇÃO LEXICAL NO VOCABULÁRIO DA GÍRIA DE ADOLESCENTES INFRATORES DO PARANÁ

2.1 PROCESSOS DE CRIAÇÃO LEXICAL

Como antes registrado, a linguagem gíria não se configura como uma nova língua, nem tampouco uma variedade independente. Ao contrário, é uma forma parasitária da língua em que está inserida, assimilando e modificando constantemente aspectos dessa língua-base. Em razão disso, é compreensível que os processos de formação das gírias sejam os mesmos da sua língua-base.

Na Língua Portuguesa, há dois processos principais de formação de palavras: a *derivação* e a *composição*³⁰. Há derivação quando, a partir de uma palavra primitiva, são obtidas novas palavras (chamadas derivadas), por meio do acréscimo de afixos - prefixos e sufixos (*incompetente*). A derivação pode ocorrer também a partir da supressão de morfemas (*venda*) ou pela troca da classe gramatical (um *absurdo*), mas nunca pelo acréscimo de radicais. Conforme Basílio (1987, p. 27), “os afixos apresentam funções sintático-semânticas definidas: essas funções delimitam os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação”. Assim, conclui a autora que afixos de caráter mais geral e comum (como prefixos de negação, por exemplo) são mais produtivos em detrimento de sufixos como *-udo*, formador de adjetivos a partir de substantivos, que possuem produtividade restrita (*abelhudo*).

Já a composição ocorre quando palavras são formadas pela junção de pelo menos dois radicais, fator que diferencia esse processo do da derivação. As palavras resultantes do processo de composição são chamadas palavras *compostas*, em oposição àquelas em que há um único radical, chamadas *simples*.

As definições da maioria dos processos de formação de palavras aqui elencados foram baseadas na Gramática da Língua Portuguesa, de Celso Cunha (1982).

Basílio (1987, p. 29) pondera que “o que caracteriza e define a função do processo de composição é a sua estrutura, de tal maneira que, das bases que se juntam para formar uma palavra, cada uma tem o seu papel definido pela estrutura”. Assim, a autora entende que, em compostos tipo *substantivo+substantivo*, o primeiro funciona como *núcleo* e o segundo como *modificador* ou *especificador*, como em *sofá-cama*, *peixe-espada*, *couve-flor*, demonstrando, assim, que a composição é um processo de formação de palavras que se utiliza de estruturas sintáticas para fins lexicais.

Embora esses sejam os principais processos de formação de palavras na Língua Portuguesa, há também outros mecanismos que geram novas unidades lexicais, como por exemplo, a *abreviação vocabular*, a *siglominização*, a *palavra-valise* e a *onomatopéia*.

A *abreviação vocabular* consiste na supressão de um segmento de uma palavra, a fim de se obter uma forma mais reduzida. Esse processo também é chamado de deformação do significante. Ocorre, portanto, nesse processo, uma verdadeira truncação, obtendo-se uma nova palavra, cujo significado é o mesmo da palavra original. Basílio (1987, p. 37) salienta que “a parte suprimida é, muitas vezes, imprevisível; e palavra formada é sinônima da derivante, apenas sendo usada, a mais das vezes, num estilo mais coloquial”. Eis alguns exemplos desse processo: *Sampa* (redução de São Paulo), *boteco* (redução de botequim), *delega* (redução de delegado).

A *siglominização*, por sua vez, refere-se ao processo que formação de siglas, ou seja, a combinação das letras iniciais de uma seqüência de palavras que constitui um nome próprio. Um fato que chama a atenção nesse processo, conforme Sandmann (1992, p. 54), é a diferença de pronúncia em siglas como DCE (Diretório Central dos Estudantes), que é pronunciada *dê-cê-é*, enquanto pR UPE (União Paranaense dos Estudantes) é dito *upe*, paroxítona. No primeiro caso, a pronúncia obedece à soletração dos fonemas iniciais, enquanto no segundo a sigla acaba por formar duas sílabas. Uma vez criada e vulgarizada, a sigla passa a ser sentida como uma palavra primitiva, capaz, portanto, de formar derivados: *peemedebista*, *petista* (CUNHA, 1982, p. 131).

Já a *palavra-valise* resulta da junção de duas palavras, uma das quais, pelo menos, sofrendo truncação. “Assim, da fusão das bases substantivas *brasileiro* e *paraguaio* resulta o neologismo substancial *brasiguai* [...]” (ALVES, 2004, p. 70). E, por fim, há a *onomatopéia*, processo que consiste na formação de

palavras a partir da imitação dos sons e ruídos, como em *tique-taque*, *zás-trás*, *zunzunzum*.

Esses processos de criação lexical elencados são basicamente morfológicos, pois lidam com a forma das palavras. Há também outros mecanismos de enriquecimento vocabular da língua que envolvem outros processos de natureza semântica, como o *neologismo semântico*, os *neologismos por empréstimo* e *estrangeirismos*. Alves (2004, p. 73) considera *estrangeirismo* quando há um termo estrangeiro, empregado em outro sistema lingüístico, que é sentido como externo ao vernáculo dessa língua, “ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma”. Já o *neologismo por empréstimo* ocorre quando o item léxico estrangeiro “está se integrando à língua receptora. Integração esta que pode manifestar-se através da adaptação gráfica, morfológica ou semântica” (ALVES, 2004, p. 77).

Na seqüência, discutimos exemplos dos processos de formação vocabular identificados no Vocabulário dos adolescentes infratores aqui estudado.

2.1.1 Derivação

No Vocabulário apresentado há várias gírias formadas por meio de acréscimo de sufixos a uma palavra base. Seguem alguns exemplos:

Arrochar, bolar idéia, caetanar, cambucar, cameliar, campanar, madeirar, mocar, mocozar, rangar, aliado, atacado, baseado, blindada, chapado, desandado, dismaiado, embaçado, mancada, maquinado, morgado, quadrada, quebrada, sagrada, trepado, areieiro, castigueiro, coceira, guerreira, ligeiro, paiero, peidorreiro, peixeira, cabuloso, cheroso, mancoso, botinho, chibiuzinho, fazer casinha, canhão, firmão, fundão, intrusão, jurão, lambão, magrão, marretão, mascão, moscão, oitão, pangüão, vacilão, espumante, pisante, bocuda, zoiuda, gerica, larica. crocodilagem, carreta, milharal, estrutural.

Esses exemplos ilustram o uso de sufixos formadores de vários tipos de palavras: substantivos, adjetivos, verbos. Há também a presença de sufixos formadores de aumentativo e de diminutivo. Alguns aspectos merecem destaque: na formação de verbos, só foi verificada a ocorrência do sufixo -ar, demonstrando a predileção pela primeira conjugação. Verificamos que os sufixos formadores de

adjetivo (-ado, -ada, -oso, -udo, -uda) foram os mais produtivos do *corpus*, seguidos pelos sufixos formadores de aumentativo. Esses últimos merecem destaque, pois, no universo pesquisado, geralmente formam palavras com valor adjetivo e possuem carga semântica pejorativa.

2.1.1.1 Derivação imprópria

Existem também vários casos de gírias formadas a partir da mudança da classe gramatical. Observemos três casos que ilustram esse processo:

a) mudança de substantivo para adjetivo: *bandido, embalo, milharal, franga, borsa, caetano*;

b) mudança de adjetivo para substantivo: *bocuda, blindada, fino, cheroso, guerreira, viva, zoiuda, vulgo, verídico, estrutural, espumante, dentária, mananciosa, pisante, sagrada*;

c) mudança de numeral para adjetivo/substantivo: *dezesseis, doze, oitão, quina, cinco-cinco*.

Esses casos demonstram a versatilidade e o caráter inovador da linguagem gíria, não se fixando, por exemplo, a padrões de classificações morfológicas tradicionais.

2.1.2 Composição por Justaposição

No Vocabulário de gíria, há alguns casos de lexias compostas e abundam os exemplos de lexias complexas. Eis alguns exemplos de lexias compostas: *cinco-cinco, coxa-branca, duque-treze, fura-bolo, gedois, leva-e-traz, meia-lua, trem-bala, um-cinco-cinco*.

Esses exemplos ilustram a junção de duas lexias simples com vistas a gerar uma nova lexia, sendo a ela atribuído um novo conteúdo semântico. Um aspecto importante a ser assinalado é o fato de essas lexias elencadas não se configurarem como simples sintagmas, cujo sentido seja facilmente identificável a

partir do significado das palavras que lhes deram origem. É o caso de *meia-lua* que não significa, de fato, “metade da lua”. Eis mais uma razão para serem consideradas lexias compostas. Já as lexias complexas, cuja lexicalização também é evidente, e que são responsáveis por uma parcela significativa do Vocabulário aqui focalizado, serão apresentadas e analisadas no item 3, deste Capítulo.

2.1.3 Outros Processos

2.1.3.1 Abreviação vocabular

Esse processo de criação lexical também é bastante produtivo no Vocabulário em questão. Uma das suas vantagens é a redução de palavras mais longas, mantendo-se os mesmos semas, fator que dinamiza a comunicação. Na seqüência, elencamos alguns exemplos resultantes do processo de abreviação vocabular:

Ativa (de atividade), berma (de bermuda), coca (de cocaína), condena (de condenação), draga (de dragão), isola (de isolamento), latrô (de latrocínio), libertina (de libertinagem), luna (de luneta), presa (presente), sobre (de sobremesa).

Na linguagem de jovens é comum a busca por formas reduzidas, pois esse tipo de unidade lexical torna a comunicação mais ágil e, no grupo estudado, isso não é exceção. Outra característica interessante nos exemplos citados é o fato de a maioria das reduções terminar com a vogal a, indiferentemente do gênero da palavra-base, embora, como nos lembra Basílio (1987, p. 37), não se trata de uma mudança sistemática, visto que “a parte a ser suprimida é, muitas vezes, imprevisível”.

2.1.3.2 Siglonimização

No *corpus* selecionado, com exceção do nome de duas letras (H - agá e X - xis) que se tornaram, de fato, nomes de referentes, na esfera do grupo, foram identificados apenas dois exemplos de formação de siglas: *B.O.* (Boletim de Ocorrência) e *P.H.* (Papel Higiênico).

Uma das explicações para esse número reduzido de siglas pode ser o fato de, com exceção dos nomes de pessoas, ocorrerem poucos nomes próprios mais extensos no ambiente de internação, tornando-se, assim, pouco produtivo esse processo.

2.1.3.3 Neologismos por empréstimo e estrangeirismos

É possível perceber também a presença de alguns casos de gírias, cuja base formadora é oriunda de língua estrangeira no Vocabulário apresentado. Em geral, essas lexias sofrem inicialmente uma acomodação fonética e, quando usadas na modalidade escrita, a gíria também pode sofrer modificações na grafia. No *corpus*, foram coletados oito exemplos de gírias originárias do inglês, um do italiano e três do espanhol:

- a) do inglês: beque (*back* ou *beck*), *boy*, braite (*bright*), bute (*boot*), espiritique (*speed stick*), naifa (*knife*), railander (*highlander*), friz (*frizz*);
- b) do italiano: galeto (*galletto*);
- c) do espanhol: mariguana (marijuana), pelota (*pelota*), ventana (*ventana*).

Dos casos elencados é muito provável que, em sua maioria, os usuários da gíria não reconheçam as origens das lexias, sendo elas percebidas como já pertencentes à Língua Portuguesa.

Ainda ocorreram dois casos de hibridismo, ou seja, aquelas gírias que se formaram a partir de elementos oriundos de línguas diferentes: *minazorde* = *mina* (português) + *zord* (inglês) e *dibox /de* (português) + *box* (inglês).

O reduzido número de lexias provenientes de línguas estrangeiras pode estar relacionado ao baixo grau de escolaridade e ao nível socioeconômico dos informantes, fatores que impossibilitam o contato mais freqüente desses jovens com outros idiomas.

2.1.3.4 Neologismo semântico

Esse processo é o mais freqüente e mais produtivo na ampliação e na renovação lexicais. Gerado a partir de palavras já existentes, conserva o significante, ao qual é atribuído um novo conteúdo semântico, que tanto pode coexistir com os anteriores, como neutralizá-los, prevalecendo-se sobre aqueles. Segundo Alves (2004, p. 62),

o neologismo semântico mais usual é aquele que ocorre quando se verifica uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica, por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque... vários significados podem ser atribuídos a uma base formal e transformam-na em novos itens lexicais.

O caráter polissêmico possibilita o uso em sentido não-literal e, por vezes, subjetivo das palavras do léxico de uma língua. No caso da gíria, Cabello (1991, p. 34) salienta que é próprio dessa linguagem o emprego de palavras no sentido conotativo. A autora esclarece ainda que “a gíria é uma linguagem de conotação porque nela o plano de expressão constitui por si só uma linguagem que remete a um significado específico” (CABELLO, 1991, p. 34). Assim, é evidente que a grande maioria das lexias gírias sejam provenientes de palavras já existentes, com alteração semântica.

Neste estudo não foi diferente, pois uma grande parte do vocabulário gírio do grupo de adolescentes pesquisado foi criado a partir de lexemas correntes na língua comum, aos quais foram atribuídos novos significados, transformando-os, a partir daí, em gírias. A maior parcela desse acervo é, pois, composta por neologismos semânticos, que foram modificados a partir da utilização de processos

estilísticos, especialmente a metáfora e a metonímia, casos que são discutidos a seguir.

2.1.3.4.1 Neologismo semântico de origem metafórica

Sem dúvida, a figura de linguagem mais utilizada na criação de neologismos semânticos é a *metáfora*. Para Preti (1984^a, p. 124), o processo metafórico consiste no uso de “um mecanismo figurado essencialmente primário, de fundo emotivo, no qual, quase sempre, se evoca um objeto concreto por uma imagem também concreta, valorizando uma de suas propriedades”. Por meio da metáfora, estabelecem-se relações semânticas entre dois referentes que possuem alguma relação de semelhança, seja ela concreta ou abstrata. Há uma série significativa de exemplos no vocabulário gírio investigado que ilustram esse processo. A seguir, elencamos uma amostra dessas ocorrências: *abraçar idéia, apavorar, areia, badalo, baia, bailarina, banca, barca, blindada, boneco, braite, brasa, breu, burca, cachola, campana, canhão, cantar a liberdade, carreta, carroça, chá, cheroso, chocar, churros, coceira, cofre, corda, crocodilo, dar gesto, dar milho, dar peido, dar um pião, de mil grau, descalço, dragão, farinha, fazer casinha, fazer corre, fazer gesto, fechar a cara, fechar o cu, ferramenta, ferro, fino, franga, fura-bolo, giz, globo, graxa, jaca, jogar areia, juba, ligar, ligeiro, lingüiça, luna, lupa, magrão, mascar, mascão, meia-lua, medir a febre, milho, moscão, na encolha, na neura, no pente, olho de tanderá, pá, papagaio, pegar o beco, pinha (acepção 1), pipo, porco, porva, purunga, quadrada, quebrar litro, rato, remo, seguro, sistema, tatu, traíra, trem-bala, trombar, vazar, verde, verme.*

Todas essas gírias listadas possuem alguns semas (traços semânticos) que evidenciam alguma relação de semelhança estabelecida entre o antigo valor semântico da unidade lexical e a nova acepção adquirida, destacando para isso, um traço semântico característico. Em vários casos, a relação semântica não é feita de maneira direta, ao contrário, envolve uma série de ligações indiretas, que devem ser anteriormente compreendidas para se chegar à relação de semelhança firmada.

Algumas metáforas acontecem, inclusive, entre dois termos já com sentidos conotativos, o que dificulta bastante a compreensão da relação semântica que justificou sua origem. Esse processo, em geral, também envolve questões muito subjetivas, como por exemplo, a visão de mundo de seu criador. Assim, é possível que uma metáfora possa ser incompreensível a outros indivíduos, cujas visões de mundo sejam muito diferentes. Como exemplo, citamos três lexias cujo processo metafórico que lhes deu origem nos parece bastante complexo: *banca*, *breu* e *jogar areia*.

A lexia *banca*, na acepção *gangue*, *facção* possui um traço sêmico “grupo de pessoas”. Pensando-se, pois, na palavra *banca* no sentido, por exemplo, de *bancada*, local geralmente com pessoas ao redor, chegamos, por metonímia, à conotação de *conjunto de pessoas que trabalham para o mesmo fim* (HOUAISS, VILLAR; 2001). Nesse sentido, é perfeitamente aceitável que o traço sêmico *conjunto de pessoas* justifique a escolha da metáfora para a acepção atribuída à unidade lexical *banca*, pelo grupo de adolescentes infratores. Assim, temos um processo metafórico baseado em uma acepção que já havia sido modificada por um processo metonímico.

Na acepção original da lexia *breu*, o sema que se destaca é *escuridão ou coisa muito escura* (HOUAISS; VILLAR, 2001). Em sua nova acepção, como sinônimo do entorpecente *maconha*, a relação semântica estabelecida não é com a aparência da droga, mas sim com o seu efeito: dependendo da quantidade e da qualidade do entorpecente este pode causar ao usuário o efeito de escurecimento da visão. Assim, é possível compreender a relação estabelecida entre a qualidade da acepção original e o efeito causado pelo referente de sua nova acepção.

Já em *jogar areia* (mentir), a relação semântica estabelecida é ainda mais complexa. Essa gíria, ao que nos parece, origina-se da expressão *jogar areia nos olhos dos outros*, que significa *atrapalhar*, *deturpar a visão*. Só a partir daí é possível estabelecer uma relação, ainda que pequena, em *atrapalhar* e *mentir*. Pois quem mente, de certa forma, também está deturpando a visão, ou seja, buscando distrair alguém com a mentira para que não compreenda a verdade. Essa relação, como ocorre em muitas outras metáforas, é de compreensão subjetiva, em razão disso, poderá ser objeto de outras interpretações, em termos de motivação.

2.1.3.4.2 Neologismo semântico de origem metonímica

Assim como a metáfora, a *metonímia* também é uma figura muito produtiva para a criação de neologismos semânticos. A metonímia consiste na substituição de uma palavra por outra, quando em ambas existe uma relação objetiva de proximidade. As relações metonímicas podem ser do tipo: a) qualitativo (causa/efeito, esfera etc.); b) matéria por objeto; c) pessoa por coisa; d) autor por obra; e) proprietário por propriedade, f) morador por morada; g) continente pelo conteúdo; h) consequência pela causa; i) qualidade pelo qualificado (HOUAISS; VILLAR, 2001).

No conjunto do vocabulário estudado neste trabalho, foi possível identificar a presença do processo metonímico na gênese das seguintes gírias:

Cameliar, caetano, câncer, cano, celite, couro, coxa-branca, espiritique, espumante, gedois, gole, grafite, lasca, manta, máquina, meiota, moeda, moca, onça, paiero, peixeira, pena, pinha (acepção. 2), prestobarba, railander, rexona, sadia, tamarana, tela, vina, zinco.

Às vezes, torna-se difícil estabelecer diferenças entre lexias oriundas do processo de metonímia e as motivadas por metáfora, especialmente porque, em alguns casos, ambas as figuras estão na gênese de uma mesma lexia. É o caso de *cameliar*, que tem sua origem na relação metonímica (qualidade pelo qualificado) estabelecida entre *Camelo* (animal) e a utilidade desse animal, geralmente em trabalhos pesados, para, a partir daí, por meio da metáfora, criar o verbo *cameliar*, que designa o ato de trabalhar na limpeza de algum lugar.

Outras relações metonímicas que se destacam no *corpus* é o uso da marca comercial de determinado produto para designar o próprio produto, aí já independente de sua marca. É o caso das gírias *celite, espiritique, gedois, moca, prestobarba, rexona, sadia e vina*.

A título de ressalva, registramos que o maior problema quanto à identificação das gírias criadas a partir da metáfora ou da metonímia é o distanciamento entre o tempo atual e o momento de sua criação. O momento da criação da gíria é de natureza sócio-histórica, logo, com características específicas. Assim, apenas com um olhar sincrônico, dificilmente conseguiríamos compreender vários fatos do passado que influenciaram na criação das gírias. Esse é o caso de

tamarana, gíria de origem metonímica. Trata-se do nome de um município próximo a Londrina. No entanto, o processo de associação do nome da cidade à marmitex servida nas Unidades é muito difícil de ser recuperado, sem considerar o momento de sua gênese. Ocorre que, no passado, durante algum tempo, as refeições servidas nessas Unidades eram fornecida por uma empresa familiar situada na cidade de Tamarana, cujo dono tinha, por alcunha, o mesmo nome da cidade. Assim, desde aquela época, convencionou-se o uso do nome *tamarana* para nomear a *marmitex*, embora a maioria dos usuários atuais dessa gíria desconheça essa relação.

Para finalizar, focalizamos a seguir informações que dizem respeito à estrutura formal das unidades lexicais compiladas e analisadas. Retomando, pois, o conceito de lexia, discutido no Capítulo I, e sua respectiva classificação em *simples*, *complexas* e *compostas*, é possível constatar que, no vocabulário de gíria aqui analisado, há exemplos desses três tipos de lexias. O Quadro V, a seguir, ilustra esse fenômeno.

Lexias simples

adianto, agá, aliado, alimentar, alimento, apavorar, areia, areieiro, arrochar, atacado, ativa, atravessar, aurora, azul, B.O., badalo, bagulho, baia, bailarina, baitola, banca, bandido, barão, barca, barraco, baseado, beque, berma, bicha, blindada, bobo, bocuda, boga, boi, boneco, bolsa, botinho, boy, braite, brasa, breu, bronca, bruxa, burca, bute, cabuloso, cachola, cachorro, caetanar, caetano, caiçara, cair, calibre, cambuca, cambucar, cameliar, campana, campanar, câncer, caneco, canhão, cano, cara, caranga, carpano, carreta, carroça, castigueiro, catatau, cela, celite, cena, chá, chapado, cheroso, chibiuzinho, chocar, churros, cinco, clarear, coca, coceira, cofre, colar, condena, condições, constar, corda, coroa, correr, coruja, couro, crocodilagem, crocodilo, curtir, debater, dentária, desandado, desbaratinar, descalço, desconheço, dezesseis, dibox, dismaiado, doze, draga, dragão, ducha, embaçado, embalo, empenhar, enquadrar, enviar, espirítique, espumante, estoque, estrutural, externa, farinha, fazer, ferramenta, ferro, fino, firmão, fita, franga, friz, fumar, função, fundão, galeto, galo, gambé, gancha, gás, gato, geladeira, geral, gerica, giz, globo, gogó, gole, goma, goró, grafite, graxa, guerreira, gulosema, higiene, idéia, intrusão, isola, jaca, jacaré, jack, janja, jega, juba, jumbo, jurão, ladrão, lambão, lançar, lance, larica, lasca, latrô, libertina, ligar, ligeiro, lingüiça, luna, lupa, madeira, madeirar, magrão, maluco, mananciosa, mancada, mancoso, manta, máquina, maquinado, mariguana, marretão, marrocos, mascão, mascar, máxima, meiota, milharal, milho, mina, minazorde, mínima, moca, mocar, mocosongo, mocoçar, moeda, mongo, morgado, moscão, mula, mular, naifa, onça, oxinai, P.H., pá, pagar, pagar, paiero, pangüão, pano, papagaio, pão, pedra, peido, peidorreiro, peita, peixeira, pelota, pena, perna, pesar, oitão, piá, pilantra, pinha, pipo, pisante, polpa, porco, porva, praia, presa, prestobarba, pufe, purunga, quadrada, quebrada, quina, Quincas, rachar, railander, rangar, rato, remo, rex, rexona, sadia, sagrada, seguro, sistema, sobre, tamarana, tatu, tchau, tela, teresa, tia, tirar, traíra, trepado, treta, trombar, tropelo, vacilão, vazar, veneno, ventana, verde, verídico, verme, vina, viva, vulgo, xis, zinco, zoiuda.

Lexias complexas
à pampa, abraçar idéia, atrasar lado, bater rango, bolar idéia, caçar assunto, cantar a liberdade, cigarro preto, colocar na linha, comer abeia, dar a letra, dar gesto, dar idéia, dar milho, dar nome, dar peido, dar um ar, dar um pião, dar um raio, dar um salve, dar um sapeco, dar um tapa, dar um tiro, dar uma força, de boa, de chuva, de mil grau, deixar baixo, deixar falando, deixar gelo, duque treze, estar com o cu dando bote, estar de bode, estar de jega, estar ligado, estar magro, fazer a frente, fazer a ponte, fazer casinha, fazer corre, fazer gesto, fazer jogo, fazer uma média, fechar a cara, fechar o cu, fuja louco, ir de carroça, ir de embalo, jogar areia, levar desacerto, levar liga, mais além, mandar um salve, medir a febre, na corda, na encolha, na neura, na pedra, na segunda, não entendeu, negar voz, no pente, olho de tanderá, pagar de grade, pagar ducha, pagar veneno, passar pano, pegar o beco, pegar o bonde, pegar o vôo, pesar cadeia, quebrar litro, sair no cinco, sair pinado, se pá, sem mancada, tirar castelo, tirar descanso, tirar pira, tirar sossego, tirar uso, tirar visita, uma mão, virar a cadeia.
Lexias compostas
cinco-cinco, coxa-branca, gedois, fura-bolo, trem-bala, um-cinco-cinco, leva-e-traz, meia-lua.

Quadro 5 – Distribuição do *Vocabulário da Gíria de Adolescentes Infratores do Paraná*, segundo a classificação das lexias.

Conforme o visualizado no Quadro V, a maioria das lexias que integram o Vocabulário de gírias objeto desta pesquisa enquadra-se na categoria das lexias *simples*. No entanto, o que chama a atenção é o grande percentual de lexias complexas no conjunto desse Vocabulário, um total de 24% do total. Essa situação é bastante comum em vocabulários de discurso específico, como os terminológicos (Cf. BARROS, 2004, p. 101), visto seu caráter especificador.

Todavia, o que diferencia principalmente as lexias complexas do vocabulário gírio das de um vocabulário terminológico é a categoria gramatical dessas lexias. Em geral, em vocabulários terminológicos, a grande maioria dos termos complexos são substantivos, algo completamente justificável em razão da necessidade de nomear objetos e processos novos. Já no vocabulário gírio, a maioria das lexias complexas são compostas por verbos ligados a outras classes de

palavras, as chamadas *fraseologias*. Uma possível hipótese levantada para a produtividade dessa categoria de unidade léxica é o fato de os usuários da gíria não se preocuparem somente com a nomeação dos referentes, mas, principalmente, sentirem a necessidade de utilizar sua linguagem em ações cotidianas, de maneira a se relacionar verbalmente com outras pessoas, dizendo o que vai fazer, ordenando, pedindo.

Outro aspecto bem característico do Vocabulário em pauta é o caráter polissêmico de alguns verbos, como *dar*, *estar*, *fazer*, *pagar* e *tirar*. Somente esses cinco verbos e os sintagmas com eles compostos são responsáveis pela formação de nada menos que trinta e sete lexias complexas. A polissemia, à medida que se configura como um recurso de economia lingüística, também se torna um mecanismo bastante utilizado na criação de novas gírias.

Quanto às lexias compostas, o aspecto que merece destaque é o uso do hífen que, de maneira geral, não é ponto pacífico nem mesmo entre lingüistas e gramáticos. Por isso, optamos por grafar com hífen somente as lexias com alto grau de lexicalização, ou seja, as mais cristalizadas (tais como cinco-cinco e um-cinco-cinco) e outras que são assim grafadas na obra lexicográfica tomada como referência, o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2001).

Finalizamos este Capítulo dedicado à reflexão sobre questões pontuais acerca do vocabulário gírio organizado cientes que focalizamos apenas uma amostra de possíveis análises que um vocabulário dessa natureza pode suscitar.

CONCLUSÃO

Este trabalho teve por objetivo principal o estudo da linguagem gíria de adolescentes internos em unidades socioeducativas no estado do Paraná. No capítulo dedicado aos pressupostos teóricos, buscamos discutir aspectos teóricos, relativos às várias áreas dos estudos lingüísticos relacionados à temática focalizada na pesquisa. Nele, discutimos, por exemplo, postulados de Sociolingüística, da Lexicologia e da Lexicografia que, embora disciplinas distintas, possuem entre si diversas intersecções, especialmente, no que tange à relação entre o léxico e as relações sociais e o ambiente que circundam o universo do falante. Agora, ao término do trabalho, avaliamos que essa discussão de diferentes bases teóricas propiciou-nos uma ampliação de horizontes, possibilitando-nos uma visão mais ampla a respeito dos diversos fenômenos e mecanismos que envolvem o uso da linguagem por um grupo social. Ainda nesse Capítulo, buscamos também subsídios teóricos para uma melhor compreensão do fenômeno da gíria, incluído nas chamadas linguagens especiais, além de recuperarmos fundamentos das modernas teorias lexicográficas com vistas à elaboração do Vocabulário, o que nos permitiu completar com êxito um dos objetivos principais deste trabalho.

No Capítulo II, apresentamos e discutimos aspectos gerais da legislação que versa sobre a questão do adolescente em conflito com a lei, traçando uma comparação entre o *código do menor* e o *ECA*. Além disso, focalizamos as características das unidades socioeducativas visitadas, com ênfase nas da Unidade em que tivemos a oportunidade de permanecer por mais tempo, o CENSE II - Londrina. Esse Capítulo contém, ainda, informações de caráter extralingüístico relativas aos adolescentes entrevistados, ilustradas por meio de gráficos, com o objetivo de fornecer subsídios a respeito da realidade socioeconômica do grupo aqui estudado.

Os dados que compuseram o *corpus* deste estudo foram coletados *in loco* pelo autor do trabalho, o que, além do contato pessoal com os informantes selecionados, possibilitou a observação e o registro do uso real da linguagem que singulariza o grupo investigado. O tratamento dos dados coletados resultou no *Vocabulário da Gíria de Adolescentes Infratores do Paraná*, composto por 374 verbetes. Os dados registrados no Quadro III (pág. 59) possibilitam a delimitação do

universo de uso das gírias coletadas, estabelecendo assim referências quanto a possíveis limites entre as gírias comuns a todas as Unidades e as que são particulares a cada uma delas. Nesse Quadro, ainda é possível verificar a frequência de uso de cada lexia, demonstrando o grau de produtividade de cada gíria estudada, no âmbito das Unidades socioeducativas contempladas pela pesquisa. O campo *nota*, dos verbetes, além de registrar informações de natureza lingüística e de caráter extralingüístico relativas ao uso das lexias pelo grupo, também contemplou informações a respeito da dicionarização ou não das gírias coletadas. Para tanto, foram tomados como parâmetro um dicionário de uso geral de Língua Portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2001), um dicionário de gíria geral (SERRA; GURGEL, 2000) e o *Glossário da Linguagem do Sistema Penitenciário do Paraná* (REMENCHE, 2003), que compila gírias de um grupo específico.

Em termos de dicionarização das gírias estudadas, constatamos o seguinte quadro: no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2001), 67% dos verbetes (252 lexias) não estão registrados, 15% dos verbetes (56 lexias) estão registrados com a mesma acepção em que figuram no Vocabulário dos adolescentes e 18% (66 lexias) estão dicionarizados com acepção(ões) diferentes das coletadas nesta pesquisa. Vale ressaltar que foram consideradas apenas as acepções marcadas no dicionário como *informal*.

Já no Dicionário de Gíria de Serra e Gurgel (2000) encontramos um maior número de lexias definidas com a mesma acepção em que são usadas pelo grupo investigado, 71 lexias, correspondendo a 19% do total do *corpus*; 18% dos verbetes (66 lexias) estão registradas com acepção diferente e 67% dos verbetes (252 lexias) não constam nessa obra.

Por fim, comparando o Vocabulário organizado neste trabalho com o *Glossário da Linguagem do Sistema Penitenciário do Paraná*, de Remenche (2003), verificamos que 17% dos verbetes (62 lexias) constam no Glossário com a mesma acepção em que são usadas pelos adolescentes, apenas 2% (07 lexias) foram encontradas com acepção diferente e 82% (305 lexias) não figuram no Glossário.

Analisando conjuntamente e cumulativamente os dados das três obras, identificamos que 52% do *corpus* coletado (194 lexias) permanece inédito, considerando a comparação com as obras selecionadas, 25% (92 lexias) dos verbetes estão devidamente dicionarizados com a mesma acepção em pelo menos uma das três obras consultadas e 23% (88 lexias) encontram-se dicionarizadas,

porém, com acepção diversa à registrada no *Vocabulário da gíria de adolescentes infratores do Paraná*.

Essas informações, por si só, já confirmam a importância desta pesquisa, visto que os verbetes não-dicionarizados e os dicionarizados com outra acepção representam 75% do *corpus* coletado. Esse *ineditismo* do *corpus* confirma a importância da pesquisa e aponta para o alcance dos objetivos específicos desta pesquisa, apresentados na Introdução. Com base nessas informações, até então pouco disponíveis em outras obras lexicográficas, é possível uma melhor disseminação do vocabulário utilizado por esses jovens, possibilitando uma maior compreensão do fenômeno da gíria e contribuindo, assim, para uma comunicação mais eficaz entre os interessados e o grupo estudado.

No primeiro item do Capítulo IV, destinado à análise, pudemos perceber mais claramente a relação de importância que se estabelece entre a gíria utilizada por esses jovens e a realidade social que os rodeia. Fato esse que corroborou uma de nossas principais justificativas (as estreitas relações entre o comportamento do grupo social e sua linguagem) para a realização da pesquisa. O uso da gíria, como já assinalado, vai muito além que o simples uso de um novo código de comunicação, tendo, de fato, um papel fundamental no estabelecimento e na manutenção das relações sociais, além de ser fortemente identificador da coesão e da identidade do grupo que a utiliza. Várias das atitudes sociais dos usuários dessa linguagem perpassam o uso da gíria, como o estabelecimento de normas de convivência e de tabus lingüísticos, situações que, se não adequadamente conhecidas e controladas, podem suscitar comportamentos fortemente coercitivos, culminando, inclusive, em grave violência contra o transgressor. Esse fato foi demonstrado nas notas de alguns verbetes do *Vocabulário*, tais como *borsa*, *ligeiro*, *sem mancada*.

Outro aspecto que pôde ser verificado ao longo da análise foi o fato de as gírias possuírem um alto grau simbólico, sendo uma linguagem especialmente conotativa em que quase todas as palavras não significam o que, a princípio, aparentam (as *lexias* *boi*, *coruja* e *pão*, por exemplo, confirmam esse dado, visto não possuírem quase nenhuma relação com as acepções a elas relacionadas na língua comum). Essas informações confirmam a forte relação de cumplicidade existente entre a linguagem gíria e os adolescentes que a utilizam. Portanto, o estudo demonstrou que um descuido ou um pequeno deslize na correta compreensão e na

utilização dessa linguagem pode causar complicações diversas, não somente àqueles que são partícipes do grupo, mas também a pessoas que têm necessidade em se comunicar com esses jovens.

Ainda no Capítulo IV, também foram analisados aspectos lingüísticos do Vocabulário, tais como a estrutura e formação das lexias que deram origem aos verbetes. Quanto à estrutura dos componentes do acervo vocabular, ficou evidenciado que a maioria das lexias (277), representando 74% do *corpus*, foram classificadas como simples. Todavia, o que chamou a atenção foi a grande quantidade de lexias complexas no conjunto do vocabulário, representando mais de 24% do *corpus* (90 lexias). Em vocabulários de discurso específico, como os terminológicos, essa situação costuma ser recorrente. Todavia, um dos aspectos que diferencia as lexias complexas inventariadas no vocabulário em questão de um vocabulário terminológico é a classe morfológica presente na formação da lexia. Em vocabulários técnico-científicos, a grande maioria das lexias complexas é formada por substantivos, isso decorre, principalmente, da necessidade de se nomear novos referentes. No caso do vocabulário aqui estudado, a maioria absoluta das lexias complexas tem como base verbos ligados a outras classes de palavras, formando *fraseologias*. Uma hipótese levantada para essa ocorrência é a necessidade do usuário utilizar sua linguagem, de maneira que possa se relacionar oralmente com outras pessoas, dizendo o que vai fazer, ordenando, pedindo.

A respeito do processo de formação das lexias inventariadas, ficou constatado que os processos de criação gírios, invariavelmente, seguem o padrão dos processos de formação lexical de sua língua-base, em nosso caso, da Língua Portuguesa. Portanto, os processos identificados na formação da gíria foram os de *derivação, composição, abreviação vocabular, siglônimização, neologismo semântico e estrangeirismo*.

No que diz respeito ao processo de derivação, foram identificadas gírias formadas a partir do acréscimo de sufixos e, entre estes, os mais produtivos foram os formadores de adjetivos (cerca de 40% dos sufixos identificados), tais como *-ado(a), -ante, -oso e -udo(a)*. No entanto, também verificamos que várias gírias não seguem a classificação morfológica tradicional, ocorrendo, diversas vezes, a troca de classe gramatical. Esse fato é tratado junto aos casos de derivação imprópria.

Já a respeito do processo de composição, o Vocabulário reuniu poucos exemplos, especialmente se comparados à quantidade de lexias complexas inventariadas. Os exemplos apresentados ilustram os casos da junção de duas lexias simples que se tornam uma nova lexia, sendo a ela atribuído um novo conteúdo semântico. Percebemos também que, via de regra, não há relação semântica direta entre os significados das lexias formadoras e a lexia composta, por elas formadas.

O processo de *abreviação vocabular*, por seu turno, também se mostrou presente, sendo identificada a criação, por meio dele, de 17 lexias, no Vocabulário de gíria em questão. Esse processo costuma ser comum na linguagem jovem, pois objetiva, freqüentemente, agilizar a comunicação.

Já o processo de formação de gíria a partir da formação de siglas, foi pouco utilizado, resultando em apenas dois exemplos. Uma das possíveis hipóteses para justificar esse fato pode ser a ausência de nomes próprios mais extensos no universo referencial dos informantes, tornando-se assim pouco produtiva a criação de siglas.

Foi possível verificar ainda a presença de palavras oriundas de línguas estrangeiras, embora suas origens provavelmente não sejam claramente perceptíveis ao usuário da gíria. Assim, identificamos, no *corpus*, oito exemplos de gírias originárias do inglês, um exemplo do italiano e três do espanhol, além de dois exemplos de hibridismos. Esse número reduzido de lexias de origem estrangeira pode estar relacionado ao grau de escolaridade dos informantes (geralmente baixo) e à faixa de renda de suas famílias, o que dificulta o contato com outros idiomas.

Por fim, o processo identificado como o mais produtivo na criação das lexias gírias foi o *neologismo semântico*, que suscita a criação de novas palavras, mantendo-se o significante e atribuindo-se a ele um novo conteúdo semântico. Em grande parte do vocabulário analisado foi constatada a utilização desse processo, especialmente a partir da utilização de figuras de linguagem como a *metáfora* e a *metonímia*. Um aspecto que merece destaque na formação de lexias a partir desses processos estilísticos é a aparente dificuldade em se identificar claramente as relações metafóricas e metonímicas que originaram a lexia e, até mesmo, conceber as diferenças entre lexias formadas por um ou por outro processo, visto que, em muitos casos, ambas as figuras são utilizadas na criação de uma mesma lexia.

Concluído o trabalho, entendemos que ainda há muito a ser pesquisado a respeito da gíria de grupos restritos e, em razão disso, outros estudos fazem-se necessários, inclusive, com novos olhares acerca desse objeto em particular, por vezes pouco valorizado em estudos lingüísticos. Esta pesquisa, embora tenha se preocupado com o estabelecimento de uma base teórico-metodológica, provavelmente apresente limitações e lacunas. Consideramos que algumas dessas lacunas poderiam ter sido preenchidas especialmente se pudéssemos ampliar o número de localidades e de informantes investigados, como também o acervo de obras de referência, na fase de verificação da dicionarização das lexias que deram origem aos verbetes do Vocabulário, produto deste estudo.

Os dados reunidos neste trabalho poderiam ainda suscitar outras análises, dependendo de novos propósitos de pesquisa, como por exemplo: a verificação de possíveis *fronteiras lingüísticas* entre a gíria de cada localidade investigada (uma espécie de “regionalismo gírio”) e entre a gíria desse grupo específico e a de outros grupos de jovens; a discussão acerca da *riqueza sinonímica* presente no acervo lexical do grupo investigado; além de *análises sociolingüísticas*, que poderiam evidenciar possíveis influências da realidade socioeconômica dos informantes na linguagem por eles utilizada.

Esperamos, por fim, que este estudo tenha contribuído para um novo olhar sobre essa variedade lingüística, de forma a valorizá-la, não só entre os estudiosos da linguagem, mas também junto ao público em geral, demonstrando que o universo que a circunda é bem mais amplo e complexo do que se possa imaginar. O Vocabulário apresentado nesta dissertação corrobora a importância do registro e do estudo do léxico, considerando a interface entre a Sociolingüística, a Lexicologia e a Lexicografia.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolingüística: parte I. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p..21-48.
- ALVES, I. *Neologismo: criação lexical*. (2ª ed., 3ª reimp.) São Paulo: Ática, 2004.
- BARBOSA, M. A. Modelos em lexicologia. In: *Língua e Literatura*: n. 09, 1980, p. 261-279.
- _____. Contribuições aos estudos de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. In: *Uniletras: Revista de Lingüística Brasileira* n. 08, São Paulo, 1995, p. 15-30.
- BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004. BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BEVILAQUA, C. R. Tipologia de Dicionários. In: *Cadernos de Letras do IL*, nº 10. Porto Alegre: UFRGS, 1993, p. 17-22.
- BIDERMAN, M. T.C. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia e Lingüística*. São Paulo: Quieroz/Edusp, 1978, p. 131-145.
- _____. A ciência da lexicografia. In: *Revista ALFA*. São Paulo, 1984ª, nº 28 suplemento, p. 01-26.
- _____. Glossário. In: *Revista ALFA*. São Paulo, 1984b, nº 28 suplemento, p. 01-26.
- _____. A definição lexicográfica. *Cadernos de Letras do IL*, nº 10. Porto Alegre: UFRGS, 1993, p. 23-43.
- _____. Dimensões da palavra. In: *Filologia e lingüística portuguesa*, nº 02, 1998ª, p. 81-118.
- _____. O dicionário como norma na sociedade. In: *Anais do 1º GT de Lexicologia*, Recife, 1998b, p. 161-179.

_____. Conceito lingüístico de palavra. In: *Palavra* (Depto. de Letras da PUC-RJ) n° 05 - Vol. I. Rio de Janeiro, 1999, p. 81 -87.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. (2ª ed.) Campo Grande: Ed. UFMS, 2001ª, 13-22.

_____. Os dicionários na contemporaneidade; arquitetura métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. P. P.; ISQUERDO, A. N. (orgs). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. (2ª ed.) Campo Grande: Ed. UFMS, 2001b, 131-144.

BORBA, F. S. *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1971.

BRIGHT, W. As dimensões da sociolingüística. (trad. de Elizabeth Araújo Jorge). In: FONSECA, M.S. V. ; NEVES, M. F. (orgs) *Sociolingüística* Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 17-24.

CABELLO, A. R. G. Aspectos sociais na formação das gírias nas subculturas. In: *Uniletras* n° 13. UEPG. Ponta Grossa, 1989.

_____. Processo de formação da gíria brasileira. In: *Revista ALFA*; n° 35. UNESP. São Paulo, 1991, p. 19-53.

_____. Gíria e palavrão: agressão ou expressividade?. In: *X Seminário do CELLIP* (Anais); UNIOESTE. Londrina, 1996, p. 194-199.

CAMACHO, R.G. Sociolingüística: parte II. In: MUSSALIM, F. ; BENTES, A. C. *Introdução à lingüística I: domínios e fronteiras*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 49-76.

CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática*. 25ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. (2ª ed.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CUNHA, C. F. *Gramática da língua portuguesa*. (8ª ed.) Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

COSERIU, E. *Teoria da linguagem e lingüística geral*. 2 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

DUBOIS, J. et al. *Dicionário de lingüística* 9ª ed. (trad. Izidoro Blekstein), São Paulo: Cultrix, 2004.

FEIJÓ, L. C. S. *A Linguagem dos esportes de massa e a gíria do futebol*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

FERNANDES, M. C. L. O. *Futebol: fenômeno Lingüístico*. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.

FERNÁNDEZ-SEVILHA, J. *Problemas de lingüística actual*. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1974.

GARMADI, J. *Introdução à socio-lingüística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1983.

GENNEP, A. V. Essai d'une théorie des langues spéciales. In: *Revue des etudes ethnographiques et sociologiques de Paris*, 1908, p. 327-337.

GUIRAUD, P. *L'argot*. (4a ed.) Paris: Mercure de France, 1966.

GUÉRIOS, R. F. M. Tabus Llinguisticos. In: *Revista de letras.nº. 5 e 6*, Universidade do Paraná, Curitiba, 1956.

HAENSCH, G. Tipologia de las obras lexicográficas. In: HAENSCH, G. et al. *Lexicografía*. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos. 1982, p. 395-534.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IGNÁCIO, S. E. Palavras lexicais num dicionário de usos. In: *Revista ALFA*, nº 40. UNESP. São Paulo, 2000, p. 17-26.

KRIEGER, M. G. A obra e o fazer dicionarísticos. In: *Cadernos de Letras do IL*, nº 10. Porto Alegre: UFRGS, 1993, p. 09-16.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington. Center of applied linguistics, 1972.

LARA, L.F. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, A. N. ; KRIEGER, M. G. (orgs) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Vol. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, p. 133-152.

LORENTE, M. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, A. N. ; KRIEGER, M. G. (orgs) *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Vol. II. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, p. 19-30.

LYONS, J. *Lingua(gem) e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

MENDES, S. T. P.; LEAL, M. A. F. Análise parcial da microestrutura dos verbetes no “Novo Dicionário da Gíria Brasileira”, de Manuel Viotti. In: SEABRA, M. C. T. C.(org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2006, p. 174-185.

MORALES, H. *Sociolingüística*. 2ª ed. Madrid: Gredos, 1993.

OLIVEIRA, M. L. T.. *A gíria dos internos da FEBEM*. Dissertação de Mestrado. PUC-SP. São Paulo, 2006.

PETTER, M. M. T. Línguas especiais, línguas secretas: na África e no Brasil. In: *Revista da ANPOLL*, nº 4, jan/jun, 1998. p. 185-201.

PRETI, D. F., *A Gíria e outros temas*. São Paulo: Edusp, 1984ª.

_____. *A linguagem proibida*. São Paulo: TAQ editora, 1984b.

_____. A Gíria na sociedade contemporânea. In: *Língua, Lingüística e Literatura: Uma Integração para o Ensino*. Rio de Janeiro. EDUERJ, 1998.

_____. Dicionários de Gíria. In: *Revista ALFA*, nº 44. UNESP. São Paulo, 2000, p. 57-73.

_____. A Gíria na língua falada e escrita: Uma longa história de preconceito social
In: PRETI, D. F. (org), *Fala e Escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2003^a, p.
241-257.

_____. *Sociolinguística: os níveis de fala*. 9^a. ed. São Paulo: EDUSP, 2003b.

RECTOR, M. *A Linguagem da Juventude*. Petrópolis: Vozes, 1975.

_____. *A Fala dos Jovens*. Petrópolis: Vozes, 1994.

REMENCHE, M. L. R.. *As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná*. Dissertação de Mestrado. UEL. Londrina, 2003.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário (trad. C.B. de Moraes). In: *Revista ALFA*. São Paulo, 1984, n° 28 suplemento, p. 01-26.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

SAPIR, E. *Linguística como ciência: uma introdução*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1987 [1947].

_____. *Selected writings of Edward Sapir*. Berkeley: University of California Press, 1947.

SERRA e GURGEL, J. B. *Dicionário de gíria - Modismo linguístico - o equipamento falado do brasileiro* (6^a ed.) Brasília:s.n., 2000.

SILVA NETO, S. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Livro de Portugal, 1970.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. (5^a. ed) São Paulo: Ática, 1997.

URBANO, H. A gíria: um aspecto de sua criação numa amostragem dicionarizada da fala popular moderna. In: URBANO, H. et al (orgs.). *Dino Preti e seus temas*. São Paulo: Cortez.

VILELA, M. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.

WELKER, H. A. *Dicionários: Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.

WERNER, R, Léxico y teoría general del lenguaje. In: HAENSCH, G. et al. *Lexicografía*. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982, p. 20-94.

WHORF, B. L. *Language, thought and reality*. Selected writings of B. L. Whorf organized by J. Carol. Massachussets: Cambridge, 1965 [1958].

APÊNDICES

APÊNDICE 1 – Ficha de informante e questionário

PARTE I – Ficha do Informante	
Iniciais do nome:	
Idade:	
Estado Civil :	n° filhos:
Unidade que está internado:	
Residência:	Bairro:
Tempo de unidade:	
Situação escolar:	
Já trabalhou? Com o que?:	
Já esteve internado em outra unidade? Onde?:	
Mora com:	
Renda familiar:	
Você acha importante saber falar gíria?:	
É fácil aprender?:	
Conhece alguma história de alguém que se deu mal por não saber a gíria da Unidade?	
Você acha que a gíria que você usa lá fora é parecida com a que usam aqui dentro? Se não, o que acha diferente?	
QUESTIONÁRIO	
PARTE I	
I) Como você fala “na gíria” para alguém que você:	
1) ... está limpando seu alojamento?	
2) ... escovando os dentes?	
3) ... está almoçando ou jantando?	
4) ... está dormindo / descansando?	
5) ... está brincando (zuando ou tirando sarro)?	
6) ... está tudo bem com você?	
7) ... está com fome?	
8) ... está com saudade de sua família?	
9) ... está assistindo um filme muito bom na TV (no vídeo)?	
10) ... comeu um bolo muito gostoso durante a visita?	
11) ... está cansado de fazer alguma coisa?	
12) ... está bravo com o funcionário que não fez o que prometeu?	
II) Como você pediria a alguém para:	

13) ... chamar alguém? (que está longe)
14) ...te ajudar?
15) ...trocar de marmitex (ou outra coisa qualquer) com você?
16) ...emprestar um lápis (ou outra coisa)?
17) ... dar um recado para alguém?
18) ... entregar uma roupa ou objeto quando você não consegue alcançá-lo?
19) ... sair dali onde está? ... ir embora?
20) ... trocar de ala?
III) Como vocêalaria para um colega que ele está:
21) ... concordando com uma opinião errada, diferente da sua?
22) ... seguindo a opinião dos outros?
23) ... copiando outro colega?
24) ... mentindo?
25) ... te atrapalhando? te prejudicando?
26) ... adulando (puxando o saco) de algum interno ou funcionário?
IV) Como você chamaria algum interno que, para você:
27) ... é mentiroso?
28) ...é medroso?
29) ...é bobo / babaca?
30) ...é falso amigo?
31) ... é traidor?
32) ... faz coisas erradas na unidade?
33) ... não é homem?
34) ... gosta de se aparecer?
V) Como você perguntaria para algum interno...
35) ... por que ele foi apreendido?
36) ... qual o crime que ele cometeu?
37) ... como foi que ele foi apreendido?
38) ... quem ele conhece do bairro dele (ou de algum lugar)?
39) ... se ele andava armado?
40) ... ele era amigo de quem? ... ou se pertencia a alguma gangue ou facção?
VI) Qual a gíria (o nome que se dá para) que você usa, na Unidade, para denominar:
41) Banheiro
42) Banho
43) Porta
44) Janela
45) Cama
46) Colchão

47) Buraco no alojamento (p/ fuga)
48) Chão do alojamento
49) Casa
50) Alojamento
51) Alojamento da contenção
52) Aparelho de barbear
53) Desodorante
54) Marmitex
55) Parte da marmitex (sobra de comida)
56) Pão
57) Banana (fruta)
58) Sobremesa
59) Suco
60) Frango (alimento)
61) Lingüiça (alimento)
62) Margarina
63) Colher
64) Televisão
65) Corda improvisada
66) Cobertor
67) Lápis
68) Caneta
69) Carta
70) Bilhete
71) Relógio
72) Isqueiro
73) Recado
74) Carro
75) Atividade fora da unidade
76) Roupas
77) Calçado (tênis)
78) Camiseta
79) Cueca
80) Calça
81) Óculos
82) Dinheiro
83) Nota de 1 real
84) Nota de 5 reais
85) Nota de 10 reais
86) Nota de 50 reais
87) Maconha
88) Cocaína
89) Cigarro de filtro
90) Bebida alcoólica
91) Cigarro de fumo
92) Arma de fogo
93) Arma branca improvisada na unidade
94) Cabeça

95) Pernas
96) Nádegas
97) Cabelo
98) Pênis
99) Ânus
100) Espelho
101) Briga entre internos
102) Revista no alojamentos
103) Revista pessoal
104) Namorada
105) Bola (esporte)
PARTE II
VII) Aqui na unidade, você sabe o que quer dizer:
106) A pampa
107) Adianto (adiantar)
108) Agá
109) Bagulho
110) Borsa
111) Boy
112) Bronca
113) Cabuloso
114) Caçar assunto
115) Cair com
116) Calçar o peito
117) Cambau
118) Caneta
119) Cano
120) Cara (sua é)
121) Catatau
122) Chapado
123) ChocaR
124) Clarear
125) Cofre
126) Condena
127) Considerado
128) Corda
129) Correr com
130) Dar a letra
131) Dar milho
132) Dar um pega
133) Dar um rolê
134) Dar um tapa
135) Dar um tiro
136) De boa

137)	De mil
138)	De mil grau
139)	Debater
140)	Deixar falando
141)	Desacordo
142)	Descalço
143)	Dezesseis
144)	Dormir na pedra
145)	Doze
146)	Duque
147)	Duque treze
148)	Encaixotar
149)	Enquadrar
150)	Estar azul
151)	Estar de larica
152)	Estar ligado
153)	Externa
154)	Fazer
155)	Fazer a cabeça
156)	Fazer gesto
157)	Fazer jogo
158)	Feinha
159)	Ficar na corda
160)	Fininho
161)	Fino
162)	Fita
163)	Fitinha
164)	Fuja
165)	Fuja louco
166)	Fumar
167)	Funça
168)	Função
169)	Gambé
170)	Güento
171)	Higiene
172)	Já era
173)	Jacaré
174)	Jack
175)	Jamais
176)	Janja
177)	Juba
178)	Juca
179)	Jumbo
180)	Jurão
181)	Ladrão
182)	Lance
183)	Lasca
184)	Levar liga

APÊNDICE 2 – Solicitação de autorização para coleta de dados

Londrina, 21 de março de 2007.

Ao
IASP - Instituto de Ação Social do Paraná
Att. Thelma Alves de Oliveira
Presidente

Ref.: Autorização para coleta de dados lingüísticos para pesquisa de pós-graduação

Ilustríssima Senhora,

Meu nome é Júlio César P. Corrêa, fui funcionário do Estado, exercendo a função de Educador Social no Centro de Sócio Educação (CENSE 2) em Londrina de julho/2004 a agosto/2005, quando decidi, por motivos pessoais, reincidir meu contrato temporário com esta Autarquia. Em 2006, ingressei no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (Mestrado) na Universidade Estadual de Londrina, ocasião em que apresentei o projeto de pesquisa em anexo, cujo objetivo principal é o estudo da Linguagem Gíria presente nas Unidades que assistem adolescentes em conflito com a Lei no Estado do Paraná, semelhante àquela onde trabalhei.

Quando trabalhei na Unidade, notei a presença de uma variedade lingüística diferenciada, a chamada gíria, a qual quem não conhecesse sentia muita dificuldade em se comunicar com os internos. Em razão disso, escolhi como objeto de pesquisa o estudo sistemático dessa variedade lingüística, tão importante e tão pouco conhecida.

Para a realização deste trabalho é imprescindível a pesquisa “in loco”, ou seja, a aplicação de um questionário estruturado, com perguntas que objetivem a coleta dos termos gírios e suas formas de uso.

Por este motivo, solicitamos sua **autorização** para realizar entrevistas com adolescentes, recolhidos em três Unidades de Internação Provisória (CENSE 1) e três Unidades de Internação (CENSE 2), nas cidades de Londrina, Curitiba e Foz do Iguaçu, totalizando sessenta informantes (dez por unidade). As entrevistas deverão ser agendadas previamente, a fim de respeitar a rotina de cada unidade, seguirão o questionário em anexo e a sugestão é que seja aplicado pelo autor da pesquisa, de maneira individual, em local destinado a atendimento técnico.

Salientamos que essa pesquisa será de grande relevância para a sociedade, em especial para estudiosos da linguagem e das ciências sociais, assim como para profissionais que trabalhem com o atendimento a adolescentes infratores, uma vez que resultará na elaboração de um vocabulário com os termos coletados.

Certos de sermos compreendidos em nossa solicitação, agradecemos antecipadamente e colocamo-nos à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais.

Atenciosamente,
Prof. Julio César P. Corrêa

Mestrando em Estudos da Linguagem
prof.juliocorrea@gmail.com

Ciente:
Prof\ Dra. Aparecida N. Isquendo
Orientadora do trabalho
anegri.isquendo@terra.com.br

APÉNDICE 3 – Dicionarização do Vocabulário da Gíria de Adolescentes intrato

LEGENDA:
 ND: Não dicionarizado / DMA: Dicionarizado com a mesma acepção / DAD: Dicionarizado com acepção

Gíria	Remenche			Houaiss			Serra & Gurgel		
	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD
A pampa	X					X			X
Abraçar idéia	X			X			X		
Adianto	X			X					X
Agá		X		X			X		
Aliado	X			X			X		
Alimentar	X			X			X		
Alimento	X			X			X		
Apavorar	X			X			X		
Areia			X	X			X		
Areieiro	X			X			X		
Arrochar	X					X			X
Atacado	X				X			X	
Ativa	X			X			X		
Atrasar lado	X			X			X		
Atravessar	X			X			X		
Aurora	X			X					
Azul	X					X			X
B.O.	X			X					X
Badalo	X				X			X	
Bagulho			X		X			X	
Bala	X			X				X	
Bailarina	X			X					X
Baitola	X				X			X	
Banca	X					X			X
Bandido	X			X					X
Barão	X					X			X
Barca	X			X			X		
Barraco	X				X			X	
Baseado	X				X			X	
Bater rango	X			X				X	
Beque		X		X				X	
Berma	X			X			X		
Bicha	X				X			X	
Blindada	X			X			X		
Bobo		X			X			X	
Bocuda		X				X			X
Boga	X				X		X		
Boi		X		X				X	
Bolar idéia	X			X			X		
Boneco	X			X			X		
Borsa	X			X			X		
Botinho		X		X			X		
Boy	X				X		X		
Braite	X			X			X		
Brasa		X		X					X*

Gíria	Remenche			Houaiss			Serra & Gurgel		
	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD
Braite	X			X			X		
Brasa		X		X					X
Breu	X			X					X
Bronca	X				X			X	
Bruxa	X					X			X
Burca	X			X			X		
Bute		X			X			X	
Cabuloso		X				X		X	
Caçar assunto	X			X			X		
Cachola	X					X			X
Cachorro	X					X			X
Caetanar	X			X			X		
Caetano	X			X			X		
Caçara		X				X			X
Cair	X					X		X	
Calibre	X					X	X		
Cambuca	X			X			X		
Cambucar	X			X			X		
Cameliar	X			X			X		
Campana	X				X			X	
Campanar	X				X			X	
Câncer	X			X			X		
Caneco	X					X			X
Canhão	X					X			X
Cano		X			X			X	
Cantar a liberdade	X			X			X		
Cara	X					X			X
Caranga	X				X			X	
Carpano	X			X			X		
Carreta		X				X			X
Carroça	X					X			X
Castigueiro	X			X			X		
Catatau		X				X		X	
Cela	X			X			X		
Celite	X			X			X		
Cena	X			X			X		
Chá	X				X			X	
Chapado	X				X				X
Cheroso	X			X			X		
Chibuzinho	X			X			X		
Chocar	X			X			X		
Churros	X			X			X		
Cigarro preto	X			X			X		
Cinco	X			X			X		
Cinco-cinco	X			X			X		
Clarear	X					X			X

Gíria	Remenche			Houaiss			Serra & Gurgel		
	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD
Coca	X				X		X		
Coceira	X			X			X		
Cofre		X		X					X
Colar	X			X			X		
Colocar na linha	X			X			X		
Comer abeia	X			X			X		
Condena		X		X			X		
Condições	X			X			X		
Constar	X			X			X		
Corda	X					X			X
Coroa	X					X			X
Correr	X					X			X
Coruja		X				X			X
Couro	X				X		X		
Coxa-branca	X					X	X		
Crocodilagem	X				X			X	
Crocodilo	X				X			X	
Curtir	X				X			X	
Dar a letra	X			X			X		
Dar gesto	X			X			X		
Dar idéia	X			X			X		
Dar milho	X			X			X		
Dar nome	X			X			X		
Dar peido	X			X			X		
Dar um ar	X			X			X		
Dar um pião		X		X			X		
Dar um raio	X			X			X		
Dar um salve	X			X			X		
Dar um sapeco	X			X			X		
Dar um tapa		X		X				X	
Dar um tiro	X			X			X		
Dar uma força	X			X				X	
De boa	X			X			X		
De chuva	X			X			X		
De mil grau	X			X			X		
Debater	X				X			X	
Deixar baixo	X			X			X		
Deixar falando	X			X			X		
Deixar gelo	X			X			X		
Dentária	X			X			X		
Desandado	X			X			X		
Desbaratinar	X			X			X		
Descalço	X					X	X		
Desconheço	X			X			X		
Dezesseis		X		X			X		

Gíria	Remenche			Houaiss			Serra & Gurgel		
	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD
Dibox	X			X			X		
Dismaiado	X			X			X		
Doze		X		X			X		
Draga		X			X			X	
Dragão		X				X			X
Ducha	X				X		X		
Duque-treze		X		X			X		
Embaçado	X			X				X	
Embaló	X			X					X
Empenhar	X			X			X		
Enquadrar		X			X			X	
Enviar	X			X			X		
Espiritique	X			X			X		
Espumante	X			X			X		
Estar com o cu dando bote	X			X			X		
Estar de bode	X			X			X		
Estar de jega	X			X			X		
Estar ligado	X			X			X		
Estar magro	X			X			X		
Estoque		X			X			X	
Estrutural	X			X			X		
Externa	X			X			X		
Farinha		X		X				X	
Fazer		X		X				X	
Fazer a frente	X			X			X		
Fazer a ponte	X			X			X		
Fazer casinha	X			X			X		
Fazer corre	X			X			X		
Fazer gesto	X			X			X		
Fazer jogo	X			X			X		
Fazer uma média	X			X			X		
Fechar a cara	X			X			X		
Fechar o cu	X			X			X		
Ferramenta	X				X			X	
Ferro	X				X			X	
Fino	X			X				X	
Firmão		X			X			X	
Fita		X		X					X
Franga	X					X			X
Friz	X			X			X		
Fuja louco	X			X			X		
Fumar	X			X					X
Função	X			X			X		
Fundão	X					X			X
Fura-bolo	X					X	X		

Gíria	Remenche			Houaiss			Serra & Gurgel		
	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD
Galeto	X			X					X
Galo		X			X				X
Gambé		X		X				X	
Gancha		X		X				X	
Gás	X			X			X		
Gato	X					X			X
Gedois	X			X			X		
Geladeira	X			X			X		
Geral		X			X		X		
Gérica	X					X	X		
Giz	X			X			X		
Globo	X			X			X		
Gogó	X					X			X
Gole	X			X			X		
Goma	X			X			X		
Goró	X					X			X
Grafite	X			X			X		
Graxa	X			X			X		
Guerreira	X			X			X		
Gulosema	X			X			X		
Higiene	X			X			X		
Idéia	X					X	X		
Intrusão	X			X			X		
Ir de carroça	X			X			X		
Ir de embaló	X			X			X		
Isola	X			X			X		
Jaca			X		X		X		
Jacaré		X				X			X
Jack	X			X			X		
Janja	X			X			X		
Jega		X		X				X	
Jogar areia	X			X					X
Juba		X			X			X	
Jumbo		X		X			X		
Jurão			X	X					X
Ladrão	X					X			X
Lambão	X					X			X
Lançar	X			X			X		
Lance	X			X				X	
Larica	X				X			X	
Lasca	X					X			X
Latrô			X	X			X		
Leva-e-traz	X				X			X	
Levar desacerto	X			X			X		
Levar liga	X			X			X		
Libertina	X			X			X		
Ligar	X					X			X
Ligeiro	X			X			X		
Lingüiça	X				X			X	

Gíria	Remenche			Houaiss			Serra & Gurgel		
	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD
Luna		X		X			X		
Lupa		X		X				X	
Madeira	X					X	X		
Madeirar	X			X			X		
Magrão	X			X			X		
Mais além	X			X			X		
Maluco		X		X			X		
Mananciosa	X			X			X		
Mancada	X				X			X	
Mancoso		X		X			X		
Mandar um salve	X			X			X		
Manta	X			X			X		
Máquina		X			X			X	
Maquinado	X			X			X		
Mariguana	X			X			X		
Marretão	X			X			X		
Marrocos		X		X				X	
Mascão	X			X			X		
Mascar	X			X			X		
Máxima	X			X			X		
Medir a febre	X			X			X		
Meia-lua	X					X			X
Meiota	X					X			X
Miaral	X			X			X		
Milho	X					X			X
Mina		X			X			X	
Minazorde	X			X			X		
Mínima	X			X			X		
Moca		X				X			X
Mocar	X					X	X		
Mocorongo	X					X			X
Mocozar		X			X			X	
Moeda	X				X		X		
Mongo	X			X				X	
Morgado	X				X		X		
Moscão	X				X			X	
Mula			X			X			X
Mular	X			X			X		
Na corda	X			X			X		
Na encolha	X			X			X		
Na neura	X			X			X		
Na pedra	X			X			X		
Na segunda	X			X			X		
Naifa	X				X		X		
Não entendeu	X			X			X		
Negar voz	X			X			X		
No pente	X			X			X		
Oitão	X			X				X	
Olho-de-tandera	X			X			X		

Gíria	Remenche			Houaiss			Serra & Gurgel		
	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD
Onça	X					X			X
Oxinai	X			X			X		
P.H.	X			X			X		
Pá		X		X				X	
Pagar	X			X			X		
Pagar de grade	X			X			X		
Pagar ducha	X			X			X		
Pagar madeira	X			X			X		
Pagar veneno	X			X			X		
Paiero	X			X			X		
Pangüão	X			X			X		
Pano		X		X				X	
Pão	X					X			X
Papagaio		X			X			X	
Passar pano	X			X			X		
Pedra		X				X	X		
Pegar o beco	X			X				X	
Pegar o bonde	X			X			X		
Pegar o vôo	X			X			X		
Peido	X			X					X
Peidorreiro	X			X			X		
Peita	X			X			X		
Peixeira	X				X		X		
Pelota	X			X			X		
Pena	X					X	X		
Perna		X				X			X
Pesar		X				X			X
Pesar(-se)	X			X			X		
Pesar a cadeia	X			X			X		
Piá		X				X			X
Pilantra	X				X			X	
Pinha	X			X			X		
Pipo		X				X			X
Pisante		X			X			X	
Polpa	X			X			X		
Porco	X					X			X
Porva			X	X			X		
Praia	X					X			X
Presa	X			X			X		
Prestobarba	X			X			X		
Pufe	X			X			X		
Purunga	X			X			X		
Quadrada	X			X			X		
Quebrada	X			X			X		
Quebrar litro	X			X			X		
Quina		X			X			X	
Quincas	X					X	X		
Rachar	X					X			X
Railander	X			X			X		

Gíria	Remenche			Houaiss			Serra & Gurgel		
	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD	ND	DMA	DAD
Railander	X			X			X		
Rangar	X				X			X	
Rato		X			X			X	
Remo	X			X					X
Rex	X			X			X		
Rexona	X			X			X		
Sadia	X			X			X		
Sagrada	X			X			X		
Sair no cinco	X			X			X		
Sair pinado	X			X			X		
Se pá	X			X			X		
Seguro		X		X				X	
Sem Mancada	X			X			X		
Sistema	X			X			X		
Sobre	X			X			X		
Tamarana	X			X			X		
Tatu		X				X			X
Tchau	X			X			X		
Tela	X			X			X		
Teresa		X			X			X	
Tia		X				X			X
Tirar	X					X	X		
Tirar castelo	X			X			X		
Tirar descanso	X			X			X		
Tirar pira	X			X			X		
Tirar sossego	X			X			X		
Tirar uso	X			X			X		
Tirar visita	X			X			X		
Traíra	X			X				X	
Trem-bala	X			X			X		
Trepado	X			X				X	
Treta		X				X		X	
Trombar	X			X			X		
Tropelo	X			X			X		
Uma mão	X			X			X		
Um-cinco-cinco	X			X			X		
Vacilão	X			X					X
Vazar	X			X				X	
Veneno	X				X			X	
Ventana	X				X		X		
Verde	X					X	X		
Verídico	X			X			X		
Verme	X					X	X		
Vina	X			X				X	
Virar a cadeia	X			X			X		
Viva	X			X			X		
Vulgo	X			X			X		
Xis	X			X					X
Zinco	X				X		X		
Zoiuda		X		X			X		